

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
PROJETO EXPERIMENTAL EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA I – MONOGRAFIA

LEANDRO CAVALCANTI PEREIRA

A MANIFESTAÇÃO DA TRIBO EMO NO SITE DE RELACIONAMENTOS ORKUT

PORTO ALEGRE
2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
PROJETO EXPERIMENTAL EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA I – MONOGRAFIA

LEANDRO CAVALCANTI PEREIRA

A MANIFESTAÇÃO DA TRIBO EMO NO SITE DE RELACIONAMENTOS ORKUT

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação do Prof. Dr. Alex Fernando Teixeira Primo.

PORTO ALEGRE
2006

RESUMO

Este trabalho foi realizado com o objetivo de analisar os “emos” enquanto tribo e observar o uso feito por ela do site de relacionamentos chamado Orkut. Para isto, foi feita uma introdução sobre a Comunicação Mediada por Computador, com um breve histórico da Internet e da micro-informática. Fez-se, num segundo momento, uma radiografia do sistema do Orkut, em paralelo com um olhar teórico sobre comunidades virtuais. Posteriormente, foram compiladas algumas idéias sobre o tribalismo pós-moderno – sobretudo de acordo com o sociólogo francês Michel Maffesoli – que foram então aplicadas na caracterização da tribo emo. Por fim, houve uma observação empírica da manifestação desta tribo no Orkut, contando com uma pesquisa qualitativa feita entre emos que estão cadastrados nesta rede de amizades. Os dados obtidos permitiram avaliar como esta tribo se manifesta no Orkut, e a contribuição do site na disseminação e consolidação da tribo.

PALAVRAS-CHAVE: Emo. Orkut. Comunicação Mediada por Computador. Tribalismo. Comunidades Virtuais.

ABSTRACT

This work has been made with the goal of analyzing “emos” as a tribe and observing their use of the social network called Orkut. To achieve this, an introduction about Computer-Mediated Communication (CMC) has been made, with a brief history of the Internet and micro computing. In a second moment, there is an x-ray of the Orkut system, in parallel with a theoretical glance upon virtual communities. Posteriorly, some ideas about post-modern tribalism were compiled – especially according to French sociologist Michel Maffesoli – and then applied on the characterization of the emo tribe. At last, there was an empirical observation of the manifestation of this tribe on Orkut, along with a qualitative research led among emos registered in this social network. The obtained data allowed evaluating how this tribe manifests itself on Orkut, and the site’s contribution to the dissemination and consolidation of the tribe.

KEYWORDS: Emo. Orkut. Computer-Mediated Communication. Tribalism. Virtual communities.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 COMUNICAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR	7
2.1 HISTÓRICO DA INTERNET	7
2.2 A MICRO-INFORMÁTICA	13
2.3 A EVOLUÇÃO DOS RECURSOS DE CMC	16
2.3.1 E-MAIL E LISTAS DE DISCUSSÃO.....	18
2.3.2 BBS, USENET E FÓRUNS DE DISCUSSÃO.....	21
2.3.3 MUD E JOGOS ONLINE.....	24
2.3.4 IRC, SALAS DE BATE-PAPO E INSTANT MESSAGERS.....	26
2.3.5 BLOGS E FOTOLOGS.....	31
2.3.6 REDES DE RELACIONAMENTO.....	34
3 ORKUT E COMUNIDADES VIRTUAIS	36
3.1 O FUNCIONAMENTO DO ORKUT	38
3.1.1 PERFIL DE USUÁRIO.....	39
3.1.2 ADICIONANDO E GERENCIANDO AMIGOS.....	41
3.1.3 AS PRINCIPAIS FERRAMENTAS DE INTERAÇÃO ENTRE MEMBROS.....	43
3.1.3.1 RECADOS.....	44
3.1.3.2 DEPOIMENTOS.....	45
3.1.3.3 MENSAGENS.....	46
3.1.3.4 FÓRUNS DE DISCUSSÃO.....	46
3.2 COMUNIDADES DO ORKUT E COMUNIDADES VIRTUAIS	47
3.2.1 COMUNIDADE VIRTUAL VS. ESTABELECIMENTO VIRTUAL.....	54
4 A CONDIÇÃO PÓS-MODERNA E A TRIBO EMO	58
4.1 A VIDA SOCIAL CONTEMPORÂNEA E O TRIBALISMO	58
4.2 O MOVIMENTO EMO	65
4.2.1 A MÚSICA.....	65
4.2.2 A TRIBO.....	73
5 A MANIFESTAÇÃO DA TRIBO EMO NO ORKUT	81
5.1 METODOLOGIA DA PESQUISA	81
5.2 ANÁLISE DA MANIFESTAÇÃO DA TRIBO EMO NO ORKUT	83
5.2.1 OS PERFIS DOS EMOS NO ORKUT.....	84
5.2.2 OS NOMES DOS EMOS NO ORKUT.....	87
5.2.3 A LINGUAGEM DOS EMOS NO ORKUT.....	89
5.2.4 A INTERAÇÃO ENTRE OS EMOS NO ORKUT.....	93
5.2.5 EMOS SE CONHECENDO PELO ORKUT.....	96
5.2.6 O PRECONCEITO E A ÉTICA.....	98
5.3 O TRIBALISMO NO ORKUT	100
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	106
ANEXOS	108

1 INTRODUÇÃO

De alguns anos para cá, milhares de adolescentes das grandes cidades brasileiras vêm sendo conquistados por um novo estilo de vida. São os emos: jovens sensíveis que apreciam um gênero de rock pesado com letras emotivas, e adotam todo um visual e comportamento peculiares, que os tornam facilmente identificáveis nas ruas. Eles também passam muito tempo conectados na Internet, e, neste âmbito, é notável sua presença no Orkut, uma rede virtual de amizades inaugurada no início de 2004 pela empresa Google.

Os objetivos do presente trabalho são: apresentar este novo movimento, verificar como ele reflete as idéias do sociólogo francês Michel Maffesoli sobre o tribalismo pós-moderno, e observar o uso que é feito pelos emos do site de relacionamentos Orkut – esta ferramenta comunicacional que se tornou grande fenômeno entre os internautas brasileiros.

O primeiro estágio do desenvolvimento traça um histórico da Comunicação Mediada por Computador, acompanhando a evolução da Internet e da micro-informática. Esta etapa busca proporcionar uma melhor compreensão da atual conjuntura tecnológica, que permite a interação entre indivíduos por meio da rede mundial de computadores de forma cotidiana – conjuntura na qual se insere o Orkut.

No capítulo seguinte é feita uma análise detalhada do sistema do Orkut, com foco nos recursos que favorecem a comunicação entre seus usuários. É feita também uma revisão teórica – baseada em André Lemos, entre outros autores – para relacionar as comunidades do Orkut aos conceitos de comunidades virtuais.

O quarto capítulo apresenta principalmente as noções maffesolianas acerca da vida social pós-moderna e do tribalismo que dela emerge. Com base nessas noções, é feita, posteriormente, a detalhada caracterização da tribo emo, guiada por conceitos como *estética*, *ética*, *cimento social*, *costume*, *ritual*, *máscara*, *presenteísmo*, *hedonismo*, *conformismo*, *efemeridade*, e precedida por um breve histórico do gênero musical que serve como fio condutor desta tribo.

A última etapa analisa a manifestação da tribo emo no Orkut: que recursos os emos usam para serem reconhecidos como tal na rede, como eles interagem entre si virtualmente, como eles discutem os sentimentos compartilhados; enfim, como o site contribui para a consolidação desta tribo que tanto o utiliza. Esta investigação foi feita através de observação empírica do site, associada a uma pesquisa qualitativa em forma de questionário, que foi respondido por membros da tribo emo usuários do Orkut.

Este trabalho não se propõe como definitivo no estudo dos assuntos abordados; ele apenas tenta levantar uma discussão acadêmica sobre a recente mania emo e sobre comportamentos sociais proporcionados pela rede virtual do Orkut enquanto um meio de Comunicação Mediada por Computador. Espera-se que o presente estudo possa contribuir, mesmo que brevemente, para futuras pesquisas sociológicas e comunicacionais a respeito desta tribo e também do site Orkut.

2 COMUNICAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR

Desde o início do processo de popularização da Internet, na metade da década de 90, tem escalado vertiginosamente a utilização do computador como facilitador da comunicação interpessoal à distância. Podemos logo lembrar a revolução apresentada pelo e-mail (ou correio eletrônico), a explosão das salas de bate-papo e do *Internet Relay Chat* (IRC), ou os softwares de conversação instantânea (*instant messengers* – IM) popularizados inicialmente pelo ICQ. Mas estes são apenas alguns exemplos relativamente recentes de como a tecnologia pode influenciar a comunicação entre indivíduos; seria um equívoco considerar estas como as primeiras ou únicas manifestações daquilo que convencionou-se chamar de Comunicação Mediada por Computador (CMC). Para traçar um histórico apropriado deste fenômeno, devemos nos voltar ao final dos anos 60, época do surgimento do embrião da rede mundial de computadores que conhecemos hoje, e a partir daí acompanhar seu desenvolvimento, junto ao da micro-informática, nas três décadas posteriores.

2.1 HISTÓRICO DA INTERNET

Só podemos falar em Comunicação Mediada por Computador a partir do momento em que é estabelecida uma conexão remota entre duas máquinas, e isso foi alcançado pela primeira vez em 1969¹. O processo teve início no contexto da Guerra Fria: em fevereiro de 1958, o governo norte-americano criou a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada da Defesa (*Defense Advanced Research Projects Agency* – DARPA), com o intuito de reconquistar a ponta na corrida tecnológica após o lançamento da Sputnik, o primeiro satélite artificial enviado ao espaço, pela rival URSS. A partir de 1964, enquanto os EUA buscavam

¹ Fonte: Wikipedia.org. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet>> e <<http://en.wikipedia.org/wiki/Internet>>. Acesso em: 24 maio 2006. Esta é a fonte dos demais dados históricos deste capítulo, exceto quando outra fonte for explicitamente indicada.

meios para a manutenção e a disseminação segura de informações vitais e confidenciais, instituiu-se dentro desta organização um grupo focado na pesquisa de computadores, encabeçado por J.C.R. Licklider, que era chefe do escritório de processamento de informação da DARPA na época e que articulara alguns anos antes as primeiras idéias concretas a respeito de uma rede interligada de computadores. Mas seu sucessor no cargo, Robert Taylor, foi quem levou tais idéias a cabo. Foi em 21 de novembro de 1969 que se estabeleceu uma primeira conexão, entre uma máquina situada na UCLA e outra na SCI (ambas universidades da Califórnia). Em questão de duas semanas, formou-se uma rede de quatro pontos, com a adição da University of California Santa Barbara e da University of Utah. Em 1972, o progresso deste projeto dava origem à ARPANET, o núcleo primário daquilo que mais tarde se tornaria a Internet.

Enquanto esta rede ia crescendo – em 1973 já foi estabelecido o primeiro *link* internacional, entre os EUA e a Noruega –, crescia também a necessidade de se encontrar um protocolo oficial, isto é, uma série de convenções que padronizassem o formato dos pacotes de dados e, de forma geral, as regras a serem seguidas no tráfego desses dados. Após muita pesquisa nesse sentido, foi feita em 1977 a primeira demonstração do protocolo TCP/IP (*Transmission Control Protocol / Internet Protocol*), método que se espalhou rapidamente entre as redes da ARPANET e tornou-se oficial em 1983, substituindo definitivamente o protocolo mais usado até então, chamado NCP (*Network Control Protocol*). Essa padronização foi um passo essencial para a disseminação bem-sucedida da grande rede – note-se que o TCP/IP é o protocolo principal da rede mundial de computadores até os dias de hoje.

A esta altura, no início dos anos 80, as interconexões somente possibilitavam Comunicação Mediada por Computador entre cientistas e militares, e com o objetivos específicos de pesquisa: usos comerciais eram estritamente proibidos. Em 1984, as duas categorias supracitadas foram divididas, quando a parte da ARPANET relacionada ao exército americano se separou, formando a MILNET – e a partir de então a ARPANET restringiu-se às universidades, à ciência. Ao mesmo tempo, um outro departamento do governo americano passou a se envolver em pesquisas acerca da Internet, determinado a desenvolver uma estrutura sucessora à ARPANET. Era a *National Science Foundation* (NSF), que em 1986 deu origem à NSFNet, uma rede projetada especificamente para o TCP/IP que é considerada um grande marco na evolução das redes telemáticas² por ter conectado, no dito ano, alguns centros de supercomputadores entre si.

No fim dessa década, houve a abertura da grande rede para fins comerciais, e assim surgiram os primeiros provedores de acesso. Empresas como PSINet, UUNET, Netcom e Portal ofereciam conexão a redes regionais de pesquisa e até notícias e e-mail (em formas primitivas, é claro) ao público. O primeiro provedor de acesso discado veio em 89. Inicialmente, essa abertura ao uso não-educacional descontentou a classe universitária, mas foi a disseminação desses provedores comerciais que acabou barateando custos, o que, por sua vez, tornou possível a participação das mais diversas faculdades e escolas nesses novos rumos de pesquisa e ensino.

² O termo "telemático" teria sido criado nos anos 80, por Simon Nora e Alain Mine, para descrever as tecnologias provenientes da convergência dos computadores com os sistemas de telecomunicação.

Substituída, a ARPANET deixou de existir em março de 1990. Foi em torno deste ano que o termo “Internet”³ começou a circular. *A priori*, “uma Internet” significava, basicamente, uma rede qualquer regida pelo protocolo TCP/IP; em um segundo momento, “a Internet” passou a se referir à rede global que ia se estabelecendo usando este protocolo – e assim, lentamente, esse termo foi substituindo o nome NSFNet. Isso acontece à medida que a abertura comercial da Internet e a posterior concessão da mesma do governo americano às grandes corporações fazem brotar inúmeras redes e provedores, o que terminou por destituir a NSFNet do posto de *backbone* (espinha dorsal) da grande rede. Nesse início da década de 90, com a aderência de cada vez mais países em todos os continentes, esta grande rede começou a ganhar contornos que logo a levariam ao interesse do público.

Se até esse ponto a Comunicação Mediada por Computador era algo restrito à troca de texto, isso tomou novos rumos com o desenvolvimento do HTML (*Hypertext Markup Language*). Trata-se da linguagem de marcação que padronizou a produção de conteúdo para páginas da Internet. Por meio de comandos traduzidos por *tags* (do inglês, “etiquetas”), tornou-se possível produzir páginas (as chamadas *homepages*, ou ainda *websites*) em hipertexto que pudessem ser decodificadas por programas de navegação (*browsers*), o que possibilitou, em seguida, o estabelecimento da *World Wide Web* (WWW), ou simplesmente *Web*, à qual voltaremos mais adiante. Antes, recorremos a uma definição de hipertexto segundo André Lemos, para compreendermos o impacto desse recurso na Comunicação Mediada por Computador:

Os hipertextos [...] são informações textuais, combinadas com imagens (animadas ou fixas) e sons, organizadas de forma a promover uma leitura (ou navegação) não-linear, baseada em indexações e associações de idéias e conceitos, sob a forma de

³ Vale notar que já existia aí a divisão entre os que escreviam “internet”, com letra minúscula, e “Internet”, com maiúscula. Essa questão persiste até hoje, sendo ambas opções aceitas. Neste trabalho, como se vê, foi eleita a segunda.

links. Os *links* funcionam como portas virtuais que abrem caminhos para outras informações. O hipertexto é uma obra com várias entradas, onde o leitor/navegador escolhe seu percurso pelos *links* (LEMOS, 2002, p. 130).

Em outras palavras, o hipertexto, através da linguagem HTML, permitiu a adição da multimídia (imagens e sons) aos dados transmitidos através das redes da Internet, o que enriqueceu muito a comunicação entre indivíduos através de computadores. Também foi um passo marcante em termos de interatividade, pois, como ainda destaca Lemos (2002), o hipertexto permite que o leitor trace seu próprio percurso na navegação do conteúdo, fugindo da linearidade inerente a outros formatos mais rígidos, como o livro, por exemplo. Graças à dinâmica dos *links*, cada leitor vai vivenciar o conteúdo a sua maneira, vasculhando diferentes associações em diferentes momentos. Claro, ele ainda estará “preso” àquilo que o autor da página publicou e aos elos (*links*) que ele estabelecer, mas mesmo assim existe um grau inegável de interação que, embora assim limitado, representou grande avanço.

Este avanço – aliado ao estabelecimento do HTTP (*Hypertext Transfer Protocol*) como o protocolo que passou a determinar como navegadores e servidores transferiam informação um ao outro, e à URL (*Universal Resource Locator*), que padronizou o formato dos endereços de recursos disponíveis em uma rede (sites, arquivos, *hardware* compartilhado, etc.) – pôde finalmente dar origem à WWW. O conceito de WWW é frequentemente confundido com o da própria Internet, sendo ambos muitas vezes tratados como sinônimos no dia-a-dia, o que é um equívoco. A WWW é um recurso que se manifesta através da infraestrutura da Internet, ou seja, a WWW é apenas uma parte, um serviço contido na Internet – provavelmente o mais popular deles, ao lado do correio eletrônico (e-mail, do qual ainda trataremos). A Internet é uma “rede de redes” de computadores interligados fisicamente, seja por fios de cobre, cabos de fibra ótica ou por conexões sem fio, enquanto a *Web* é uma coleção de documentos virtuais, interligados através de *links* e endereçados por URL’s, e que

são acessados e visualizados através de *browsers*, que são softwares de navegação. É na WWW que visitamos os sites; é ela que representa a grande biblioteca virtual e mundial que os pioneiros da Internet vislumbravam.

Mosaic, o primeiro *browser* de notoriedade, veio em 1993, e no ano seguinte foi lançado o primeiro *browser* amplamente comercial: o Netscape Navigator. Talvez seja possível tomar este lançamento como o grande estopim para a verdadeira explosão da Internet. Adquirir este software e contratar um provedor de acesso eram os dois passos básicos que separavam qualquer proprietário de um computador pessoal da “auto-estrada da informação”. Ao alcançarmos a metade da década, a gigante Microsoft, que até então praticamente ignorava o fenômeno da Internet, arregaçou as mangas e colocou à venda o navegador Internet Explorer. Assim iniciava-se a “guerra dos *browsers*”, num momento em que todos queriam fazer parte daquela que, como aponta Lemos (2002), era uma revolução sem precedentes na história da humanidade. “Pela primeira vez o homem pode trocar informações, sob as mais diversas formas, de maneira instantânea e planetária” (LEMOS, 2002, p. 123).

Era difícil prever ao certo que rumo aquilo tomaria: seria uma moda passageira, ou uma tecnologia que chegaria para ficar? Mas hoje – enquanto paga-se contas, faz-se compras, recebe-se notícias, conversa-se com amigos distantes, obtém-se música e entretenimento, disputa-se jogos remotamente, tudo online – parece evidente que a segunda opção era a mais certa. O fenômeno estourou sem volta, a idéia de aldeia global foi consolidada, e atualmente os usuários de Internet passam de 1 bilhão – impressionantes 15% da população mundial, após um crescimento de mais de 183% apenas entre 2000 e 2005⁴. Porém, é preciso

⁴ Fonte: Internet World Stats. Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>>. Acesso em: 16 maio 2006. Dados atualizados em 31 de março de 2006.

perceber que essa notável popularização não teria sido possível sem a evolução da própria micro-informática, que transformou os computadores que ocupavam salas inteiras em máquinas pessoais de uso simplificado. Vamos agora voltar nossa atenção a esse processo.

2.2 A MICRO-INFORMÁTICA

O primeiro computador de que se tem notícia chamava-se ENIAC (*Electronic Numerical Integrator Analyzer and Computer*). Sua construção foi concluída em 1945 pelo governo norte-americano, três meses após o término da II Guerra Mundial, na qual pretendia-se utilizar seus cálculos. A máquina era composta de mais de 17 mil válvulas, ocupava todo um galpão imenso, e era pacientemente programada através da combinação de cerca de 6 mil chaves manuais – tudo isso em troca de uma capacidade de processamento inferior ao das calculadoras mais simples dos dias atuais⁵. Desnecessário dizer que, se os computadores não tivessem evoluído tanto a partir disso, de nada adiantaria interligá-los numa rede mundial da magnitude da Internet: nenhum cidadão comum teria habilidade – e nem mesmo um bom motivo – para utilizar essas máquinas. É por isso que o desenvolvimento da micro-informática, até a ambiciosa concretização do computador pessoal (PC), é tão relevante para a compreensão da conjuntura tecnológica atual, e todas as possibilidades de CMC que dela brotam.

Breton (apud LEMOS, 2002) afirma que a formação da micro-informática se deve ao desenvolvimento da ciência a partir dos anos 40, divididos pelo autor em três estágios principais. No primeiro, até 1960, tivemos a cibernética, a inteligência artificial, a tecnologia de comunicação de massa. No segundo, entre 60 e 70, vieram sistemas ligados a

⁵ Fonte: Guia do Hardware. Disponível em: <<http://www.guiadohardware.net/termos/eniac>>. Acesso em: 24 maio 2003.

universidades e pesquisas militares, com sensível redução no tamanho das máquinas. O terceiro, a partir da década de 70, representaria a consolidação da micro-informática, através do PC, e das redes telemáticas, da ARPANET à Internet de hoje, como já vimos. Lemos propõe aí a adição de uma quarta fase, entre o fim do Segundo Milênio e o presente, em que a popularização do ciberespaço⁶ teria transformado o computador pessoal num “computador conectado (CC)” (LEMOS, 2002, p. 108).

Embora a micro-informática só tenha dado frutos populares nos anos 80, desde os 40 já existia no meio acadêmico a vontade de tornar o computador mais fácil de usar, ou *user-friendly* (amigável ao usuário). Segundo Lemos (2002), Doug Engelbart, do Stanford Research Institute (SRI), que estava em uma das pontas daquela primeira conexão da ARPANET em 1969, foi quem inventou o processador de texto, o mouse e as janelas com menus. Já nessa época, pioneiros como Engelbart, Licklider e Taylor (esses dois últimos, chefes da DARPA, como vimos anteriormente) já percebiam as implicações que as inovações tecnológicas poderiam trazer ao âmbito da CMC, e indo além, já versavam sobre as comunidades virtuais (às quais retornaremos em outro capítulo):

O que as comunidades interativas online serão? Na maioria dos campos elas consistirão de membros separados geograficamente, às vezes agrupados em pequenas agregações, às vezes trabalhando individualmente. Elas serão comunidades não de localidade comum, mas de interesse comum (LICKLIDER apud LEMOS, 2002, p. 110).

Ainda de acordo com Lemos (2002), o primeiro microcomputador veio em 1975 e foi batizado de Altair. Dois anos depois, nascia em uma garagem, pelas mãos de Steve Jobs e Steve Wozniak, o Apple II. Em 81 a IBM lançou o primeiro *Personal Computer*. “O surgimento do Apple Macintosh, em 1984, parece ser emblemático da mudança paradigmática

⁶ Na definição de seu criador, William Gibson, o termo “ciberespaço” descreve um espaço não-físico composto por um conjunto de redes de computadores através das quais todas as informações circulam. Em outras palavras, a Internet.

que estava ocorrendo nesse momento” (LEMOS, 2002, p. 111). Lemos (2002) afirma que a noção de interface gráfica, decisiva para a apropriação social dos micro-computadores, foi popularizada pelo Apple Macintosh. “O objetivo do Macintosh era trazer ao grande público um sistema de manipulação de informações de fácil manuseio fazendo analogias com os objetos do nosso dia-a-dia (pastas, arquivos, lixeiras...)” (LEMOS, 2002, p. 117). Esse fácil manuseio era feito através de um apontador, o mouse, que manipulava os ícones na tela.

Embora atualmente já tenhamos a possibilidade de interagir com máquinas através de imersão em Realidade Virtual, a imagem que nos vem à mente até hoje quando falamos em interface gráfica ainda é essa: mouse, janelas, ícones e menus. Isso representou um grande progresso desde as chaves e as válvulas do ENIAC. E é esse progresso que permitiu a verdadeira democratização das tecnologias, que assim saíram do domínio dos cientistas e dos militares e, com o tempo, caíram nas mãos do cidadão comum. “Computadores para o povo”, era o lema da micro-informática. É esse espírito que vai possibilitar a consolidação da cibercultura⁷ e, concomitantemente, a proliferação da CMC como um todo.

Com o passar do tempo, após esses marcos iniciais, a evolução da micro-informática seguiu velozmente sua ordem natural: o incessante processo de miniaturização de seus componentes e o correlato aumento da memória e da capacidade de processamento deles, resultando em máquinas cada vez mais potentes e baratas, com softwares sempre se adequando às capacidades dos hardwares mais recentes. Eis o progresso que nos trouxe aos computadores e programas que utilizamos hoje e que, indubitavelmente, prosseguirá nos levando até os de amanhã.

⁷ Em uma breve definição dada por Lemos (2002), cibercultura é uma nova cultura contemporânea, resultante da associação entre as tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, etc.) e a vida social pós-moderna. Abordaremos este conceito novamente em outros momentos.

Aliando isso à evolução da *World Wide Web*, cujas linguagens e tecnologias mais recentes a elevaram a uma segunda geração que tem sido chamada de Web 2.0⁸, e da própria Internet, que através de inovações constantes em seus meios de transmissão de dados pode oferecer facilidade e velocidade de acesso cada vez maiores aos internautas (a custos cada vez menores), obtemos o quadro tecnológico atual, em que o ciberespaço é parte integrante de nosso cotidiano, indispensável para nossa comunicação com outros indivíduos e para incontáveis outras tarefas. “A network that was originally designed to survive a nuclear attack evolved into a citizen's thinking tool, and the structured conversations on the network among people from so many different cultures grew out of national emergency planning⁹” (RHEINGOLD, 1993, online).

A seguir, comentaremos individualmente alguns dos recursos mais populares de Comunicação Mediada por Computador que usamos nos nossos dias, não sem traçar um breve panorama sobre os primeiros instrumentos utilizados com esse fim, em décadas passadas.

2.3 A EVOLUÇÃO DOS RECURSOS DE CMC

É no site Wikipedia¹⁰, que se propõe a ser uma enciclopédia online gratuita e massiva, editada livremente por qualquer internauta, que podemos encontrar uma definição¹¹ muito apropriada de Comunicação Mediada por Computador:

⁸ Esse termo tem sido usado desde o final de 2004, para destacar as mais recentes levas de serviços e aplicativos disponíveis na WWW, que permitem uma maior interação do usuário no ciberespaço ao diminuir a distância entre este e sua própria área de trabalho (*desktop*). RSS Feed, Ajax, CSS, Java e XHTML são algumas das tecnologias que tornaram isso possível.

⁹ Tradução do autor: “Uma rede que foi originalmente projetada para sobreviver a um ataque nuclear evoluiu a uma ferramenta de pensamento do cidadão, e as estruturadas conversações na rede entre pessoas de tantas culturas diferentes cresceu de um planejamento de emergência nacional”.

¹⁰ Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Main_Page>. Acesso em: 17 maio 2006.

¹¹ Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Computer_mediated_communication>. Acesso em: 17 maio 2006.

Computer-Mediated Communication (CMC) is any form of communication between two or more individual people who interact and/or influence each other via separate computers through the Internet or a network connection - using social software. CMC does not include the methods by which two computers communicate, but rather how people communicate via computers¹² (WIKIPEDIA.ORG, online).

Ironicamente, a citação não tem autor justamente pela dinâmica do Wikipedia, que permite a qualquer um dar entrada, anonimamente, a qualquer tipo de informação, com filtragem limitada. Isso nos remete a discussões acerca da validade das informações encontradas na Internet, prós e contras da democratização da informação, e ainda questões sobre censura na *Web*, mas este trabalho não se propõe a entrar em tais discussões.

Como mostram os exemplos que estão prestes a serem abordados, a CMC se manifesta principalmente através de troca de textos (e durante muitos anos foi exclusivamente assim), mas as imagens, sons e vídeos vêm sendo incluídos cada vez mais nesse processo – uma inclusão que é mais recente por exigir conexões rápidas (maior largura de banda¹³), visto que arquivos de imagens, sons e vídeos são maiores, mais “pesados” do que simples texto.

As aplicações de CMC podem ser comparadas através de critérios diversos, como sincronismo, durabilidade e anonimidade¹⁴. O primeiro diz respeito à instantaneidade da troca de mensagens, isto é: podemos ter um “toma-lá-da-cá” que acontece em tempo real, reproduzindo a dinâmica de uma conversação verbal, ou um indivíduo enviando sua mensagem e tendo que esperar indefinidamente pela resposta do outro. A segunda característica mede o tempo em que a mensagem fica registrada antes de ser descartada e/ou

¹² Tradução do autor: “Comunicação Mediada por Computador (CMC) é qualquer forma de comunicação entre dois ou mais indivíduos que interagem e/ou se influenciam via computadores separados, através da Internet ou de uma conexão de rede – usando software social. CMC não inclui os métodos pelos quais dois computadores se comunicam, mas sim como pessoas se comunicam via computadores”.

¹³ Largura de banda, no contexto da Internet, é a medida da quantidade de informação que pode ser transferida de um ponto da rede a outro, durante determinado período. Ou seja, reflete a velocidade de transmissão de dados de uma conexão à Internet.

¹⁴ Conceitos sugeridos em artigo disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Computer-mediated_communication>. Acesso em: 24 maio 2006.

perdida. Por fim, anonimidade refere-se à capacidade ou não do usuário enviar mensagens sem revelar sua identidade ou quaisquer dados pessoais, e é uma questão mais relativa às propriedades do programa utilizado do que às da comunicação propriamente dita.

2.3.1 E-MAIL E LISTAS DE DISCUSSÃO

O correio eletrônico tem a idade da Internet, visto que naquela primeira transmissão de dados em 1969, o que foi enviado foi uma mensagem de texto. Hoje chamamos de e-mail tanto as mensagens eletrônicas que são transmitidas através da Internet (com base no protocolo SMTP, que quer dizer *Simple Mail Transfer Protocol*, algo como Protocolo de Transferência de Correio Simples) quanto aquelas espalhadas por uma *intranet*, ou seja, uma rede interna de computadores conectados em rede por meio de cabos, sem intermédio de servidores externos – como numa empresa, por exemplo.

Desde o desenvolvimento da ARPANET até o *boom* da Internet, o e-mail sempre foi considerado o aplicativo mais útil e atrativo da grande rede, aquele responsável por despertar o interesse de todos os públicos para o mundo digital. Atualmente, o fluxo de mensagens via e-mail já supera o uso do correio tradicional (LEMOS, 2002). Também pudera: através dele, tornou-se possível trocar informação escrita entre cantos opostos do mundo, numa operação muito rápida. Sob esse ponto de vista, o e-mail representou uma verdadeira revolução ao quebrar todas as barreiras geográficas na comunicação escrita. Assim, “o e-mail nos trouxe de volta à aurora da própria escrita, a um tempo onde o conhecimento era transmitido oralmente” (LESLIE apud LEMOS, 2002, p. 158). Mas vale notar que a escrita não permaneceu incólume nessa “redescoberta”: logo surgiram abreviações e deturpações da língua culta escrita, mesmo conscientes, com o intuito de agilizar a digitação e, conseqüentemente, a comunicação.

Surgiram também os *emoticons* (também chamados de *smileys* e até de “caracteretas”), símbolos gráficos montados com os caracteres do teclado a fim de expressar mais diretamente as emoções ou reações de indivíduos que só tinham texto para transmiti-las. Exemplos: :) significa “feliz, alegre”, :(significa “triste”, :~ representa choro, assim como ;-) representa uma piscada... E por aí vai, as combinações são incontáveis. Esses vícios nasceram no correio eletrônico, mas acabaram se alastrando a toda modalidade de CMC que envolva texto. Voltaremos a comentar isso.

Graças às conexões de banda larga, hoje o envio de uma mensagem de texto via e-mail demora frações de um segundo. É possível, ainda, anexar quaisquer arquivos a estas mensagens de texto, o que permite dar um toque multimídia a este instrumento: basta querermos compartilhar imagens, arquivos de áudio ou mesmo de vídeo, etc.

Quanto às características do correio eletrônico como meio de CMC: podemos inferir que é um instrumento assíncrono, no sentido de que a comunicação, através dele, não reproduz a sincronia de uma conversação: uma mensagem é enviada do indivíduo A ao B, e B responderá assim que puder ou que lhe convir, o que pode demorar um minuto ou um ano. Em contrapartida, a mensagem é, em tese, durável, pois geralmente é mantido um registro permanente de cada e-mail enviado e recebido, seja no software de visualização de correio eletrônico (como o popular Outlook Express, da Microsoft) ou no *webmail*¹⁵ – a menos que não seja da vontade do usuário, que pode também apagar mensagens quando quiser, é claro. E quanto ao anonimato, não é possível trocar e-mails sem informar nome e, obviamente, revelar o próprio endereço de e-mail. Claro, um sujeito mal-intencionado pode sempre configurar uma conta de e-mail com dados falsos, mas isso não vem ao caso.

¹⁵ *Webmail* é um serviço dos provedores de acesso que permite que o internauta confira seu correio eletrônico de qualquer computador com acesso à Internet, através da WWW, sem precisar de um cliente (software) de e-mails instalado e configurado com suas informações.

A função primordial do e-mail, como fica evidente, é manter contato entre indivíduos. Mas vale notar que isso pode se dar tanto no esquema “um-para-um” (de um indivíduo para outro) quanto no “um-para-vários” (a mensagem vai de seu autor a vários recipientes ao mesmo tempo, automaticamente). Para realizar esse último método, pode-se tanto adicionar manualmente vários destinatários a uma mensagem, quanto criar uma lista de e-mails, também chamada de lista de discussões.

One of the characteristics of e-mail is that it is easy to send a one-line message or a hundred-page file to one or a thousand people. [...] If you get a message from one person on a mailing list, you can reply privately to that person, or you can reply to everybody on the list. Suddenly, correspondence becomes a group conversation¹⁶ (RHEINGOLD, 1993, online).

Uma lista de discussão é uma ferramenta gerenciável pela Internet que permite uma agremiação de indivíduos acerca de um interesse em comum, para a troca ágil de mensagens via e-mail entre todos os membros do grupo. É preciso cadastrar a lista num site que ofereça o serviço¹⁷ e depois convidar os indivíduos interessados em participar. O usuário que, dessa forma, “funda” o grupo, geralmente mantém depois a função de moderador, fazendo decisões sobre o funcionamento da lista e tendo o poder de incluir ou excluir participantes como achar melhor. Se as configurações da tal lista permitirem, esses participantes podem também adentrar e abandonar a lista por si próprios, através de uma simples requisição por e-mail. Após estabelecido um grupo, uma mensagem escrita por um dos membros e enviada para o endereço da lista será remetida automática e simultaneamente à caixa postal de cada um dos cadastrados.

¹⁶ Tradução do autor: “Uma das características do e-mail é que é fácil enviar uma mensagem de uma linha ou um arquivo de cem páginas para uma ou para mil pessoas. [...] Se você receber uma mensagem de uma pessoa numa lista de e-mails, você pode responder privadamente para essa pessoa, ou você pode responder para todos da lista. Repentinamente, a correspondência se torna uma conversação grupal”.

¹⁷ Por exemplo, o Yahoo!, que oferece o Yahoo!Groups, uma opção muito utilizada entre as gratuitas. Disponível em: <<http://groups.yahoo.com>>. Acesso em: 17 maio 2006.

Essas listas possuem as mesmas propriedades básicas comunicacionais da mensagem comum via e-mail. A grande diferença é que elas acabam por formar comunidades virtuais, ao agregar num espaço desterritorializado (ciberespaço) indivíduos que estão separados geograficamente, mas que têm algo em comum. Além disso, elas adicionam dinamismo à comunicação em grupo, chegando ao ponto em que – em tempos em que muitas pessoas passam o dia na frente do computador ligadas à Internet, seja a lazer ou no trabalho –, às vezes, a rapidez entre uma mensagem e sua(s) resposta(s) é tamanha que abala o caráter assíncrono do e-mail; isto é, a discussão via e-mail pode assumir uma velocidade que a aproxima de um bate-papo – para o desespero daqueles que não acompanham seus e-mails o tempo todo e/ou o fazem via conexão discada, que acabam encontrando suas caixas postais abarrotadas, sem ao menos ter participado da parte interessante: o toma-lá-dá-cá proporcionado por este recurso.

2.3.2 BBS, USENET E FÓRUNS DE DISCUSSÃO

A sigla BBS significa *Bulletin Board System*, e designa uma rede de computadores comunitária, ligando cada máquina através de determinado software, modems e linhas telefônicas, independentemente de uma grande rede telemática como foi a ARPANET. Hoje ainda existem BBS's mundo afora, mas tudo começou no início de 1978, quando Christensen e Suesse interligaram computadores em Chicago, nos EUA, a uma velocidade de transferência em torno de míseros 100bps, formando assim a primeira BBS. O que iniciou como experimentalismo começou a ganhar popularidade no início dos anos 80, quando novos modems melhoraram a velocidade de transferência de dados. Segundo Lemos (2002), em

1991, anos antes de a Internet atingir o grande público, a Fidonet, que era a maior rede de BBS's interligadas do mundo, já contava com mais de 100 mil usuários.

Nas BBS's os usuários podiam trocar mensagens de texto entre si, criar fóruns de discussão, ler notícias, transferir arquivos, e até participar de jogos online; de maneira geral, podiam “criar, rapidamente, diferentes formas de associação social de proximidade” (LEMOS, 2002, p.160). E ainda podem, pois as BBS's continuam em algum uso, apesar da enorme queda de popularidade sofrida com a massificação da *World Wide Web* nos anos 90, que era mais fácil de usar e, por ser sustentada na Internet, oferecia capacidades de conectividade superiores a custos inferiores.

Por ter múltiplas funcionalidades, as características comunicacionais das BBS's também variam: algumas funções são síncronas (embora a velocidade de transferência dos primeiros anos atrapalhasse muito), outras não. Opiniões publicadas em fóruns são duráveis ao se espalharem pelas BBS's conectadas, mas um bate-papo entre usuários é efêmero. Um aspecto vale em geral: as redes BBS não exigem identificação do usuário, o que permite a anonimidade.

Toda essa versatilidade comunicacional também é presente na Usenet, uma rede telemática que nasceu entre os anos de 79 e 80 como alternativa para todos aqueles que não tinham acesso à ARPANET, que, vale lembrar, ainda era exclusividade de cientistas e militares. Porém, enquanto o objetivo original de seus criadores, universitários da Duke University e da University of North Carolina, era montar uma rede de serviços gerais (e-mail, notícias, transferências de arquivo), a Usenet, ao se propagar rapidamente de campus em campus, acabou centrando-se mesmo na função de discussão, e na conseqüente formação de

comunidades virtuais. “A rede é hoje um sistema telemático que permite colocar pessoas em contato, instaurar fóruns de conversação, públicos e planetários, organizados a partir de grupos temáticos, os newsgroups, que tratam de diversos temas” (LEMOS, 2002, p. 158).

As contribuições nos fóruns são chamadas de “artigos”, que vão se espalhando a partir do servidor em que são publicados pelo usuário, até os demais servidores. Esses servidores eram operados pelas universidades e atuavam com um protocolo chamado UUCP (*Unix to Unix Copy Protocol*); hoje, a Usenet persevera timidamente através da Internet, e os servidores são de responsabilidade dos provedores de acesso que ainda trabalham com essa ferramenta, através do padrão TCP/IP.

No presente, os fóruns de discussão continuam sendo uma parte muito popular do ciberespaço, mas agora desvinculados de softwares, utilizando páginas da Web. Eles existem aos milhares, cada um dando espaço a seus milhões de usuários, unidos em torno de assuntos de interesse comum e, por isso, desenvolvendo uma sensação de grupo, de comunidade. Isso, além do puro e inesgotável compartilhamento de informação, faz desse recurso um dos maiores expoentes da Comunicação Mediada por Computador dos nossos dias.

O funcionamento continua simples: as discussões são divididas em assuntos, e dentro de cada assunto, em tópicos. Um tópico se inicia através de uma primeira mensagem do usuário que o propõe; a partir disso, os demais participantes podem dar continuidade à questão acrescentando suas manifestações uma a uma. Apesar de existirem moderadores, os fóruns não perdem seu caráter extremamente democrático, sendo as intervenções de censura geralmente guardadas para casos extremos. Geralmente, os fóruns exigem registro, mas aceitam pseudônimos, o que garante certo nível de anonimidade a esta ferramenta, na qual as

mensagens são também inerentemente assíncronas e duráveis (os tópicos costumam ficar gravados nos servidores indefinidamente, mesmo muito depois do assunto ter se esgotado).

2.3.3 MUD E JOGOS ONLINE

MUD significa *Multi User Dungeon* (algo como “calabouço de usuários múltiplos”, nome justificado pela temática medieval recorrente desde os primeiros jogos) e refere-se aos primeiros jogos online. Antecessores dos RPG’s (*Role Playing Games*, ou “jogos de interpretação de papel”) atuais, os MUD’s começaram “construindo universos ficcionais através de palavras escritas, criando um ambiente lúdico-imaginário com múltiplos usuários. Eles foram inventados em 1980 por Roy Trubshaw e Richard Bartle na Universidade de Essex, Inglaterra” (LEMOS, 2002, p. 160). A identidade de cada jogador é representada no mundo virtual por algo chamado de avatar. “Os MUD’s criam mundos imaginários a partir de sistemas onde os usuários usam palavras escritas para improvisar melodramas, em uma decoração construída pela imaginação (objetos, ambientes, armas, personagens, etc.)” (LEMOS, 2002, p. 161).

Ainda nos anos 80 pôde-se incorporar o uso de imagens nesses jogos, com avatares humanóides e falas apresentadas em balões de história em quadrinhos – caso do jogo Habitat, um dos precursores, lançado em 1985 e jogado por milhares de pessoas que possuíam nada mais do que um Commodore 64 (um famoso sistema da época, mescla de computador pessoal e videogame) e uma linha telefônica. “Hoje, já existem MUD’s gráficos baseados em mundos administrados por sistemas próximos da realidade virtual” (LEMOS, 2002, p. 161). É dispensável adentrar em exemplos disso, visto que eles abundam nas vitrines das lojas:

praticamente todo jogo de computador lançado hoje tem alguma aplicação *multiplayer* (termo que designa o modo de jogo online, disputado entre jogadores múltiplos simultâneos).

Se, no início, tudo era sugerido por palavras escritas na tela, o *boom* da Internet revolucionou também esse campo, como não poderia deixar de ser. Agora, é possível gritar obscenidades a um amigo após metralhar sua representação virtual num jogo online que reproduz com fidelidade impressionante um ambiente de guerra. Jogando em outro estado, ele ouvirá, ao dar reinício à partida. Atualmente também existem os MMORPG's (*Massive Multiplayer Online Role Playing Games*), que são RPG's de participação online massiva: milhões de usuários cadastram-se para ter acesso ao servidor de um jogo, onde podem interagir num mundo virtual permanente, que evolui ininterruptamente, mesmo quando não se está jogando.

O importante é notar que jogos online estabelecem um nível peculiar de CMC. Eles formam um teatro virtual onde o jogador pode viver uma outra vida, ou melhor, várias outras vidas, gastando horas do seu dia conectado, e não apenas se comunicando verbalmente com outros jogadores, mas interagindo com eles, através de suas identidades virtuais. Os usuários “estão fazendo amigos e inimigos, ampliando sua inteligência, criando suas próprias comunidades, escrevendo manifestos (...) eles estão criando comunidades virtuais, novas formas das pessoas entrarem em comunicação” (QUITNET apud LEMOS, 2002, p. 161).

A comunicação entre os jogadores é síncrona, reproduzindo diálogos imediatos, porém não é durável. Interessantemente, podemos concluir que a anonimidade é uma característica marcante aqui. Ela não é apenas permitida, como incentivada, ao passo em que grande parte

da graça é incorporar online uma identidade alheia, fantasiosa, pertinente a cada jogo ou situação.

2.3.4 IRC, SALAS DE BATE-PAPO E *INSTANT MESSENGERS*

Pra tratar sobre bate-papo em tempo real via computador, vamos começar pelo IRC, ou *Internet Relay Chat*, que foi criado em 1988 por Jarkko Oikarinen, na Universidade de Oulu, Finlândia. Era um instrumento que permitia comunicação textual e troca de arquivos em tempo real entre usuários que se conectassem a um mesmo servidor IRC, tendo o software certo para estabelecer essa conexão. Diga-se prontamente, o grande mérito do IRC é justamente o sincronismo da comunicação: o tempo de demora entre uma fala e sua resposta é o menor possível – tão curto quanto a velocidade de transferência e a lotação no servidor permitirem, o que atualmente representa uma demora (no jargão dos usuários, um “*lag*”) praticamente nula.

A troca de mensagens pode ser privada (entre apenas dois usuários), ou pública, por meio de canais (salas virtuais de capacidade ilimitada, com títulos geralmente taxativos, precedidos pelo caractere “#”; exemplos: #Fabico, #Rock, #RS) que qualquer usuário pode iniciar a qualquer momento, e que podem reunir, para conversação, indivíduos sob os mais diversos critérios: preferências, proximidade geográfica, etc. Esse recurso propicia a formação de comunidades virtuais, na medida em que os usuários assíduos vão se conhecendo melhor, motivados pelo algo que eles têm em comum – seja o fato de estudarem no mesmo colégio, de morarem no mesmo bairro, ou simplesmente de gostarem de reggae. “Como um terreno privilegiado para pesquisas em estudos sociais, os usuários do IRC seguem regras, rituais e

estilos de comunicação que os constituem como uma verdadeira cultura, um fenômeno social inegável” (LEMOS, 2002, p. 162).

Já citamos o sincronismo do IRC como sendo um grande atrativo, mas há relativismo nas demais características comunicacionais. Quanto à durabilidade da informação, é possível gravar *logs* (registros) das conversações, para consulta futura, mas esse é um recurso opcional. A respeito da anonimidade, pseudônimos são aceitos, mas qualquer usuário pode usar o comando “whois” (“quem é”) para obter sobre outro participante algumas informações que podem dar dicas sobre quem digita.

O IRC se popularizou imensamente pouco depois do estouro da Internet, num fenômeno mundial que atingiu também o Brasil. O software mais famoso, chamado mIRC, contribuiu pra isso: ao ser lançado gratuitamente para o sistema operacional Windows em 1995, acabou virando quase sinônimo de IRC. Mas ao mesmo tempo em que isso acontecia, outro método de bate-papo virava mania: as salas de chat¹⁸.

O chat via Web tinha como atrativo o fato de que não era necessária a instalação de nenhum software além do navegador. Além disso, o próprio funcionamento era muito simples, não exigindo conhecimento de inglês e muito menos de comandos técnicos específicos. Com essas facilidades, esse modo de bate-papo tornou-se febre quando os grandes provedores (no Brasil, os maiores exemplos eram o UOL¹⁹ e o ZAZ, que mais tarde viraria Terra²⁰) passaram a disponibilizar o serviço gratuitamente em seus portais, na segunda metade da década de 90. A interface não poderia ser mais direta: apenas na base do *point-and-click* (aponte-e-clique), o usuário inventa um pseudônimo (o que permite plena anonimidade),

¹⁸ Em inglês, “bate-papo”, no sentido de conversa informal.

¹⁹ Disponível em <<http://www.uol.com.br>>. Acesso em: 17 maio 2006.

²⁰ Disponível em <<http://www.terra.com.br>>. Acesso em: 17 maio 2006.

escolhe uma das salas disponíveis (divididas por tema) e logo está virtualmente inserido entre outros internautas. Porém, diferentemente do caso do IRC, tanto o número de salas quanto o de usuários por sala era limitado, o que era problemático no auge da popularidade dos chats.

Inicialmente, esses chats eram compostos apenas de texto, assim como o IRC, mas logo foi liberada a publicação de imagens nas salas. No entanto, já que é complicado manter moderadores vistoriando o conteúdo o tempo todo, esse recurso era restringido a salas pornográficas, assim dispensando a censura, já que os participantes tinham de se declarar maiores de idade, e preparados para o que poderia aparecer na tela.

O caráter síncrono se mantém aqui. A durabilidade da mensagem não existe, cada bate-papo é descartado assim que a janela do navegador é fechada. Os webchats existem até hoje, mas caíram em certo desuso. Em parte, por causa dos programas a seguir.

Representando uma nova ferramenta de bate-papo, os *instant messengers* (IM) surgem numa interface amigável ao grande público em 1997, através do ICQ. A grande diferença destes aplicativos em relação ao chat comum é que nos IM o usuário busca e adiciona à sua lista de contatos outros usuários que conhece, ou queira conhecer. A comunicação, portanto, fica restringida entre cada usuário e as pessoas já constantes em sua lista, enquanto que numa sala de bate-papo o indivíduo está propenso a conhecer pessoas novas, ao ser inserido numa representação virtual de uma sala cheia de estranhos.

Outra diferença é que as conversações geralmente acontecem no formato “um-para-um”, enquanto os chats têm isso como possibilidade, mas não como ênfase. Os IM não demoraram a incorporar o recurso para conversa grupal, mas ele é relativamente pouco

utilizado, e ainda restrito a pessoas que já se “conhecem”, constando mutuamente em suas listas de contatos.

Estes programas informam o usuário quando algum de seus amigos cadastrados em sua lista de contatos está online, isto é, conectou-se à Internet e abriu o mensageiro instantâneo. A partir daí, ambos podem manter conversações através de mensagens de texto que são enviadas e recebidas em alta velocidade (sincronismo). Mas estes programas também incorporam diversos outros recursos para incrementar a comunicação entre os usuários, como envio de imagens ou animações, conversação em áudio (usando caixas de som e microfone no computador), e até vídeo-conferência (adicionando uma *webcam*²¹).

Há a opção de salvar ou não *logs* das conversas, o que significa durabilidade opcional às mensagens. Embora o usuário de IM possa usar apenas apelidos, e ainda trocá-los constantemente, a anonimidade é um fator que se enfraquece, pois cada indivíduo procura adicionar à sua lista pessoas que conhece (que por sua vez precisam expor alguma informação referencial, como e-mail), e essa adição exibirá informações do usuário à pessoa que está sendo adicionada. Em outras palavras, é necessário divulgar quem você é para que tudo funcione.

Como vimos, o pioneiro entre os mensageiros instantâneos do formato “lista de contatos” foi o ICQ, que atingiu imensa popularidade mundial nos últimos anos do século XX. Após a virada do milênio, a Microsoft lançou um clone do ICQ chamado MSN Messenger. Através de uma intensa campanha publicitária voltada para o público jovem, e de uma conveniente integração do aplicativo a outros produtos da mesma marca (como o sistema

²¹ Aparelho captador de vídeo que funciona acoplado a um microcomputador, com o propósito principal de transmitir as imagens capturadas através da Web.

Windows e o popular Hotmail²²), a Microsoft conseguiu conquistar muitos novos membros. Como consequência dessa popularidade crescente, milhares de usuários do ICQ acabaram migrando para este programa novo e incompatível, dispostos a perder todos seus contatos e “começar do zero”, nesse sentido. Com isso, o MSN Messenger conquistou a liderança mundial do segmento de IM, atingindo o marco de 100 milhões de usuários já em 2003²³. Atualmente, a sigla MSN é praticamente sinônima a *instant messenger* em países como o Brasil – embora existam alguns concorrentes de peso como o AOL Instant Messenger, Yahoo! Messenger, Google Talk e Skype (esse último com enfoque na conversa de áudio por VoIP²⁴, se apresentando como uma possível evolução do telefone em termos de custos, o que ainda está pra ser consolidado).

Numa nota à parte, é curioso ressaltar que essas três formas de conversação em tempo real (IRC, webchat e IM) consolidaram o uso da chamada “linguagem de Internet”, que surgiu nas mensagens de e-mail para agilizar a comunicação. Como resultado, é muito comum ver internautas se expressando através de uma enxurrada de *emoticons* e abreviações. Levando o fenômeno ao extremo, encontram-se aberrações que revertem o propósito de simplificar a mensagem e acabam complicando-a com um “estilo” peculiar, como neste exemplo: “Eu nAUm aXeltO dEpoiMeNtUx, NaUm pErCa sEU tEMpUh! o q iMpoOrTa Eh U Q EUuUU PeNxU E NaUm VoXe, dEXcULpEeE²⁵”. No entanto, esses casos não são tão comuns. Voltaremos a abordar isto mais adiante.

²² Um dos primeiros serviços de *webmail* gratuito a surgirem. Providenciou contas de e-mail a milhares de pessoas que queriam ter um endereço eletrônico sem contratar um provedor de acesso para isso.

²³ Fonte: Microsoft. Disponível em: <http://www.microsoft.com/brasil/pr/2003/msn_100mi.asp>. Acesso em: 18 maio 2006.

²⁴ *Voice over IP*, a tecnologia que torna possível estabelecer conversações telefônicas através da Internet, tornando a transmissão de voz mais um dos serviços suportados pela rede mundial.

²⁵ Frase extraída aleatoriamente do site de relacionamentos Orkut. Conversão à língua culta: “Eu não aceito depoimentos, não perca seu tempo! O que importa é o que eu penso e não você, desculpe!” Disponível em: <<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=4263198565303224059>>. Acesso em: 18 maio 2006.

2.3.5 BLOGS E FOTOLOGS

Blog vem de *web log*, termo que poderia ser traduzido como “diário de web”. Trata-se de uma página da web caracterizada por constante atualização, que utiliza ferramentas de publicação muito simples, que tornam seu uso possível ao internauta comum, não exigindo conhecimentos significativos sobre construção de documentos virtuais. Cada entrada neste “diário virtual” é chamada de *post*, sendo que os *posts* mais recentes aparecem no topo da página para facilitar a leitura aos que acompanham o blog freqüentemente – sendo que essa freqüência de visitação é importante, uma vez que a freqüência de atualização é o que d  sentido a todo o processo. O blog é um instrumento que começou a ganhar maior popularidade de cinco anos pra cá. Atualmente, os blogs estão em alta. Em outubro de 2005, a contagem de blogs criados no planeta já ultrapassava a casa dos 100 milh es²⁶.

As tecnologias empregadas em cada blog dependem muito do servidor que o hospeda, e ainda da vontade do autor do blog, que pode configurá-lo de maneira bem pessoal sem complicação. No entanto, o comum é que cada *post* venha acompanhado de data e horário de sua publicação, e de um *link* que permite o envio de comentários referentes ao texto publicado. Esses comentários são essenciais na presente análise, pois são eles que quebram a unilateralidade da comunicação. Afinal, um indivíduo publica, e os demais lêem; parando por aí não haveria diálogo. É graças aos comentários que se pode dar um *feedback* público e imediato. Não-raro, os comentários passam a comentar os próprios comentários, o que acaba gerando extensos desdobramentos do assunto abordado no *post*, lembrando até mesmo fóruns de discussão ou listas de e-mail.

²⁶ Fonte: The Blog Herald. Disponível em: <<http://www.blogherald.com/2005/10/10/the-blog-herald-blog-count-october-2005>>. Acesso em 18 de maio de 2006.

Normalmente a conversa se desenvolve a partir das reações ao *post* original. Contudo, nada impede que a conversa tome outros rumos ou mesmo que se publique comentários fora de contexto. Vários assuntos podem ser discutidos ao mesmo tempo, mesmo aqueles sem nenhuma relação com o *post* original (PRIMO et SMANIOTTO, 2006, p. 7).

Mesmo em blogs cujos autores optam pela ausência de comentários, é notável o impacto comunicacional que a ferramenta representa. É uma das maiores manifestações da democratização da comunicação dos últimos tempos: qualquer um com acesso à Internet pode produzir e exibir hipertexto ao mundo inteiro sem ter experiência no campo da informática, sem ajuda de meios de comunicação de massa, e também sem custo. O resultado pode ser um apanhado de baboseiras relevantes apenas a seu autor, ou uma requintada coleção de bons textos – isso não importa, de fato até reafirma o caráter democrático desse meio.

Se escrever com competência, seja qual(is) for(em) o(s) assunto(s) tratado(s), o autor poderá ganhar alguma notoriedade. Será citado, terá seu blog “linkado” em outros e receberá mais e mais visitas. O autor poderá, por fim, atingir status de referência, como uma fonte confiável, seja de notícias, de críticas, de humor, ou do que for. Graças à disseminação dos blogs, todos têm chance de virar formadores de opinião. Basta ter talento e um pequeno incentivo no “boca-a-boca”, ou melhor, “computador-a-computador”.

Blogs arquivam permanentemente o conteúdo publicado, o que torna as mensagens duráveis até que o autor decida apagá-las. Não há sincronismo: o texto é publicado e será lido ao tempo de cada leitor, sendo que o mesmo acontece com os comentários. Pode-se até fazer um blog anonimamente, mas isso não é comum, principalmente por questões de ego: a maioria dos autores deseja ser reconhecida por suas opiniões, e pra isso eles precisam se expor. O mesmo não pode ser dito quanto aos comentários, que sofrem de considerável taxa

de anonimato, pois enquanto nome e e-mail costumam ser pedidos, pode-se digitar dados falsos sem problema.

Blogs podem ser individuais ou coletivos, e na segunda opção podem ganhar contornos de comunidade virtual, ao reunir indivíduos que escrevem sobre o mesmo tema. Outro fenômeno relacionado que pode emprestar ao blog tais contornos é o portal de blogs, que seria um servidor que hospeda um número seletivo de blogs, reunidos por critérios definidos por seus responsáveis. Temos um bom exemplo oriundo da Fabico²⁷, o portal Insanus²⁸. Criado pelo estudante de jornalismo Gabriel Pillar, no presente momento a página inicial agrega onze blogs individuais e cinco coletivos, todos abrangendo os mais variados assuntos. Entre esses “blogueiros” (gíria que define quem escreve em blogs) acaba estabelecendo-se um sentimento de comunidade, meramente por fazerem todos parte de um mesmo “condomínio virtual”, que é o portal de blogs.

Já os fotologs podem ser resumidamente definidos da seguinte maneira: se blogs se apóiam principalmente em textos, usando imagens opcionalmente como ilustração, os fotologs são o contrário: um meio de publicação de imagens, que são o centro das atenções, ao qual pode-se ou não adicionar um texto. De resto, funcionam de forma muito semelhante aos blogs: a interface é simples, os visitantes podem deixar comentários, o autor pode facilmente “linkar” outros fotologs na página, etc. As propriedades comunicacionais também são as mesmas: assíncrono, durável, com anonimidade mais freqüente em comentários do que entre autores. Aliás, fotologs costumam inflar o ego de seus donos ainda mais do que no caso dos blogs, isso porque imagens dão espaço ao narcisismo. Assim, muitos fotologs tornam-se meros espelhos para seus autores, enquanto outros adotam propostas mais artísticas – ou seja,

²⁷ Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, parte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul à qual o presente trabalho se destina.

²⁸ Disponível em: <<http://www.insanus.org>>. Acesso em: 18 de maio de 2006.

o uso feito da ferramenta varia tanto quanto nos blogs. A democracia vence, assim como os internautas, que ficam com infinitas opções de websites pra visitar no tempo livre, pois qualquer leigo vira um produtor de conteúdo em potencial. Antes dos blogs e fotologs, ter uma página pessoal na WWW requeria tempo e uma boa dose de *know-how*. Agora é muito simples.

2.3.6 REDES DE RELACIONAMENTO

Redes de relacionamento, ou sites de relacionamento, ou ainda sites de rede social, são websites em que um usuário se cadastra para firmar relações sociais variadas. Primeiramente, ele transpõe sua identidade a um perfil, ou seja, uma página que o descreve, com a riqueza de detalhes que preferir. Depois ele poderá vasculhar o site procurando pessoas conhecidas, e as adicionando como amigos. O objetivo disso é reproduzir virtualmente toda a trama de contatos que um indivíduo possui na vida real. A dinâmica baseia-se nos círculos de amizade de cada usuário para dar aquela impressão de que o mundo é de fato pequeno, pois no fim das contas “todo mundo se conhece”. Trata-se de uma grande ferramenta para se reencontrar amigos de longa data, manter contato com parentes distantes, ou fazer novas amizades com os amigos de amigos²⁹, amigos de amigos de amigos, e assim por diante. Esses sites de relacionamento podem ser gerais, ou ter um propósito restrito, como no exemplo do popular Classmates.com³⁰, que se propõe especificamente a reunir ex-colegas de escola, ou o MySpace³¹, que serve para divulgar o trabalho musical de bandas e artistas do mundo inteiro. Aqui, vamos nos ater às redes gerais de relacionamento, mais populares no Brasil.

²⁹ Termo que, em inglês, tem até sigla: FOAF (*Friend of a friend*).

³⁰ Disponível em: <<http://www.classmates.com>>. Acesso em: 18 maio 2006.

³¹ Disponível em: <<http://www.myspace.com>>. Acesso em: 18 maio 2006. Embora focado na divulgação de música – ou talvez justamente por isso – o MySpace é atualmente o maior site de relacionamentos da Internet, contando com mais de 77 milhões de membros, de acordo com o próprio site.

O Friendster³², criado em 2002, é um dos maiores sites do gênero, e foi o primeiro a ser amplamente conhecido no nosso país. Contando hoje com mais de 27 milhões de membros, ele incorporou diversos recursos à clássica “caça aos conhecidos”, como compartilhamento de fotos, blog interno, mensagens, grupos de discussão, etc.

Em janeiro de 2004, surgiu um site semelhante, com o inusitado nome Orkut³³. Ele tinha as melhores ferramentas do Friendster, mais algumas novidades. Veremos que, em sua totalidade, o Orkut reúne características de vários recursos de CMC abordados neste capítulo, como os fóruns de discussão, as mensagens de e-mail, e até os chats, o que o confere um certo aspecto híbrido. Num fenômeno sem precedentes, o site virou mania e se alastrou pelo Brasil com rapidez; em questão de meses, já éramos a nação mais presente nessa rede mundial de relacionamentos. É por ter sido – e continuar sendo – uma febre tão atípica que o Orkut ganha destaque neste trabalho. E assim sendo, o próximo capítulo é dedicado exclusivamente a ele.

³² Disponível em: <<http://www.friendster.com>>. Acesso em: 18 maio 2006.

³³ Disponível em: <<http://www.orkut.com>>. Acesso em: 18 maio 2006.

3 ORKUT E COMUNIDADES VIRTUAIS

Como foi visto, um grande atrativo das redes de relacionamento é mostrar como um usuário está interligado aos demais por meio de conhecidos em comum. Ao proporcionarem isso, esses sites colocam em prática o conceito de “seis graus de separação”. Atrelado à hipótese do Fenômeno do Mundo Pequeno³⁴, esse conceito afirma que quaisquer duas pessoas podem ser conectadas através de uma corrente de conhecidos que contaria com não mais do que seis intermediários – isso porque o leque de conhecidos cresce exponencialmente a cada elo dessa corrente. Essa teoria foi sugerida pela primeira vez em 1929, pelo escritor Frigyes Karinthy, mas apenas em 1967 foi conduzido um experimento com o propósito de comprová-la (RECUERO, 2004). O responsável foi o psicólogo social Stanley Milgram. Os resultados, que a princípio confirmavam a teoria, são até hoje contestados por uma série de motivos³⁵, mas a idéia não morreu. Pelo contrário: o termo se popularizou ao virar título de uma peça de teatro de 1990 (*Six Degrees of Separation*, de John Guare), e a teoria tornou-se ainda mais conhecida através de uma brincadeira que consiste em ligar qualquer ator de filmes a Kevin Bacon, numa corrente de no máximo seis outros atores. O jogo se chama “*Six Degrees of Kevin Bacon*” (brincando com a rima do nome do ator em relação ao da peça de teatro supracitada), e até deu origem a um buscador automatizado³⁶, que usa um imenso banco de dados pra estabelecer rapidamente tal conexão. A ferramenta, desenvolvida na Universidade de Virgínia, nos EUA, espalhou-se pela Internet como um curioso passatempo.

Com esse *background*, não é de se admirar que o primeiro site de relacionamentos de que se tem notícia tenha sido batizado SixDegrees.com (algo como SeisGraus.com). Surgido

³⁴ Cf. BALANCIERI, Renato. **Análise de redes de pesquisa em uma plataforma de gestão em ciência e tecnologia**. Florianópolis: UFSC, 2004. P. 46-54. Disponível em:

<<http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/10749.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2006.

³⁵ Cf. <http://en.wikipedia.org/wiki/Six_degrees_of_separation>. Acesso em: 23 maio 2006.

³⁶ Disponível em: <<http://oracleofbacon.org>>. Acesso em: 23 maio 2006.

em 1996, este pioneiro permitia que os usuários listassem todos seus amigos, parentes e conhecidos, estando eles cadastrados no site ou não – os não-cadastrados recebiam convites para entrar na roda. Assim, com o conceito de transferir ao mundo online os contatos da vida real de um indivíduo, esse serviço foi o antecessor de centenas de sites similares que vêm surgindo desde então, incluindo os mais bem-sucedidos, como os próprios Friendster e Orkut – para nos atermos aos que obtiveram repercussão significativa entre os internautas brasileiros³⁷.

O SixDegrees.com foi desativado em 2001, e Cliff Kurtzman (2005) atribui esse fracasso aos seguintes fatores³⁸: 1) a tecnologia da web ainda não estava desenvolvida o suficiente para comportar as ferramentas necessárias pro sucesso desse tipo de aplicação; 2) o site não conseguiu atingir um total massivo de usuários antes de ficar sem capital; 3) seus responsáveis não souberam reconhecer os recursos que poderiam prender os usuários à marca SixDegrees.com; 4) o serviço sofreu com uma recessão em abril de 2000, que piorou após os atentados de onze de setembro de 2001; e 5) a indústria de publicidade online não estava madura o suficiente para trazer anunciantes que bancassem aquele modelo de negócios.

No dia 22 de janeiro de 2004 foi inaugurado o site Orkut. O nome homenageia seu criador, o turco-alemão Orkut Büyükkökten, um engenheiro de software que vinha desenvolvendo a idéia desde os tempos de faculdade (Universidade de Stanford) e pôde concretizá-la após ingressar como funcionário da empresa Google³⁹. Tal corporação permite e incentiva que seus funcionários usem 20% de sua carga horária em projetos pessoais,

³⁷ Ao dia 29 de maio de 2006, os brasileiros formavam 69,76% de toda a população cadastrada no Orkut, seguidos dos norte-americanos, com 11,89%, e dos indianos, com 4,46% - restando, assim, apenas 13,89% para os habitantes de todos os outros países do mundo. Disponível em: <<http://www.orkut.com/MembersAll.aspx>>. Acesso em: 29 maio 2006.

³⁸ Disponível em: <<http://www.adaastro.com/apogee/myspace.html>>. Acesso em: 5 jun 2006.

³⁹ Responsável pelo site de busca mais utilizado do mundo. Disponível em: <<http://www.google.com>>. Acesso em: 29 maio 2006. A empresa tem expandido seus negócios para as mais variadas áreas da Internet, de *webmail* (Gmail) a *instant messenger*, (GoogleTalk), e vem conquistando bons resultados.

utilizando a infra-estrutura disponível. Segundo a Google, foi durante esse “tempo livre” que Büyükkökten finalizou o projeto.

3.1 O FUNCIONAMENTO DO ORKUT

A inauguração do serviço se deu através do envio de convites aos endereços eletrônicos de milhares de internautas norte-americanos (SALGADO, 2004, p. 30), que depois de se cadastrarem passaram a convidar seus amigos. Já temos aí o primeiro ponto a ser observado sobre a dinâmica do Orkut: para entrar na rede, é necessário ser convidado por um membro. Esse é considerado um diferencial de grande importância no sucesso do Orkut, pois, ao exigir mais do que a simples vontade do usuário de entrar na rede, o site gera um sentimento de exclusividade. “This exclusivity has caused Orkut to gain a certain social currency that comes with being a member of a private club⁴⁰” (HEMPELL, 2004, online). Isso aguça a curiosidade do internauta, que então vai atrás de um convite para não ficar à margem da novidade. “As an illustration of the exclusivity of Orkut, an invitation to join the network was sold for \$11 on eBay's auction site this week⁴¹” (OLSEN, 2004, online).

Ao receber um convite para entrar no Orkut, muitas pessoas ficam em dúvida sobre do que se trata e que vantagens o serviço poderia trazer. O setor de Ajuda do próprio site se dispõe a esclarecer isto com a seguinte apresentação⁴²:

⁴⁰ Tradução do autor: “Essa exclusividade causou o Orkut a ganhar um certo valor social que vem quando se é um membro de um clube privado”.

⁴¹ Tradução do autor: “Como uma ilustração da exclusividade do Orkut, um convite para entrar na rede foi vendido por 11 dólares no site de leilão do eBay essa semana [artigo publicado em 28 de janeiro de 2004, apenas uma semana após o lançamento do Orkut]”.

⁴² Disponível em: <<http://help.orkut.com/support/bin/answer.py?answer=11559&topic=306>>. Acesso em: 24 maio 2006. Perceba-se que nos textos do site, bem como em sua logotipia, “orkut” é escrito com letra minúscula. Ao longo deste trabalho, optamos por escrever esse nome com maiúscula, por questão de padronização de estilo.

O orkut.com é um website de comunidade on-line projetado para amigos. O principal objetivo do nosso serviço é tornar a sua vida social, e dos seus amigos, mais ativa e estimulante. A rede social do orkut pode ajudá-lo tanto a manter relacionamentos existentes quanto a estabelecer novas amizades entrando em contato com pessoas que você não conhece. A decisão sobre com quem interagir cabe inteiramente a você. Antes de conhecer um membro do orkut, você pode ver qual é a sua conexão com ele pela rede de amigos.

O orkut permite que você encontre facilmente pessoas que compartilhem seus hobbies e interesses, procure relacionamentos afetivos ou estabeleça novos contatos de trabalho. Você também pode criar e participar de uma ampla variedade de comunidades on-line para discutir eventos atuais, reencontrar antigos amigos de colégio ou até mesmo trocar receitas de bolos.

Para participar do orkut.com, clique no link contido no e-mail que você recebeu [convite] e siga as instruções para criar um nome de usuário e uma senha. Se achar que o orkut não tem nada a ver com você, sinta-se à vontade para deletar o convite. Se mudar de idéia no futuro, não se preocupe! Ainda estaremos aqui em www.orkut.com.

Nossa missão é ajudá-lo a criar uma rede de amigos mais íntimos e chegados. Esperamos que em breve você esteja curtindo mais a sua vida social (ORKUT.COM, online).

Atualmente, quando opta por participar, o usuário precisa de uma conta no Google. Basta cadastrar, gratuitamente, um *username*⁴³ e uma senha, que servirão também para acesso a diversos serviços ligados pelo Google, como o Gmail⁴⁴, por exemplo. Feito esse cadastro, o novo membro pode dar início ao preenchimento de seu perfil.

3.1.1 PERFIL DE USUÁRIO

O perfil no Orkut se propõe a ser uma reprodução da personalidade do indivíduo. É através da visualização deste perfil que os demais membros do Orkut poderão reconhecê-lo (caso já exista uma relação de amizade no mundo real), ou ter interesse em conhecê-lo. O perfil oferece campos suficientes para que o indivíduo possa se descrever em muitos detalhes, caso preencha tudo com afinco. No entanto, é importante ressaltar que é da liberdade do usuário escolher que informações deseja ou não fornecer sobre si mesmo. Cada campo que o

⁴³ Nome de usuário, em inglês.

⁴⁴ Disponível em: <<http://www.gmail.com>>. Serviço de *webmail* que revolucionou o segmento ao oferecer 1GB de espaço logo em seu lançamento – num momento em que concorrentes conhecidos como o Hotmail ou o Yahoo! disponibilizavam uma capacidade de armazenamento muito inferior.

membro preferir não completar será omitido na visualização de seu perfil, de forma que não fica evidente o quê esse membro preferiu não informar (como aconteceria caso os campos permanecessem visíveis, porém em branco).

Cada perfil de usuário é dividido em três: há a parte social, a profissional, e a pessoal. Na parte social (a que é exibida inicialmente quando clica-se no nome ou foto de um usuário qualquer) poderão constar informações gerais, gostos pessoais e formas (externas) de contato. Na parte profissional, o membro pode descrever sua área de trabalho e seu histórico escolar. Finalmente, na seção pessoal, é possível inserir informações relacionadas à aparência física do próprio indivíduo, bem como algumas preferências do mesmo no tocante à vida afetiva. A seção de Ajuda do site dá a dica:

Para usar o orkut com o propósito de se envolver afetivamente com alguém, você precisará preencher a seção “pessoal” do seu perfil [...]. Especifique o máximo de informações que desejar. Quando pessoas interessadas em romance visitarem esta seção do seu perfil, elas poderão adicionar você às suas listas de “gatos & gatas” e “paqueras” ou enviar uma cantada (ORKUT.COM, online).

É digno de nota que para vários dos dados publicados há a opção de determinar quais usuários do Orkut poderão vê-los. Essa autorização não é feita membro-por-membro, mas sim através de classificações: o usuário decide se tal campo será visível apenas para ele próprio, para seus amigos (um grau de separação), para os amigos de seus amigos (um e dois graus de separação), ou para todos usuários cadastrados no site. São específicos os campos que contam com essa ferramenta de privacidade, como contatos, endereço e data de nascimento, por exemplo.

Para incrementar ainda mais seu perfil, o membro tem a sua disposição um álbum virtual de fotografias. Nele podem ser exibidas até doze imagens enviadas pelo usuário, cada

uma com sua legenda (Anexo 1, p. 108). Quando bem utilizados, os álbuns podem ser úteis no reconhecimento de um contato mais distante, e no geral funcionam como uma extensão imagética do perfil, podendo apresentar pessoas, lugares e situações que por fim fornecem ainda mais informações sobre a vida da pessoa que está representada no perfil.

3.1.2 ADICIONANDO E GERENCIANDO AMIGOS

Uma vez que o membro completa seu perfil⁴⁵, tendo preenchido todos os campos que lhe convir, ele está oficialmente inserido na grande rede de relacionamentos que é o Orkut. Mas essa rede só vai crescer através dos amigos que ele encontrar no site e adicionar. Portanto, o próximo passo é procurar seus contatos reais no âmbito do Orkut. A forma mais direta de fazer isso é clicar na aba “Pesquisar”, localizada entre outras na barra que ocupa o topo de qualquer página do site. Nessa seção (Anexo 5, p. 112), o membro pode fazer a busca de qualquer nome entre todos os usuários cadastrados no Orkut. No lado esquerdo da página existem diversos critérios de filtragem, que selecionarão os resultados com base nas informações que constam nos perfis de cada membro; essa ferramenta faz com que a busca seja útil também para o usuário que quer fazer novas amizades com pessoas que compartilhem interesses ou tenham características que lhe agradem. Os resultados, que geralmente são múltiplos, são apresentados com nome completo, fotografia e alguns outros dados. Ao identificar um amigo e clicar sobre seu nome ou foto, o usuário é levado diretamente ao perfil dele, que será similar ao exemplificado no Anexo 2 (p. 109). Abaixo da foto principal, no menu à esquerda, encontra-se o botão “+ amigo”. Clicando neste botão, o indivíduo adiciona este membro à sua rede de conexões, e ao mesmo tempo o convida para

⁴⁵ Confira, nos Anexos 2, 3 e 4 (p. 109-111), um exemplo de perfil pronto, em suas três divisões.

fazer o mesmo reciprocamente. E assim vão se estabelecendo as ligações que podem resultar num enorme emaranhado social.

Outra forma de encontrar amigos é ao acaso, durante uma navegação pelas incontáveis páginas do Orkut. É possível, por exemplo, reconhecer amigos vendo os perfis de membros aleatórios, pois no canto superior direito do perfil (ver Anexo 2, p. 109) aparecem os oito últimos amigos daquele usuário que navegaram no Orkut. Também é comum encontrar conhecidos pelas comunidades (que ainda serão discutidas), tanto nas listas de membros participantes quanto nos tópicos discutidos, que mostram foto e nome do autor de cada contribuição. Todas essas variáveis tornam natural o processo de estabelecer novas conexões e ampliar a rede de amigos.

Cada membro pode acompanhar e gerenciar sua lista de relacionamentos através da aba “Amigos”, sempre presente no topo das páginas. Nessa seção (Anexo 6, p. 113), os amigos são listados alfabeticamente, acompanhando seus ícones de “carma”. Esse é o nome dado para o recurso que permite a um usuário classificar qualquer amigo como confiável (atribuindo-lhe de zero a três ícones de sorriso), legal (zero a três ícones de cubo de gelo) ou sexy (zero a três ícones de coração). Essas classificações são veladas, o que significa que o indivíduo classificado poderá ver os ícones (um percentual das opiniões recebidas será exibido publicamente em seu perfil), mas sem saber quem os conferiu. Também é possível declarar-se fã de qualquer amigo, mas esse elogio é explícito: quem o faz entra numa lista de fãs do usuário elogiado, lista que é acessível a todos que navegam pelo Orkut. Outra classificação que se pode configurar na seção “Amigos” é o nível de amizade de cada contato. As opções são “não conheço”, “conhecido”, “amigo”, “bom amigo” e “melhor amigo”. Isso

pode ser definido logo no momento em que se adiciona um novo contato, mas também pode ser alterado a qualquer momento nesta página.

Na “Página inicial” (Anexo 7, p. 114), cada usuário pode alterar suas configurações principais, além de obter um panorama geral de seu status no Orkut. As principais informações que aparecem nessa página são a lista dos próximos aniversariantes, nove comunidades aleatórias entre todas das quais o membro participa, e os últimos oito amigos a fazerem *login*⁴⁶ no site. Também aparece aqui um recurso que surgiu recentemente: a visualização de perfil, que permite ao membro descobrir quantas vezes seu perfil foi acessado por outros usuários no último dia, na última semana, e no somatório desde fevereiro de 2006. Se desejar, o usuário também poderá saber quem foram os últimos cinco usuários que viram seu perfil no dia anterior. Porém, ao deixar esta opção ativada, o usuário também será revelado ao visitar o perfil dos outros. A implementação desta novidade, em 21 de abril de 2006, causou grande controvérsia entre os usuários, ao abalar a “invisibilidade” que costumava proteger qualquer um que gostasse de vasculhar a vida alheia através do Orkut.

3.1.3 AS PRINCIPAIS FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO ENTRE MEMBROS

Agora que fizemos um panorama introdutório sobre o Orkut, vamos abordar os quatro recursos mais utilizados na interação entre membros deste site de relacionamentos: os recados, os depoimentos, as mensagens, e os fóruns de discussão das comunidades.

⁴⁶ Fazer *login* é o mesmo que entrar virtualmente (em um sistema de acesso restrito), identificando-se através de nome de usuário e senha.

3.1.3.1 RECADOS

Cada usuário pode acessar, através de sua “Página inicial”, sua página de recados⁴⁷ (Anexo 8, p. 115). Nela, qualquer outro indivíduo pode publicar uma mensagem, que ficará visível a todos, formando algo semelhante a um mural de bilhetes. O dono da página de recados pode apagar qualquer recado a qualquer momento; as mensagens que não forem apagadas se acumularão ali indefinidamente, com a mais recente sendo exibida no topo. Muitos as eliminam assim que as lêem em prol de certa privacidade, outros as mantêm como um “índice de popularidade”. Os recados não são anônimos⁴⁸, pois acompanham nome e foto do membro que os publica, e esses elementos servem de link ao seu perfil. É possível programar o Orkut para avisar via e-mail toda vez que um usuário recebe um *scrap*. Como cada membro tem a sua página de recados, costuma-se ir até a de quem escreveu para responder-lhe. Para isso, visita-se o perfil dessa pessoa e clica-se no link “recados” que se encontra abaixo dos “gelinhos” no perfil (ver no Anexo 2, p. 109), que contabiliza quantos recados tal pessoa recebeu e manteve.

O *scrap* é uma ferramenta que une elementos do e-mail, do chat, e até do fórum de discussão. Do primeiro, vemos que trata-se de uma mensagem originalmente assíncrona, que é enviada de um usuário pra outro e que será lida e respondida ao tempo do receptor, sem instantaneidade. Porém, entre membros mais assíduos do Orkut, observa-se um fenômeno

⁴⁷ Quando o Orkut era em inglês, os recados se chamavam “*scraps*”, e a página que os reunia era o “*scrapbook*”. Essas denominações continuam em amplo uso hoje entre os internautas brasileiros, mesmo após a tradução.

⁴⁸ A anonimidade não é característica nos sites de relacionamento, visto que grande parte do propósito é transpor a vida e os contatos sociais de um indivíduo para uma rede virtual, e que só haverá sucesso nisso se a identidade desse indivíduo for transposta com fidelidade. No entanto, vale ressaltar que, toda vez em que abordarmos o anonimato no Orkut, estaremos cientes da facilidade que existe em criar um perfil falso no site, subterfúgio usado por muitos internautas para navegar pela rede social sem revelar sua verdadeira identidade, entre outros motivos. A propósito, este trabalho não entrará em questões como censura, ferramentas de controle e moderação do sistema sobre desvios de conduta no Orkut, pois o autor entende que estas questões não são diretamente pertinentes ao estudo desta rede social como um terreno fértil para novas formas de tribalismo, e que, portanto, tratar de tais assuntos seria digressão.

chamado “*scrapchat*”: “Concentração de várias pessoas no *scrapbook* de um certo indivíduo para bater papo, assim aumentando seus *scraps* no Orkut” (WIKIPEDIA.ORG, online). Também, quando dois membros estão conectados ao Orkut ao mesmo tempo, pode-se estabelecer, propositalmente ou não, um toma-lá-dá-cá de recados através do *scrapbook* de cada um que também aproximará esta ferramenta de um chat, com um tempo de resposta só um pouco mais demorado do que seria numa sala de bate-papo na WWW. Dos fóruns de discussão, os recados herdaram a disposição das mensagens, que ficam publicadas permanentemente (se for do desejo do dono da página, que assim se assemelha a um moderador) e podem ser vistas por qualquer usuário.

3.1.3.2 DEPOIMENTOS

Originalmente eram chamados de *testimonials*, termo ainda em uso, assim como a tradução livre “testemunhos”. Trata-se de mais um recurso acessível através do perfil de um amigo. Clicando no botão “criar depoimento” (no menu sob a foto principal), o usuário pode redigir e enviar ao amigo um texto pessoal lhe dizendo o que acha dele, para que todos vejam. Esse amigo vai primeiro receber privadamente tal depoimento, e deve aprová-lo ou não para publicação em seu perfil. É uma mensagem de caráter mais duradouro, que costuma ser feita uma única vez de um amigo para o outro, mas nada impede um membro de enviar vários testemunhos a outro como se fossem recados privados, que poderão ser publicados ou não. Usados com propriedade, os depoimentos visam fornecer aos demais usuários uma opinião objetiva (ao contrário de subjetiva, como é o resto do perfil) da pessoa descrita.

3.1.3.3 MENSAGENS

A aba “Mensagens”, na barra superior, leva à ferramenta do Orkut que se assemelha a um sistema interno de correio eletrônico (Anexo 9, p. 116). Há uma caixa de entrada, uma pasta de e-mails enviados, outra de e-mails salvos, e a parte de redação de mensagem, e pode-se dizer que existem as opções básicas de um cliente de e-mails normal. Ao escrever um e-mail, pode-se mandá-lo a todos os amigos da sua rede de uma vez só (um-vários), ou escolher um deles (um-um). Não é possível selecionar apenas alguns do todo, mas se o usuário montar grupos de amigos (na seção “Amigos”), pode também enviar, de uma só vez, mensagens para todos os integrantes de cada grupo.

As mensagens são mais úteis para o esquema “um-vários”, pois para o contato direto entre dois membros a preferência é da página de recados, de acesso um pouco mais prático – só se usa o e-mail na comunicação “um-um” quando se quer privacidade total. Assim, o e-mail do Orkut é sobretudo usado como um meio de convite a comunidades, a eventos diversos, e uma forma de propagar *spam*, correntes, etc.

As características são iguais às do correio eletrônico comum, vistas no capítulo anterior: mensagens assíncronas, duráveis e sem espaço para anonimidade (desconsiderando, claro, a questão dos perfis falsos).

3.1.3.4 FÓRUNS DE DISCUSSÃO

Os fóruns de discussão são o alicerce das comunidades do Orkut, aquilo que as torna longevas. Cada comunidade (Anexo 10, p. 117) é formada em torno de um assunto que é

posteriormente discutido através de tópicos no fórum. Além dessa ferramenta, uma comunidade tem apenas uma lista de eventos relacionados (divulgados por qualquer membro), e links para outras comunidades de temas semelhantes. Veja no Anexo 11 (p. 118) uma listagem de tópicos de uma comunidade, e no Anexo 12 (p. 119) a disposição das mensagens dentro de determinado tópico. São exibidas dez entradas por página, e não há limite para o número total de contribuições. Entre outras opções, o moderador (ou dono) da comunidade determina se os membros poderão ou não publicar mensagens anonimamente.

Esses fóruns são o principal instrumento para troca de idéias e opiniões no Orkut. Cada comunidade agrega indivíduos que compartilham do mesmo sentimento, e é através dos tópicos de discussão que estes indivíduos podem se encontrar virtualmente para permutar experiências e informações, esmiuçando esse sentimento em todos seus desdobramentos concebíveis, de maneira praticamente inesgotável. É graças, em grande parte, a este recurso que as comunidades do Orkut podem se firmar (e se manter) como legítimas comunidades virtuais. A seguir, trataremos essa questão mais profundamente.

3.2 COMUNIDADES DO ORKUT E COMUNIDADES VIRTUAIS

Como mostra Jones (1997), definir comunidades virtuais não é tão fácil quanto pode parecer, pelo simples fato de que o próprio conceito de “comunidade” sempre foi amorfo e vago – apesar dos esforços de sociólogos ao longo de centenas de anos para chegar a uma definição largamente aceita. “[...] the term ‘community’ refers to different things, depending upon who is using it and upon the context in which it is used⁴⁹” (JONES, 1997, online). Entre

⁴⁹ Tradução do autor: “[...] o termo ‘comunidade’ se refere a coisas diferentes, dependendo de quem o está usando e do contexto no qual ele é usado”.

tantos pontos de vista existentes sobre o que constitui uma comunidade, é de se imaginar que alguns deles nem sequer endossem a invenção do termo “comunidade virtual”.

Por exemplo, em 1960, Nelson, Ramsey e Verner (apud JONES, 1997) vão argumentar que a própria confusão, que é comum, entre a comunidade e o espaço (em que está estabelecida) serve como prova da forte influência do espaço nas relações humanas, dando a entender que não seria concebível substituir esse território real por um virtual e esperar as mesmas relações pessoais, de forma a obter-se uma forma autêntica de comunidade.

Já Bernard, nos idos de 1973, vai demonstrar um ponto de vista mais flexível, que torna a idéia de comunidade independente de localização espacial:

The distribution of people in dispersed social systems is not only spatial but mental. Some people are in a planetary community; some are in a national community; still others are in a community bounded by their limited interests. The bodies of people might be in one spatial area, but not their social worlds. The concept of locale has little meaning in this context⁵⁰ (BERNARD apud JONES, 1997, online).

Posteriormente, surgem autores que implementam o conceito de forma ainda mais solta. Em 1991, Stone (apud JONES, 1997) já vai falar em comunidades virtuais, defendendo que existiam “comunidades virtuais textuais” ainda no século XVII, “comunidades virtuais eletrônicas” a partir do advento do telégrafo, e ainda outras manifestações comunitárias baseadas em televisão e rádio. Esta autora até mesmo enxerga os *trekkies*, nome dado aos fanáticos da saga “Jornada nas Estrelas”, como uma comunidade virtual, espalhada fisicamente, mas conectada por uma fascinação em comum. Esse uso amplo do termo

⁵⁰ Tradução do autor: “A distribuição de pessoas em sistemas sociais dispersos não é apenas social, mas mental. Algumas pessoas estão numa comunidade planetária, algumas estão numa comunidade nacional, ainda outras estão numa comunidade delineada por seus interesses limitados. Os corpos das pessoas podem estar numa área espacial, mas não seus mundos sociais. O conceito de local tem pouco significado neste contexto”.

“comunidade virtual” em muito distancia Stone de outros autores, mas isto apenas comprova a dificuldade de se chegar a uma definição precisa da idéia.

Daremos preferência a definições moderadas – ou seja, nem tão abrangentes, nem muito restritas. Lemos (2002), por exemplo, sintetizará que a noção de comunidade está ligada à idéia de um espaço de partilha, a um sentimento de pertencimento, de inter-relacionamento em determinado grupo social. Associaremos a isso o entendimento de que “‘Comunidade Virtual’ seria o termo utilizado para os agrupamentos humanos que surgem no ciberespaço, através da comunicação mediada pelas redes de computadores (CMC)” (RECUERO, 2001, p. 6).

Lemos decretará que “onde há comunicação mediada por computador, há efervescência comunal e criação de comunidades virtuais” (2002, p. 157). O Orkut, esta enorme rede de amizades que se desdobra sem parar pela Internet, não foge a esta regra. Antes pelo contrário: o site explora especificamente a idéia de comunidade virtual ao possibilitar a qualquer usuário a criação das comunidades, que são o atrativo principal do serviço – ou ao menos o que lhe confere mais longevidade. Em outros meios de CMC, a formação de comunidades muitas vezes se dá como uma consequência desproposital, paulatina e até inconsciente.

Por exemplo: um grupo de freqüentadores assíduos de determinada sala de bate-papo pode desenvolver um sentimento coletivo aos poucos, sem que houvesse desde o início algo em comum que os unisse. Em contrapartida, uma comunidade do Orkut já nasce com o objetivo de agregar pessoas em torno de algo em comum; seu fundador atribui um título, uma descrição e uma imagem que anunciam de maneira clara e direta o assunto que justificará tal

agregação, e com base nisso um membro interessado adere, sendo tomado por um sentimento de pertencimento acelerado, mesmo que ainda não conheça os demais membros: basta entrar na discussão, e basta que esta seja ativa e focada.

No entanto, isso não quer dizer que qualquer comunidade do Orkut se enquadre como comunidade virtual a partir de sua simples criação. Para haver uma efetiva relação de comunidade, é necessário que a discussão do assunto em questão (no fórum) tome forma e se desenvolva de modo frutífero; é necessária uma sincera identificação dos membros ao tema, e alguma regularidade na abordagem do mesmo nos tópicos do fórum da comunidade. Isso remete à definição de comunidade virtual cunhada em 1996 por Rheingold:

As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da rede quando uma quantidade suficiente de pessoas leva adiante [...] discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, como para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético (RHEINGOLD apud SALGADO, 2004, p. 15).

Quando isso não acontece, temos comunidades do Orkut que não são verdadeiras comunidades virtuais (e que portanto botam em questão a própria denominação “comunidade” dada pelo site a essas associações). São comunidades acerca de assuntos que simplesmente não geram discussão, ou agregações de membros que por qualquer motivo não produzem conteúdo pertinente. A proliferação deste tipo de comunidade é concomitante com a expansão do próprio Orkut, sobretudo no Brasil. É um fenômeno curioso que, ao ver do autor, encontra relação nos títulos dados às comunidades. A seguir esta impressão será explicada.

No início do site, quando não apenas o sistema como também a maioria dos usuários e das comunidades eram de língua inglesa, havia uma tendência a intitular as comunidades com substantivos. Isso significava dar à comunidade um nome categórico, direto: o mesmo nome

da “coisa” (e não um ato ou experiência) que pretendia unir os membros em comunidade e suscitar efetiva discussão. Nessa época, as pessoas formavam e aderiam a comunidades com o objetivo maior de acompanhar as discussões resultantes – o que provavelmente era a intenção inicial dos criadores do site. Nesse espírito foram criadas comunidades como “Vanilla Sky”⁵¹ (filme), “Stanley Kubrick”⁵² (diretor), ou “Kung Fu”⁵³ (arte marcial), exemplos aleatórios nos quais os membros publicavam (e ainda publicam) tópico após tópico, trocando informações entre si incessantemente.

Então, aos poucos, enquanto acontecia a “invasão brasileira” ao Orkut, começaram a surgir comunidades com títulos que proponho classificar como “oracionais”. Ou seja, uma enxurrada de comunidades cujos nomes, em grande parte, são construídos como orações; pequenas frases com as quais os usuários podem simplesmente se identificar, e só por isso aderir à comunidade. “Eu odeio Matemática”⁵⁴, “Meu condicionador acaba antes!”⁵⁵ ou “Já fiz guerra de travesseiro”⁵⁶ são exemplos dessas comunidades que, por mais membros que somem, não geram uma atividade comunitária legítima. “Essas comunidades [...] abrangem um grande número de participantes [...]. Entretanto, está aí a conexão entre as pessoas? Não parece ser o caso. [...] a quantidade de interação não parece proporcional ao tamanho da comunidade” (RECUERO, 2004, p. 9-10). Em muitos destes casos, o que é compartilhado entre os membros não é um interesse, mas apenas uma coincidência, que não gera assunto. Para pessoas que gostam de acumular comunidades, basta o raciocínio “ei, eu também” para justificar a adesão. Este tipo de usuário costuma participar de mais de cem comunidades, que pra ele servem mais como bottons: são ostentados no perfil como uma mera extensão do

⁵¹ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=46176>>. Acesso em: 30 maio 2006.

⁵² Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1975>>. Acesso em: 30 maio 2006.

⁵³ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=45098>>. Acesso em: 30 maio 2006.

⁵⁴ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=82320>>. Acesso em: 30 maio 2006.

⁵⁵ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1044768>>. Acesso em: 30 maio 2006.

⁵⁶ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=4726911>>. Acesso em: 30 maio 2006.

mesmo, apenas dando dicas extras sobre a personalidade do indivíduo. Na maioria dos casos, ele se junta à comunidade e nunca mais retorna à página para interagir com os demais membros.

Pode-se até afirmar que existe um sentimento de coletividade quando tantos usuários se identificam entre si (mesmo que seja em virtude de algo superficial), e que esse sentimento de fato se manifesta através do ciberespaço, mas não podemos considerar estas como comunidades virtuais quando não existe a discussão pública desse sentimento em comum, ou qualquer espécie de prática comunitária; quando os tópicos do fórum são repletos de jogos⁵⁷ irrelevantes, muitas vezes por pura falta do que se diz. Não há um verdadeiro pertencimento, somente uma associação. “Essa falta de interação resulta em laços sociais fracos entre os membros, que acabam perdendo o próprio senso de grupo e de comunidade” (RECUERO, 2005, p. 5).

Em adição, há também a recente onda de comunidades *nonsense*. Geralmente frutos de piadas internas⁵⁸, elas agregam rapidamente alguns poucos membros (na maioria, amigos da vida real) que, após um breve período inicial de interação, logo as abandonam à inatividade. “Espacato Ocular”⁵⁹, “çosdja oshd oawihd”⁶⁰ e “Eu bebo chuva ácida”⁶¹ são alguns exemplos. Conclui-se essa observação sobre comunidades do Orkut que não representam genuínas comunidades virtuais com a seguinte citação: “a Internet é um espaço de agregações sociais múltiplas. Evidentemente que nem toda forma de agregação é comunitária [...]. Mas parece

⁵⁷ Jogos de fórum são passatempos que acontecem através dos fóruns de discussão, tomando proveito da dinâmica dos mesmos (cada nova mensagem vem abaixo da anterior, o que permite brincadeiras em cadeia do tipo “você beijaria a pessoa de cima?”). Recuero (2005) os define como “supertópicos”.

⁵⁸ Piadas que fazem sentido apenas a número muito restrito de amigos.

⁵⁹ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=13732259>>. Acesso em: 30 maio 2006.

⁶⁰ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=10103478>>. Acesso em: 30 maio 2006.

⁶¹ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=8914336>>. Acesso em: 30 maio 2006.

evidente que as tecnologias da cibercultura podem agregar, talvez como forma de lutar contra o isolamento moderno” (LEMOS, 2002, p. 154).

As comunidades virtuais são um fruto da cibercultura, que por sua vez floresce da fusão entre a socialidade pós-moderna (a ser discutida no próximo capítulo) e as novas tecnologias. “Graças às novas possibilidades abertas pelas tecnologias telemáticas, comunidades planetárias podem formar-se a partir de interesses comuns e gostos compartilhados” (LEMOS, 2002, p. 164-5). Nessa frase, é na palavra “planetárias” que reside toda a novidade: no quadro contemporâneo, as comunidades deixam de exigir de seus integrantes uma proximidade física, como na modernidade, e passam a se manifestar através do ciberespaço.

O ciberespaço é hoje um espaço (relacional) de comunhão, colocando em contato, através do uso de técnicas de comutação eletrônica, pessoas do mundo todo. Elas estão utilizando todo o potencial da telemática para se reunir por interesses comuns, para bater papo, para trocar arquivos, fotos, música, correspondência. [...] Mais do que um fenômeno técnico, o ciberespaço é um fenômeno social (LEMOS, 2002, p. 148).

É a “aterritorialidade” do ciberespaço que permite que uma comunidade no Orkut reúna, a título de exemplo, mais de 115 mil pessoas geograficamente espalhadas pelo mundo inteiro que têm em comum a apreciação à banda norte-americana Green Day⁶², e que através da página podem discutir tudo sobre o grupo, de letras de músicas às últimas fofocas sobre os integrantes. A página do Orkut é o território simbólico, imaterial, no qual toda essa comunhão se manifesta, e, por consequência, as informações ali trocadas tornam-se disponíveis a todo planeta, em tempo real e imediato. As novas tecnologias, representadas aqui pela CMC e, mais especificamente, pelo site de relacionamentos Orkut, estão sendo utilizadas como

⁶² Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=6109>>. Acesso em: 30 maio 2006.

ferramentas de uma ebulição social, focada no compartilhamento de emoções e nas formações comunitárias.

Assim, a CMC nos aproxima da “aldeia global” vislumbrada por McLuhan, como afirmará December: “CMC systems create a global village because they [...] provide participants with different ways to transcend time and space⁶³” (1993, online). Este autor explicará que, enquanto a televisão, o rádio e o telefone certamente encurtaram distâncias, estes meios eram limitados pelo tempo e espaço, em virtude de suas próprias características. A televisão e o rádio, meios de comunicação unilateral, são úteis na proliferação de mensagens à massa, mas não contribuem para comunicação interpessoal. Já o telefone permite essa comunicação, mas apenas se os participantes conectam-se ao mesmo tempo, sendo ainda que, até hoje, isso raramente se dá de maneira grupal (teleconferência). Até mesmo a interação face-a-face exige dos interlocutores simultaneidade temporal e espacial. Por isso, sustenta-se que é a revolução digital, nascida com a Internet e refletida no Orkut, que vai de fato quebrar barreiras geográficas, permitindo a comunicação entre indivíduos geograficamente distantes.

3.2.1 COMUNIDADE VIRTUAL VS. ESTABELECIMENTO VIRTUAL

Quando um internauta aceita um convite para entrar no Orkut, a primeira página exibida, antes mesmo do cadastro do usuário, declara: “O nosso compromisso é fornecer um lugar de encontro online em que as pessoas possam se relacionar e conhecer outras pessoas com os mesmos interesses” (ORKUT.COM, online). Propondo-se como um “lugar de encontro online”, seria o próprio Orkut como um todo uma grande “comunidade virtual”?

⁶³ Tradução do autor: “Sistemas de CMC criam uma aldeia global porque eles [...] providenciam aos participantes diferentes maneiras de transcender tempo e espaço”.

Para iluminar esta questão, é evocado o estudo de Jones (1997) que o levou a cunhar o termo “estabelecimento virtual” (*virtual settlement*). Este autor procurava esclarecer uma distinção entre as comunidades virtuais e o lugar no ciberespaço no qual as comunidades virtuais se manifestam:

Fernback and Thompson (1995) define virtual communities as "social relationships forged in cyberspace through repeated contact within a specified boundary or place (e.g., a conference or chat line) that is symbolically delineated by topic of interest". Therefore according to Fernback and Thompson a virtual community needs a virtual-space. At the same time a virtual community is not equivalent to its cyberspace⁶⁴ (JONES, 1997, online).

Esse ciber-lugar (*cyberplace*), que também pode ser entendido como o suporte, ou o conjunto de ferramentas de CMC que permite o estabelecimento das comunidades virtuais, é justamente o que Jones batizou de estabelecimento virtual. Recuero (2001) enfatizará que embora a comunidade virtual e seu suporte tecnológico (o *virtual settlement*) sejam coisas diferentes que não devem ser confundidas, o último é parte necessária para existência da primeira.

No entanto, Jones enumera algumas condições para que um ciber-lugar possa ser considerado um estabelecimento virtual. Elas seriam: 1) um nível mínimo de interatividade; 2) uma variedade de comunicadores; 3) um nível mínimo de associação sustentada; e 4) um espaço público, comum e virtual aonde uma porção significativa da interação do grupo ocorra. Vejamos, a seguir, se o Orkut cumpre essas exigências, podendo ou não ser considerado um *virtual settlement*.

⁶⁴ Tradução do autor: “Fernback e Thompson (1995) definem comunidades virtuais como ‘relacionamentos sociais forjados no ciberespaço através de repetidos contatos dentro de uma limitação ou lugar especificado (ex.: uma conferência ou linha de bate-papo) que é simbolicamente delimitado por tópico de interesse’. Portanto, de acordo com Fernback e Thompson, uma comunidade virtual precisa de um espaço virtual. Ao mesmo tempo, uma comunidade virtual não é equivalente a seu ciberespaço”.

Um nível mínimo de interatividade é bastante nítido nesta rede de amizades. Através do panorama já traçado, comentamos diversas ferramentas que permitem um alto nível de interação entre indivíduos no Orkut. Uma variedade de comunicadores (mais do que dois, conforme Jones especifica) também não entra em discussão quando falamos de uma rede que conta com 19.518.075⁶⁵ participantes. O nível mínimo de associação (*membership*) também é garantido, pois o site está no ar desde 2004 e o número de dissociações⁶⁶ é irrisório comparado ao montante geral de membros que se cadastram e permanecem por longo tempo em atividade nesta rede social. Por fim, os “espaços públicos comuns e virtuais” são as próprias páginas das comunidades, onde ocorre toda a interação em cada grupo.

Com isso, podemos concluir que, pelos critérios de Jones, “o Orkut não é em si uma comunidade virtual, porém um estabelecimento virtual onde ocorrerá a gênese das comunidades virtuais que visam a interesses específicos e à socialização” (SALGADO, 2004, p. 16). Recuero (2001) complementa entendendo que a página de uma comunidade do Orkut não constitui por si só a comunidade, mas a completa, e que “a comunidade virtual possui, deste modo, uma base no ciberespaço, um senso de *lugar*, um *locus* virtual. Esse espaço pode ser abstrato, mas é ‘limitado’ [...]. São fronteiras simbólicas, não concretas” (2001, p.7).

Foi dito anteriormente que todo este cenário – CMC, ciberespaço, comunidades virtuais – não é uma consequência de mero progresso tecnológico, mas sim de uma apropriação social sobre essas novas tecnologias. Essa apropriação é o que origina a cibercultura, que, portanto, só pôde surgir no âmbito da vida social contemporânea. Essa, por sua vez, é resultado de uma série de alterações nas relações entre as pessoas e entre elas e o mundo, percebidas a partir da segunda metade do século XX – alterações essas que

⁶⁵ Total computado na “Página inicial” do site às 23:30 do dia 30 de maio de 2006.

⁶⁶ O desligamento da rede Orkut, opção de qualquer membro a qualquer momento, ganhou o apelido de “orkuticídio”, uma alusão ao suicídio virtual que a pessoa comete ao eliminar sua representação no Orkut.

terminaram por simbolizar a transição da modernidade para a pós-modernidade. No próximo capítulo, focaremos esta transição e suas implicações sociais, dando ênfase às idéias do sociólogo francês Michel Maffesoli.

4 A CONDIÇÃO PÓS-MODERNA E A TRIBO EMO

Ao longo de seu trabalho, e principalmente no livro “O Tempo das Tribos” (1998), Michel Maffesoli aborda a transição entre modernidade e pós-modernidade, centrando-se na vida social que emerge desse processo. Segundo ele, essa vida social contemporânea caracteriza-se pelo declínio do individualismo⁶⁷ que marcava a modernidade, em prol de uma tendência de agregação que ele chamará de tribalismo. A seguir serão elucidadas essas e outras idéias, para que se possa, posteriormente, analisar com propriedade uma tribo que recentemente tem recebido muitos adeptos, e uma atenção midiática condizente, sobretudo no Brasil, sob o rótulo de “emo”.

4.1 A VIDA SOCIAL CONTEMPORÂNEA E O TRIBALISMO

Maffesoli (1998) nos mostrará que a modernidade pode ser vista como o processo de racionalização da vida social no fim do século XVII, processo esse que abriu alas para a industrialização e modernização do mundo. Vínhamos desde o Iluminismo colocando o homem como o centro do universo, e a ciência sobre a religião como fonte maior da verdade. A Revolução Industrial instaurou o culto à máquina, ao progresso, à produtividade, ao *dever ser*. A técnica fazia do homem um deus na administração racional do mundo. Em termos de desenvolvimento tecnológico, Lemos (2002) chamará essa de “a fase do conforto” (p. 56): as cidades modernas, representações da tecnosfera prevalecendo sobre a ecosfera, visavam o domínio da natureza (que então passava a ser controlada, explorada e transformada) e a preparação para o amanhã (projeções futuristas). Brotou dessa conjuntura uma sociabilidade

⁶⁷ Talvez caiba explicar que Maffesoli não quer dizer que não existam mais “indivíduos-individualistas” (LEMOS, 2002, p. 91). O individualismo como uma característica de personalidade (conceito similar ao de egoísmo) não é o objeto das afirmações do sociólogo. Como deverá ficar claro nas próximas páginas, o autor refere-se a toda uma lógica de isolamento, em oposição a agregações sociais e coletividade.

centrada na lógica individualista que marcou a modernidade, vendo o indivíduo como uma identidade separada e fechada sobre si mesma. Um indivíduo com uma função específica, que fazia sentido, sobretudo, dentro de uma organização político-econômica notadamente contratual. Esse indivíduo era julgado isoladamente, conforme sua especialização, e funcionava no âmbito de um partido (engajamento político), de uma associação, de um grupo estável. A sociedade resultante priorizava a clareza do conceito, a certeza da razão, a valorização do “preto-no-branco”. Percebe-se a unidade do social moderno: fechada, acabada, estática, objetiva e instrumental.

A idéia de pós-modernidade surge na segunda metade do século XX, junto dos meios de comunicação de massa e da sociedade de consumo, associados ao desgaste das grandes ideologias modernas e de conceitos centrais como história, progresso e razão (LEMOS, 2002). É a expressão de um sentimento de mudança cultural e social quando a humanidade entra na era da globalização, da micro-eletrônica, da energia nuclear. A reformulação do social fará nascer uma *socialidade* toda especial, que entre diversas características apontará o declínio do individualismo moderno em prol de um tribalismo, polimórfico e heterogêneo. Conforme Lemos (2002), as novas tecnologias que impulsionam esta fase trazem a ela a ubiquidade, o imediatismo, a compressão (transcendência) do tempo e do espaço – as redes telemáticas proporcionam aos contatos sociais o “tempo real” (instantaneidade na transmissão de dados) e a desterritorialização.

Nesse contexto, Maffesoli (1998) vai propor, em oposição à figura do indivíduo, o conceito de *persona*, que ao invés de uma função, terá um papel. A *persona* não tem valor isoladamente, mas sim em relação com o próximo. Tanto a *persona* quanto seu papel são fluidos, dinâmicos, mutáveis, diferentemente da função estanque que o indivíduo possuía.

“Podemos dizer que ao indivíduo unificado corresponde a pessoa heterogênea capaz de uma multiplicidade de papéis” (MAFFESOLI, 1998, p. 95). Esses papéis serão desempenhados em meio a diversas tribos, que, ao contrário dos grupos contratuais da modernidade, unirão pessoas por afinidade e sentimentos compartilhados. Se havia a Unidade moderna, o objetivo do racionalismo ocidental que priorizava um *dever ser*, a pós-modernidade propõe uma *unicidade*: um “ajustamento de elementos diversos” (MAFFESOLI, 1998, p. 144) que por sua vez encara a sociedade como ela é – incluindo um imaginário dionisíaco, efêmero, conformista, hedonista, características que serão comentadas mais adiante. “Pode-se dizer que assistimos tendencialmente à substituição de um *social* racionalizado por uma *socialidade* com dominante empática” (MAFFESOLI, 1998, p.17). Isso forma uma estrutura orgânica que se opõe à mecânica da modernidade, e essa transição proposta por Maffesoli foi sintetizada (1998, p. 9) num esquema que é reproduzido abaixo:

Social

Socialidade

<i>Estrutura mecânica</i> (Modernidade)	<i>Estrutura complexa ou orgânica</i> (Pós-Modernidade)
Organização econômico-política	Massas
Indivíduos (função)	Pessoas ou <i>personas</i> (papel)
Grupos contratuais	Tribos afetuais

(versus)

O autor francês complementa:

A Modernidade, ao mesmo tempo em que multiplicou a possibilidade das relações sociais, esvaziou-as, em parte, de todo conteúdo real. Esta foi, em particular, uma característica das metrópoles modernas. E sabemos que esse processo não contribuiu

pouco para a solidão gregária sobre a qual tanto se tem falado. A Pós-modernidade tende a favorecer, nas megalópoles contemporâneas, ao mesmo tempo o recolhimento no próprio grupo e um aprofundamento das relações no interior desses grupos (MAFFESOLI, 1998, p. 126).

Maffesoli propõe que o “individualismo é um bunker obsoleto, e como tal merece ser abandonado” (1998, p. 14). Como consequência veremos a formação de tribos, e “é neste quadro que se exprime a paixão, que as crenças comuns são elaboradas, ou, simplesmente, que se procura a companhia daqueles que pensam e que sentem como nós” (MAFFESOLI, 1998, p. 19). O autor (1998, p. 27) tenta formular uma lei sociológica ao dizer que se privilegia menos aquilo a que cada um vai aderir voluntariamente (perspectiva contratual e mecânica) do que aquilo que é emocionalmente comum a todos (perspectiva sensível e orgânica), e vai além afirmando que uma sensibilidade coletiva assim formada, a partir da emoção em comum, acaba constituindo uma relação ética entre tal tribo. Ele parte do exemplo da máfia (1998, p. 26) para mostrar que os membros de um grupo cuidam dos seus e respeitam uma fidelidade nem sempre expressa em regras: atitudes oriundas de uma solidariedade que por sua vez vem de um sentimento compartilhado.

Além do sentir em comum (conceito de *estética*) e desse laço coletivo (que seria a *ética*), o autor identifica o *costume* como outro cerne do convívio nesses grupos contemporâneos, definindo-o como “o conjunto dos usos comuns que permitem a um conjunto social reconhecer-se como aquilo que é” (MAFFESOLI, 1998, p. 31). Esses três aspectos formariam o que Maffesoli chama de *cimento* que une a socialidade – ou seja, a “cola social” que une as pessoas –, com a adição do desenvolvimento do *ritual*: “como sabemos, este não é, propriamente, [...] orientado para um fim, pelo contrário, ele é repetitivo e, por isso mesmo, dá segurança. Sua única função é reafirmar o sentimento que um dado grupo tem de si mesmo” (MAFFESOLI, 1998, p. 25). Trazendo isso pra imagens cotidianas, Maffesoli diz que “beber junto, jogar conversa fora, falar dos assuntos banais que pontuam a

vida de todo dia provocam o ‘sair de si’ e, através disso, criam a *aura* específica que serve de cimento para o tribalismo” (1998, p. 38).

Maffesoli indica algumas características inerentes a estas novas tribos que surgem contemporaneamente. Elas seriam presenteístas, vitalistas, hedonistas e dionisíacas; conformistas; e efêmeras.

Se a modernidade dava importância para o planejamento do futuro, as tribos pós-modernas irão deixá-lo de lado para viver intensamente o presente. Nota-se um vitalismo que significa “‘a afirmação da vida’, o querer viver societal” (MAFFESOLI, 1998, p. 46). “*No future*” seria o slogan das gerações mais jovens, mais preocupadas em aproveitar cada momento na busca do prazer imediato (hedonismo), representando “uma nebulosa ‘afetual’, uma tendência orgiástica ou [...] dionisíaca” (MAFFESOLI, 1998, p. 106). Com a percepção de que se pode morrer de um dia para o outro, o interesse não é mais pensar no amanhã, mas sim de afirmar os direitos do presente, mesmo que sejam precários.

Esta “Conquista do Presente” se manifesta de maneira mais informal nesses pequenos grupos que passam o melhor do seu tempo, vagando e explorando seu mundo. O que, naturalmente, os leva a experimentar novas maneiras de ser, onde a “caminhada”, o cinema, o esporte e as “comedorias” em comum têm um lugar especial (MAFFESOLI, 1998, p. 200).

Ainda segundo Maffesoli (1998), o fracasso do mito progressista e a saturação do político (p. 47), ao fim da modernidade, são alguns fatores que levam essas tribos a se desvencilhar do engajamento político até então presente, para adotar um notável conformismo. Não há mais o mesmo interesse na política, é rara a confiança incondicional em determinado partido. O que existe é um forte sentimento de resignação. Em vez de conduzir a rebeliões políticas, revoltas, lutas e greves, a partilha do sentimento, que é o grande cimento

nessa socialidade, pode igualmente exprimir-se sem pretensão, na festa ou na banalidade cotidiana:

Participamos mais ou menos, somos deste mundo miserável, imperfeito e, no entanto, melhor que “nada”. Visão trágica, que supõe menos a mudança (reforma, revolução) do que a aceitação daquilo que é, do *statu quo* [sic]. Fatalismo, dirão alguns. Em parte é verdade. Mas, em oposição ao ativismo (anglo-saxão?) que coloca em competição indivíduos opostos, esse fatalismo (mediterrânico?), por uma integração na matriz natural, reforça o espírito coletivo (MAFFESOLI, 1998, p. 58-9).

Note-se que o sociólogo francês não vê esse desengajamento político como um processo destrutivo ou desanimador, mas sim como o indício de uma vitalidade renovada. Há ainda a seguinte citação, que parece particularmente pertinente na conjuntura política atual brasileira:

O voto para tal deputado ou partido pode caminhar lado a lado com a profunda convicção de que nada mudará quanto a crise econômica, quanto ao que se convencionou chamar de insegurança ou quanto ao aumento do desemprego. Mas ao “fazer de conta” participamos, magicamente, de um jogo coletivo. (MAFFESOLI, 1998, p. 74).

Há, por fim, o aspecto efêmero das tribos contemporâneas. Embora o calor de uma emoção em comum unia um grupo com firmeza, esses grupos são de um caráter aberto, flexível, e de durabilidade incerta, em oposição à estática inerente aos grupos contratuais da modernidade. A identidade, no presente quadro, é apenas um estado de coisas relativo e flutuante; temos uma personalidade estilhaçada, que pode dissociar-se de variadas tribos com a mesma rapidez com que se associou.

Daí a instabilidade aparente das tribos. O coeficiente de pertença não é absoluto, cada um pode participar de uma infinidade de grupos, investindo em cada um deles uma parte importante de si. [...] cada um pode, igualmente, e num lapso de tempo muito curto, irromper em outro território, em outra tribo, em outra ideologia (MAFFESOLI, 1998, p. 202).

Assim temos um tribalismo caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão. “O homem pós-moderno é um ser mimético, que se transforma segundo as situações e as relações com os seus grupos” (PITHAN, 2006, p. 20). É isso que explica o espetáculo das ruas nas megalópoles contemporâneas: o atleta se exercita perto do punk, que canta perto do hippie, que admira um artista de rua, e assim por diante – pessoas que num momento seguinte podem estar inseridas em papéis completamente diferentes. São trajés e comportamentos de acordo com os eventos e as ocasiões. “Daí a existência dessas pequenas tribos, efêmeras em sua realização, mas que nem por isso deixam de criar um estado de espírito que parece destinado a durar” (MAFFESOLI, 1998, p. 208)

Em suma, temos na pós-modernidade um tribalismo que “recusa reconhecer-se em qualquer projeto político, não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão ser a preocupação com um presente vivido coletivamente” (MAFFESOLI, 1998, p. 105). É quando entram em cena, a partir dos anos 70, a micro-informática associada a tecnologias de comunicação – resultando em redes telemáticas e no ciberespaço que delas aflora – que essa tendência social ganha uma forte impulsão, resultando num legítimo neotribalismo.

Com o auxílio da tecnologia, [...] é no quadro efêmero de tal ou qual ocasião específica que certo número de pessoas vai se (re)encontrar. Essa ocasião pode suscitar relações contínuas, ou não. O que ela não deixa de fazer, em todo caso, é criar “cadeias” de amizade que [...] permitem a multiplicação das relações [...]: alguém me apresenta a alguém que conhece outro alguém etc... (MAFFESOLI, 1998, p. 35).

Essa citação permite enxergar a relação entre o tribalismo contemporâneo e as já comentadas comunidades virtuais, nos remetendo, por conseguinte, ao site de relacionamentos Orkut, um dos cernes do presente estudo. Agora que foi feita essa apresentação das idéias maffesolianas, é chegado o momento de aplicá-las na observação do outro cerne deste trabalho: a tribo emo.

4.2 O MOVIMENTO EMO⁶⁸

A tribo emo, como tantas outras, tem sua origem em um gênero musical. No entanto, neste caso, veremos que há um largo espaço de tempo entre o surgimento do gênero musical e a ampla consolidação da tribo correspondente, sendo a segunda resultado da (tardia) popularização do primeiro. Essa discrepância torna importante enxergar o termo “emo” nestes dois significados que, embora estejam atrelados, são bem distintos: há a *música* emo e a *tribo* (pessoa/comportamento/moda) emo.

4.2.1 A MÚSICA

“Emo” é uma abreviação de “emocore”, que por sua vez é uma contração de “emotional hardcore”, termo que foi cunhado nos anos 80 pra batizar um subgênero que vinha nascendo no *underground* dos Estados Unidos, mais especificamente na capital, Washington DC. Essas bandas pioneiras mesclavam a energia do gênero hardcore⁶⁹ com letras de teor fortemente pessoal e confessional, e suas performances ao vivo também eram comumente marcadas por extravasamentos empolgados e espontâneos de sentimento. Portanto, adicionou-se o “emotional” ao “hardcore” pra distinguir essa nova tendência – *emotional*, em inglês, significa emocional, alusão às letras das músicas, que transbordavam emoção – e assim

⁶⁸ Neste item, o autor compartilhará diversas informações obtidas de maneira empírica, tendo como aval o fato de ter sido, durante todo o ano de 2005, proprietário de uma casa de shows amplamente freqüentada pela tribo emo: a Dissonante, localizada em Porto Alegre-RS. Esta experiência confere ao autor largo conhecimento sobre o assunto, tendo em vista o grande número de clientes e bandas emo com os quais manteve contato direto. O autor é também ex-integrante de uma banda que é atualmente tida como um dos maiores ícones nacionais no gênero do emocore: a gaúcha Fresno. Os dois anos passados nesta função (2000 e 2001), bem como a forte amizade ainda mantida com os membros da banda, também fornecem conhecimento sobre os fãs do estilo. Assim, entende-se que o autor é apto para servir como fonte neste capítulo (exceto quando outra fonte for citada).

⁶⁹ O hardcore é uma vertente do punk rock, basicamente caracterizada por guitarras distorcidas e pesadas, porém em um ritmo ainda mais acelerado.

apareceu o termo “emotional hardcore”. No início, existia também o rótulo alternativo “DC sound”, uma referência ao berço do movimento, mas caiu logo em desuso.

Algumas dessas bandas seminais eram Rites of Spring, Embrace e Hüsker Dü (RADIN, 2006, online). Essa última lançou em 1984 o álbum *Zen Arcade*, considerado por muitos como o primeiro a registrar as principais características que destacavam bem o estilo das raízes hardcore e punk rock: composições mais complexas e melódicas, num ritmo um pouco desacelerado, com vocais intensos e uma estruturação introspectiva, tudo com muita ênfase nas guitarras. Além do tempero emotivo das letras, o instrumental também trazia muita experimentação. A título de ilustração do conteúdo das músicas, segue a letra da canção “Theme (If I Started Crying)”, do grupo Rites of Spring:

Cruelty is the better part of your honesty
 And when you're so direct it's just for yourself to protect
 And if I started crying, would you start crying?
 Now I started crying, why are you not crying?

Sometimes, when I see a world inside
 Sometimes, when I, I try, I really try

And hope's just another rope to hang myself with
 To tie me down till something real comes around
 And if I started crying, would you start crying?
 And if I started crying, why are you not crying?⁷⁰

A partir daí, como é muito comum quando se trata de rótulos musicais, a evolução do emcore acabou levando a diversas alterações – que por fim tornam deveras complicada a tarefa de classificar que bandas são ou não “emo” hoje em dia. Para analisar-se esta evolução,

⁷⁰ Tradução do autor: “Crueldade é a melhor parte da sua honestidade / E quando você é tão direta é só para proteger a si mesma / E se eu começasse a chorar, você começaria a chorar? / Agora eu comecei a chorar, por que você não está chorando? / Às vezes, quando eu vejo um mundo lá dentro / Às vezes, quando eu, eu tento, eu realmente tento / E a esperança é só mais uma corda para eu me enforçar / Para me amarrar até que algo real apareça / E se eu começasse a chorar, você começaria a chorar? / E se eu comecei a chorar, por que você não está chorando?”. Disponível em: <<http://www.plyrics.com/lyrics/ritesofspring/themefistartedcrying.html>>. Acesso em: 10 jun 2006.

será aceita a proposta que Andy Radin faz em seu site⁷¹ dedicado ao assunto: dividir o processo em cinco fases. A primeira seria esta, da concepção. As outras quatro serão sintetizadas a seguir.

Segundo tal autor, a segunda fase teria início entre 1987 e 88, num período de afirmação do gênero que havia nascido há pouco. Foi quando “emocore” começou a ser abreviado para apenas “emo”. A novidade estava atraindo inúmeras bandas, e essa efervescência formou uma cena mais sólida (embora ainda local e alternativa) que então começou a criar todo um estilo ao redor do som – sendo que alguns elementos deste estilo persistem até hoje na tribo emo. Como grupos principais, temos Moss Icon, The Hated, Hoover, entre muitos outros.

Musicalmente, houve nessa fase uma ampla adoção da dinâmica “calmo/barulhento”, que consiste na alternância entre momentos de instrumental suave, com guitarras dedilhadas, e vocal tranqüilo, por vezes até sussurrado, e momentos de explosão ensurdecadora de distorção, em que o vocalista passa a uivos rasgados, gritos guturais, chegando até ao verdadeiro choro, em muitos shows (RADIN, 2006). Essa é uma característica que marca muitos trabalhos classificados como emo até a cena atual. As letras ganharam certa abstração, e ficavam ainda mais difíceis de decifrar porque a mixagem das gravações tendia a deixar a voz em volume baixo, misturada entre os outros instrumentos; durante shows, a tarefa de entender as palavras beirava o impossível, em virtude da sobreposição de ruído que era comum (e proposital), e de uma postura de palco extremamente enérgica que muitas vezes levava o vocalista a cantar longe do microfone, derrubar seu pedestal, etc (RADIN, 2006).

⁷¹ Disponível em: <<http://www.fourfa.com>>. Acesso em: 7 jun 2006.

A arte presente nos encartes de CD abusava de imagens em preto-e-branco de coisas enferrujadas, sujas ou quebradas (especialmente máquinas), ou de desenhos infantis de flores, estrelas, bonecos, etc. Os encartes costumavam conter as letras das músicas, mas elas geralmente eram desorganizadas e de má legibilidade: freqüentemente os textos vinham sem pontuação, feitos com máquinas de escrever antigas ou à mão, em caligrafia descompromissada (RADIN, 2006). Estes são elementos gráficos que permanecem em voga entre as bandas emo atuais.

De acordo com Radin (2006), essa fase reprimia pretensões comerciais. Poucas bandas faziam camisetas próprias ou outros itens de merchandising como adesivos e bottons. Discos (geralmente em vinil) eram gravados com poucos recursos, de maneira analógica, distribuídos independentemente e vendidos praticamente a preço de custo. Ingressos para shows eram baratos (cerca de 5 dólares), e bandas que fizessem turnê raramente conseguiam cobrir seus custos de transporte.

Em seguida, na virada da década de 90, há uma terceira fase, caracterizada por uma leva de bandas (Heroin, Antioch Arrow, Mohinder) que reimprimiam ao emo a agressividade do hardcore. As músicas eram mais rápidas, mais barulhentas, mais ríspidas e diretas. Era uma adição do caos ao emo, resultando em canções confusas e ao mesmo tempo abrasivas. Guitarras e agora também o baixo são distorcidos ao limite, vocais são gritados com toda a força dos pulmões e das cordas vocais. Tudo era tão intenso e ruidoso que muitas vezes as músicas de uma banda eram irreconhecíveis ao vivo:

Antioch Arrow, for instance, thrashed about so much on stage that they sounded less like a band than a giant amplified blender. After each song, they had to retune every string, and usually had knocked over a good fraction of their equipment. These

shows tended also to be quite short for reasons of the band's physical endurance⁷² (RADIN, 2006, online).

Enquanto essa versão agressiva, rotulada de hardcore emo, ia perdendo força⁷³, surgia nos estados de Colorado e Seattle (centro-oeste americano) uma nova mistura, entre características do emo e do indie rock⁷⁴. Era a quarta fase do emo. Sob a influência de bandas como Fugazi (que nunca se enquadrrou como emo, mas inspirou a sonoridade de muitas bandas relacionadas), novos grupos compunham reutilizando um pouco da estrutura “calmo/barulhento”, porém com maior uso de vocais suaves, quase desafinados, que recorriam muito pouco aos gritos rasgados. As guitarras continham passagens contagiantes, um pouco mais próximas ao pop, porém sem perder o peso, alternando também com dedilhados límpidos e melancólicos.

A banda Sunny Day Real Estate foi a primeira a chamar atenção a esta vertente. Seu primeiro disco, *Diary*, pode ser considerado um marco: foi lançado em 1994 por um selo que estava muito em evidência⁷⁵, o que garantiu atenção imediata da mídia ao álbum. A banda em pouco tempo conquistou reconhecimento nacional, e sagrou-se a primeira vinculada à cena emo a sair do *underground* para se mostrar ao grande público, difundida por meios de comunicação de massa.

Nessa época também começava a entrar em cena a Internet, e certamente ela contribuiu para a popularização do Sunny Day Real Estate e de sua sonoridade. O interesse

⁷² Tradução do autor: “Antioch Arrow, por exemplo, agitava-se tanto no palco que eles soavam menos como uma banda do que como um liquidificador gigante amplificado. Após cada música, eles tinham que reafinar cada corda, e geralmente tinham derrubado uma boa fração de seu equipamento. Esses shows também tendiam a ser bem curtos, por razões de resistência física da banda”.

⁷³ Note-se que bandas emo costumavam durar pouco, nessa época.

⁷⁴ Um subgênero de rock alternativo que se restringe a um âmbito independente, ou seja, alheio à indústria fonográfica. “Indie” é uma corruptela de “independent”, que significa “independente” em inglês.

⁷⁵ Era o Sub Pop, responsável por alçar a banda Nirvana ao sucesso mundial no início da década, fato que desencadeou todo o fenômeno do grunge, que em 94 ainda era forte.

dos antigos fãs de emo recaiu sobre esse novo formato, que foi batizado de “indie emo”. Assim, mais e mais bandas surgiam sob esse rótulo, como The Promise Ring, The Get-Up Kids, Mineral e Jimmy Eat World – sendo essa última a primeira a lançar um disco emo por uma grande gravadora, a Capitol Records: era o *Static Prevails*, de 1996.

Ao fim da década de 90, o indie emo tinha uma base de fãs maior do que qualquer outro momento desde os primórdios do gênero, e sem dúvida isso se devia em parte ao desenvolvimento da Internet como uma ferramenta de divulgação para bandas do mundo todo. A indústria musical tentava lucrar com a crescente popularidade do gênero, mas a maioria das bandas emo preferia se afastar, fiéis à mentalidade independente da cena e descontentes com o alarde gerado sobre sua música. Muitas, inclusive, enveredaram em outras sonoridades numa tentativa de escapar deste alarde. Entre as que cederam à “tentação” e assinaram contratos, quase todas se separaram antes do primeiro lançamento. A grande mídia e o público construía expectativa ao redor de um gênero do qual quase não restavam representantes.

Enquanto isso, Jimmy Eat World permaneceu produzindo, mesmo após ser dispensado da Capitol Records, no fim de 1999. Mas ao lançar independentemente o disco *Bleed American*, em 2001, o grupo já havia se afastado quase completamente das influências emo: era um rock de fácil assimilação, com um apelo bastante comercial. No entanto, os meios de comunicação de massa, sabendo da antiga relação da banda com o estilo emo (desde 1994), e precisando de uma banda que assumisse essa “promissora” etiqueta, continuaram a classificar a Jimmy Eat World dessa forma. Com isso, “emo” passou a descrever algo muito diferente do som que havia despertado curiosidade na segunda metade dos anos 90 (o chamado indie emo). Conseqüentemente, uma série de bandas que nasciam após 2001 fazendo um som comparável ao do disco *Bleed American* recebia esse mesmo rótulo. Segundo Radin (2006), se inicia

assim a quinta fase do emo. É nessa fase que o termo se alastra por todos os cantos da mídia, gerando um contingente massivo de fãs que formará uma tribo de grandes proporções, que chegará até o Brasil.

O primeiro grande fenômeno dessa fase foi o Dashboard Confessional, um projeto solo encabeçado por Chris Carrabba. Inicialmente, a “banda” consistia apenas em Chris e seu violão. Em apresentações acústicas que ganharam notoriedade em 2001 e viraram sucesso em 2002, ele exibia canções que extravasavam seus sentimentos através de intrincadas melodias e letras intimistas, em um tom de diário que justifica o “confessional” estampado no nome. Enquanto o emo em suas primeiras fases falava de emoções mais sombrias e dolorosas, os depoimentos de Carrabba – usando de um inglês por vezes rebuscado – se focavam em amores perdidos e conquistados, o que era de grande apelo, principalmente, a adolescentes experimentando paixões e outras situações da vida pela primeira vez. Eis um exemplo, num trecho do *hit* “Hands Down”:

My hopes are so high that your kiss might kill me
So won't you kill me, so I die happy?
My heart is yours to fill or burst, to break or bury
Or wear as jewelry, whichever you prefer

Hands down, this is the best day I can ever remember
I'll always remember the sound of the stereo, the dim of the soft lights
The scent of your hair that you twirled in your fingers
And the time on the clock when we realized it's so late
And this walk that we shared together

And the streets were wet and the gate was locked
So I jumped it, and I let you in
And you stood at your door with your hands on my waist
And you kissed me like you meant it
And I knew that you meant it⁷⁶

⁷⁶ Tradução do autor: “Minhas esperanças estão tão altas que seu beijo pode me matar / Então por que não me mata, pra que eu morra feliz? / Meu coração é seu pra preencher ou estourar, pra quebrar ou enterrar / Ou usar como jóia, o que você preferir / Sem dúvida, esse é o melhor dia que posso lembrar / Sempre vou lembrar do som do rádio, a brandura das luzes suaves / O odor do seu cabelo que você enroscava com seus dedos / E a hora no relógio, quando percebemos que era tão tarde / E essa caminhada que compartilhamos juntos / E as ruas estavam molhadas e o portão estava trancado / Então eu pulei, e deixei você entrar / E você parou na sua porta,

Percebendo o sucesso de Dashboard Confessional e Jimmy Eat World, as grandes gravadoras passaram a procurar bandas semelhantes. Nesse afã, acabaram colocando na prateleira emo uma série de bandas que não necessariamente têm muito em comum, muitas das quais nem se identificavam com o rótulo. Algumas bandas americanas dessa atual fase são: AFI, Brand New, Coheed and Cambria, Fall Out Boy, Finch, Good Charlotte, Hawthorne Heights, My Chemical Romance, Simple Plan, Story Of The Year, The Starting Line, Taking Back Sunday, The Used, Thrice, e Thursday. Assim, a confusão ao redor do termo “emo” só se agrava, e ele acaba se referindo a uma série de tipos de rock “carregado de emoção”, o que é bastante amplo e dificulta a distinção do que se enquadra.

Através do pleno sucesso comercial, a quinta fase apresenta o emo ao mundo inteiro, domina as rádios e a MTV, e traz o gênero até o Brasil. Começou a se formar uma cena emo no *underground* brasileiro, que englobou bandas que até então se enquadravam na categoria de hardcore, ou a variante “hardcore melódico” (hardcore com ênfase em melodias contagiantes), ou ainda no subgênero “pop punk” (punk rock com nuances pop). Se as diferenças entre estes estilos já eram difíceis de determinar, a popularização do rótulo emo só piorou a confusão. Muitas bandas adotaram a nova etiqueta para aproveitar a onda, enquanto outras eram associadas a ele sem concordarem.

Enquanto a indústria fonográfica brasileira via a novidade com receio, a Internet foi a salvação para as bandas independentes divulgarem seu som nacionalmente. Assim ganharam notoriedade bandas precursoras como Dance of Days (SP), emo. (RJ), e Fresno (RS). Hoje a cena emo brasileira também tem como outros exemplos as bandas Aditive, Sugar Kane, e as

únicas que, até o presente momento, assinaram com grandes gravadoras: CPM22, Forfun, Hateen, e NxZero. Como não poderia deixar de ser, há muita gente que não considera essas bandas como emo, e nem as próprias bandas ou as gravadoras se pronunciam firmemente quanto ao gênero, para evitar a polêmica. Mas não há dúvida de que o sucesso dessas bandas é, de forma direta ou indireta, consequência da popularização do emo no Brasil.

E é essa popularização da música emo (hoje definida amplamente como “rock pesado de letras românticas”) que vem construindo no país, de alguns anos para cá, uma verdadeira tribo emo. É nesse âmbito que “emo” passa a designar algo além de uma categoria musical: emo vira um estilo de vida, um gênero de moda, uma gíria, um adjetivo. A seguir, as características que identificam a tribo emo como ela é vista atualmente, principalmente no Brasil.

4.2.2 A TRIBO

O sentimento principal que é compartilhado pelas pessoas⁷⁷ da tribo emo de hoje é o gosto pelo estilo musical emo retratado em sua quinta fase, como se viu no item anterior. Diga-se de passagem, a maioria dos emos de hoje sequer tem noção do histórico de duas décadas que existe por trás do gênero, pois o conheceu apenas através da explosão midiática dos últimos tempos – leve-se também em conta que os álbuns das outras fases, justamente por serem algo restrito ao *underground* norte-americano, são difíceis de encontrar, mesmo com o auxílio da Internet. Portanto, o grande *cimento* (MAFFESOLI, 1998) entre os emos é essa música pesada que fala sobre decepções amorosas, conflitos em família e situações do tipo.

⁷⁷ Deste ponto em diante será usada simplesmente a palavra “emo” como substantivo referente aos membros da tribo.

Como esses assuntos são de maior identificação entre adolescentes, a faixa etária da tribo é condizente: a maioria dos emos está entre os 11 e os 18 anos de idade (COTES, 2006).

Ligado a este gosto pela música de conteúdo confessional está uma característica marcante da personalidade dos emos: a desinibição em expressar seus sentimentos. Em outras palavras, pode-se curiosamente dizer que um sentimento compartilhado (MAFFESOLI, 1998) entre a tribo emo é justamente o compartilhamento de sentimentos. Os emos não reprimem suas emoções: sofrem por amor, não têm vergonha de chorar (especialmente ouvindo músicas emo ou em shows) e nem de demonstrar publicamente afeto por amigos, inclusive os do mesmo sexo. Não é raro ver garotos da tribo se beijando na boca, ato que até costuma agradar garotas emo, sendo que o contrário também é verdadeiro (KOBAYASHI, 2006). Como resultado dessa postura sensível e antimachista inerente a tudo que é emo, tem ganhado força a idéia de que esta tribo é sexualmente flexível. O certo é que a discriminação, assim como a violência, é rechaçada por esta tribo, que defende a tolerância e a paz entre todos. Portanto, é digno de nota o fato de que os emos vão contra uma tendência de valorização da transgressão, perceptível em outras tribos pós-modernas. Por sinal, emos costumam dizer não às drogas, inclusive o álcool (embora isso não seja regra). “A atitude emo mostra um esgotamento do modelo ocidental, em que os jovens tentam se afirmar pela violência ou pelo consumo. Os punks ou funkeiros se impõem pela agressividade. Os emos querem se fazer aceitos pelo amor”, observa Regina de Assis, uma doutora em Educação, citada por Cotes (2006).

Costumes fortes entre os emos são: a manutenção de diários (que podem ser em papel ou em forma de blog), com muitas poesias, pensamentos, e letras de músicas; e o uso da Internet, que é o maior meio de disseminação da cultura emo – principalmente o Orkut, MSN e fotologs. Nestes últimos aflora outra característica emo, que é a vaidade. Fotos publicadas

em fotologs geralmente são auto-retratos; as expressões são sérias ou tristes, refletindo a melancolia associada à tribo; outros vícios da “fotografia emo” são mãos tapando bocas como que fingindo espanto, rostos pensativos, e o ângulo do alto para baixo (Anexos 13, 14 e 15, p. 120-122). Outro aspecto que prende os emos à rede é a busca pela música: é no ciberespaço que as bandas independentes disponibilizam seu som, e nesse papel os sites MySpace⁷⁸ e Tramavirtual⁷⁹ têm enorme contribuição. Além disso, em redes peer-to-peer⁸⁰ e até via IRC é fácil baixar álbuns inteiros das bandas emo mais consagradas.

Fora de casa, para abastecer fotologs e documentar cada momento, emos tentam ter uma câmera fotográfica digital sempre à mão. Seus celulares são essenciais para comunicação móvel entre a turma e para o agendamento de atividades grupais. Tocadores de MP3 também são úteis para que um emo possa escutar suas músicas favoritas em qualquer lugar. Fica explicado, em parte, o fato de que a tribo emo se manifesta com mais força nas classes média e alta: são as que têm mais acesso à Internet, além de terem o poder aquisitivo para bancar estes aparelhos eletrônicos e os demais bens de consumo que definem o visual emo, destrinchado a seguir.

Não é difícil identificar a tribo emo por sua aparência. Alguns detalhes são válidos para ambos os sexos. O corte de cabelo é talvez a característica mais evidente: emos usam cabelo liso, com uma franja comprida que cobre os olhos, ou só um deles. A cor do fio é geralmente preta (seja natural ou não), mas também há uso de tintas vibrantes como o rosa, o azul e o vermelho. Embora a franja seja mais difundida, garotos também podem usar o cabelo mais curto e espetado para cima. No âmbito dos acessórios, todos gostam de piercings faciais

⁷⁸ Disponível em: <<http://www.myspace.com>>. Acesso em: 11 jun 2006.

⁷⁹ Disponível em: <<http://www.tramavirtual.com.br>>. Acesso em: 11 jun 2006.

⁸⁰ Redes que interligam computadores e permitem o compartilhamento direto de arquivos entre eles, incluindo aí arquivos do formato MP3, que compacta músicas. Entre os softwares que possibilitam isso, os mais populares são o Kazaa, o Napster, o eMule e o Soulseek.

(principalmente no lábio), alargadores de orelha, munhequeiras, pulseiras largas de couro, cintos de rebite e colares de bolas ou de dados. No frio, usam cachecol. Óculos de aro grosso e escuro também são muito populares, chegando a serem usados por pessoas que nem necessitam de lentes corretivas. Nos pés, tênis das marcas All Star, Vans, Adidas, ou ainda a brasileira Mad Rats. Bonés, bolsas e mochilas são cravejados de bottons de bandas emo, servindo como porta-voz do gosto musical do portador (YOSHIDA, 2005). As camisetas também podem ter essa função, pois as estampas de bandas são bastante populares. Sobreposições são muito usadas: camisetas de mangas curtas vestidas por cima de camisas ou camisetas de mangas compridas. Casacos esportivos retrô são populares, principalmente os das marcas Adidas ou Puma. Em termos de cores, predomina o preto, que expressa certa rebeldia, mas em contraste com cores vibrantes e estampas nostálgicas que representam uma vontade de não envelhecer (PACCE apud COTES, 2006); garotos não se acanham em vestir rosa. Estrelas, caveiras e corações são adotados como ícones da tribo, e a textura xadrez também é usada em diversos itens. O jeans é amplamente utilizado, seja em calças, saias ou bermudas. Até mesmo a maquiagem é encontrada tanto em meninas quanto em meninos; no caso deles, restringe-se ao lápis preto contornando o olho, ou uma sombra embaixo dele, preta ou até vermelha. Existem ainda muitos rapazes que pintam uma ou mais unhas de preto.

Como exclusividades das garotas, há as meias arrastão, as saias, os vestidos, as botas de cano alto, as sandálias plásticas da marca Melissa ou similares, os produtos e estampas de bichinhos infantis (como a Hello Kitty), e os lacinhos que substituem os tic-tacs como prendedores de cabelo. Os rapazes usam camisetas de tamanhos reduzidos, bonés altos que são chamados de “boné de caminhoneiro”, e andam quase sempre de mochila. É comum o uso de uma gravata, às vezes até com camiseta, ficando a peça apenas atada ao redor do pescoço. Abaixo da cintura, podem tanto usar um bermudão que chegue até as canelas, ou uma calça

justa, de corte reto ou mesmo feminino, de jeans ou no modelo calça social. Camisas pólo listradas horizontalmente também estão se popularizando.

Esse é o visual que permite que os emos se reconheçam como uma tribo. Sobre isso, Maffesoli (1998) toma emprestado o conceito de *máscara* segundo Simmel, como sendo a aparência que integra uma *persona* num conjunto:

A máscara pode ser uma cabeleira extravagante ou colorida, uma tatuagem original, a reutilização de roupas fora de moda, ou ainda o conformismo de um estilo “gente bem”. Em qualquer caso ela subordina a persona a esta sociedade secreta que é o grupo afinitário escolhido. Aí existe a “des-individualização”, a participação, no sentido místico do termo, a um conjunto mais vasto. [...] a máscara faz de mim um conspirador contra os poderes estabelecidos, mas desde já pode-se dizer que esta conspiração me une aos outros, e isso não acontece de maneira acidental, mas estruturalmente operante (MAFFESOLI, 1998, p. 128-9).

Os emos também têm uma linguagem peculiar, que no geral possui um tom infantilizado. Há vasto uso de diminutivos: “bonequinho”, “florzinha”, “cãozinho”, etc. São muito usados adjetivos como “fofo”, “meigo”, “lindo”, “querido”, também em variantes neologistas como “fofuxo”, “meiguxo”, “queriduxo”. Como vocativos, as meninas adotam o prefixo “senhorita”, ou “dona”, e os meninos também se chamam de “senhoritos”. Casais costumam simbolizar sua fidelidade se chamando de marido e esposa, e é comum que grandes amigas se chamem de “maridas”.

Pontos de encontro clássicos da tribo emo são as portas das escolas, as lojas de roupas e artigos de rock, shopping centers, parques e praças, bares ou botecos escolhidos aleatoriamente pelo público (geralmente em virtude de bebida barata) e casas noturnas que promovam shows de bandas alternativas. É nesses ambientes que a tribo pratica o “estar-junto à toa” (MAFFESOLI, 1998, p. 115), exerce seus rituais e seus costumes (cantarolar, beber, tocar violão, trocar opiniões e emoções, etc), e enfim, reafirma-se enquanto tribo. Em Porto

Alegre, é fácil encontrá-los no Arco da Redenção (aos domingos) e no shopping Bourbon Country (às quintas-feiras), entre vários outros locais.

O presenteísmo hedonista observado por Maffesoli (1998) confere-se na tribo emo. Estes adolescentes não se preocupam com o amanhã, e preferem viver o agora, mergulhando intensamente em cada sentimento que surgir, seja bom ou ruim. São pessoas que se jogam em novas experiências – como beijar gente do mesmo sexo – sem medo da opinião alheia ou das conseqüências posteriores, visando seu próprio prazer imediato. O seguinte trecho mostra uma interessante semelhança entre o emo e o dionisíaco: “a irrupção de Dionísio é a irrupção do Estranho. Efeminado, perfumado, vestido de maneira diferente, sua aparência, os modos de vida e de pensamento que ele propaga, são chocantes sob vários pontos de vista” (MAFFESOLI, 1998, p. 150).

É ainda mais nítido nos emos o conformismo abordado por Maffesoli (1998). Trata-se de uma tribo sem ideologia. Embora eles preguem a tolerância e a igualdade, não há qualquer engajamento ou luta por esses valores. Eles são completamente passivos neste sentido, ficando a política muito longe de seus campos de interesse. Eles sofrem, afirmam que o mundo é cruel, que a violência é algo horrível, mas ao mesmo tempo se resignam, não tomam partido no combate a isso; apenas reclamam porque não gostam de reprimir suas impressões sobre a vida. Os emos são uma afirmação da pós-modernidade, ao passo em que toleram tudo e todos como são, e priorizam as emoções do presente. Essa falta de pulso revolucionário distancia mais ainda os emos dos punks, tribo altamente politizada. Isso contribui – junto de certa dose de homofobia em relação ao comportamento “liberal” dos emos – para que estes sejam grandes discriminadores do universo emo.

A efemeridade da tribo emo é prenunciada por muitos, que consideram tudo uma moda passageira – que ganhou nome no trocadilho “emodinha”. Existem tribos mais perenes, e outras que desaparecem; os próximos anos deverão mostrar o rumo que o movimento emo tomará. Um fator que parece apontar para o enfraquecimento desta tribo é a falta de orgulho por trás dela, consequência do grande preconceito que os emos sofrem.

Em virtude da postura sensível, depressiva e sexualmente ambígua que acompanha a tribo emo, não é de se admirar que, em uma sociedade predominantemente machista, exista um forte movimento de discriminação e ódio aos emos, de proporções até maiores do que a própria tribo. Emos são freqüentemente taxados de gays e humilhados por sua sensibilidade ou por mostrar carinho por outros do mesmo sexo – muitas vezes sofrem até agressões físicas, principalmente por parte de punks. “Emo” tem praticamente se generalizado como um xingamento usado para denegrir pessoas emocionalmente instáveis, de choro fácil, ou que expõem seus problemas pessoais em público. Para muitos depreciadores do movimento, o culto à depressão associado aos emos denota hipocrisia por parte de jovens abonados que se fazem de vítimas e reclamam de suas vidas sem motivos válidos. Por conta deste cenário, não é tão fácil encontrar pessoas que não se importem em ser rotulados como emos, e que se orgulhem disso. Na verdade, há quem brinque que o primeiro passo para ser emo é nunca admitir ser emo. Porém, mesmo desgostando do rótulo ou temendo as represálias que dele emergem, a tribo emo se reconhece e permanece unida graças aos sentimentos compartilhados (estética), os comportamentos e atividades (costumes e rituais), ao visual (máscara) e ao laço coletivo (ética) que brota e faz com que, no fim, os emos defendam uns aos outros dessas tantas ofensas vindas de fora.

Comentou-se que os emos passam muito tempo na Internet, e principalmente no Orkut. No capítulo que segue, será estudada a relação da tribo com este site de relacionamentos.

5 A MANIFESTAÇÃO DA TRIBO EMO NO ORKUT

5.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este capítulo será baseado na observação empírica do site de relacionamentos Orkut, no qual qualquer informação postada é de acesso público. Para balizar esta observação, o autor elaborou um questionário de seis perguntas abertas e o publicou em dez comunidades específicas, direcionando-o aos membros que se consideravam integrantes da tribo emo. Foi dada a opção de enviar as respostas de forma anônima, diretamente via e-mail – escolha de apenas uma das participantes, que ainda assim permitiu a visualização de seu perfil. Posteriormente, o autor analisou as opiniões e os perfis das dez primeiras pessoas que espontaneamente responderam (seis garotas e quatro garotos). Estes depoimentos serão reproduzidos neste trabalho com fidelidade, por entender-se que o estilo de digitação e até mesmo os erros contribuem para a caracterização desses usuários. O *itálico* dará destaque a estas passagens por motivos estilísticos. Dispensar-se-á, nestes casos, o uso do “*sic*”, para não truncar a leitura, pois seriam muitas ocorrências. Com a mesma preocupação, atribuiu-se uma letra para designar cada emo participante, pois usar repetidamente seus apelidos (ver abaixo) poluiria o texto. A seguir, em ordem de envio das respostas, a lista dos usuários que participaram da pesquisa, com suas letras correspondentes e a URL de seus perfis no Orkut (com permissão):

Garota A: **Srtah OFFLINE buballoo** (<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=1689086440879211571>)

Garota B: **Juliana Ferreira** (<http://www.orkut.com/ProfileP.aspx?uid=2620714230385795163>)

Garota C: → **Uvinha •°•** (<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=3215720542234104283>)

Garota D: **~Murder D o L L 9 / NaThI** (<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=968692254825600858>)

Garoto E: **Gustavo Nagai** (<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=13221120156933945682>)

Garoto F: **\Srtô emo Kudai/ da silva sauro** (<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=7282788481624472508>)

Garoto G: **▣EKS▣ ~Q coisa não!?!~*C.B*/** (<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=6071856523894745306>)

Garota H: **• nah; .** (<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=16329001403115557247>)

Garoto I: **Marcos Augusto Schroeder** (<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=14363997078747884638>)

Garota J: **☺♥☺ Srtª Ayank ☺♥☺ Dias q o (L)³quase p/ d bate**
(<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=16838790069950213185>)

A seleção das comunidades se deu através do seguinte critério. Foi utilizada duas vezes a ferramenta de pesquisa de comunidades: uma para procurar comunidades cujo título contivesse a palavra “emo”, e outra para a palavra “emocore” – pois a ferramenta em questão não inclui a primeira na segunda, e ambas seriam relevantes. Dentre os resultados de cada uma destas duas buscas, foram escolhidas as cinco primeiras comunidades sobre o emo, excetuando-se todas que eram de preconceito contra o emo, visto que as perguntas eram voltadas aos emos e não a seus depreciadores. Também foram substituídas duas comunidades moderadas, cujos donos não autorizaram a adesão do autor em tempo hábil, necessária para a publicação das perguntas. Vale lembrar que os resultados são exibidos em ordem decrescente de número de membros, o que significa que, de acordo com a ferramenta de busca, as dez comunidades selecionadas representam as mais populosas que têm em seu título os termos supracitados. São elas⁸¹: “**Emo e Emocore**”⁸² (11.804), “**Um orgulho chamado EMOCORE!**”⁸³ (7.052), “**Just emo**”⁸⁴ (6.869), “**Real Emo**”⁸⁵ (5.145 membros), “**EMoCoRe**”⁸⁶ (4.072), “**Eu OUÇO emo core**”⁸⁷ (3.349), “**Eu respiro emocore**”⁸⁸ (2.867), “**Eu curto emo core e daí?!?**”⁸⁹ (2.737), “**Emo girls e Emo boys**”⁹⁰ (2.268) e “**EmoCore Brazil**”⁹¹ (2.030).

As perguntas do questionário eram: **1)** Em quais comunidades você discute bandas ou assuntos relacionados com o emo? **2)** Quais recursos do Orkut você mais usa para interagir

⁸¹ Quantidades de membros contabilizadas às 14 horas do dia 14 de junho de 2006, segundo o próprio site.

⁸² Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=85314>>. Acesso em: 14 jun 2006.

⁸³ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=5437210>>. Acesso em: 14 jun 2006.

⁸⁴ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1580602>>. Acesso em: 15 jun 2006.

⁸⁵ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=534>>. Acesso em: 15 jun 2006.

⁸⁶ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1307927>>. Acesso em: 14 jun 2006.

⁸⁷ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1031453>>. Acesso em: 14 jun 2006.

⁸⁸ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=856503>>. Acesso em: 14 jun 2006.

⁸⁹ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1898868>>. Acesso em: 14 jun 2006.

⁹⁰ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=710794>>. Acesso em: 14 jun 2006.

⁹¹ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=11744167>>. Acesso em: 14 jun 2006.

com outros emos? **3)** Quais as características do seu perfil no Orkut que indicam que você é emo? **4)** Você já fez novas amizades com emos através do Orkut? De que forma (fazendo uma pesquisa, por meio de comunidades, por acaso, etc)? **5)** Você usa o Orkut pra marcar atividades com amigos emo? Que tipo de atividades? Usando que ferramentas do site? **6)** Você sofre preconceito via Orkut por ser emo? Se sim, através de que recursos (scrap, mensagem, etc)? Referências a estas perguntas, daqui por diante, serão feitas através de seus respectivos números.

5.2 ANÁLISE DA MANIFESTAÇÃO DA TRIBO EMO NO ORKUT

O primeiro ímpeto de um usuário que procura se informar sobre a cultura emo no Orkut é o de fazer uma busca pelo termo nos títulos das comunidades. Quem o faz é duplamente surpreendido pelos resultados: primeiro, ao constatar que são mais de mil (limite imposto pelo site para exibição), o que dá noção do quanto a tribo está em voga atualmente; e segundo, ao perceber que a indiscutível maioria das comunidades encontradas é de ódio ao emo. Somente na primeira página de resultados (conforme acesso no dia 15 de junho de 2006), há comunidades como “Tá Tudo Virando EMO?”, “EMO, Som de fruta ®”, “Chute um Emo e ganhe 1 real”, “Emo bom é Emo morto”, “Será q existe emo macho?” e “Quero ESPANCAR um EMO”.

Porém, fazendo-se uma observação mais atenta é possível encontrar comunidades que servem como pontos de encontro virtuais para os seguidores desta mania, nos quais eles podem discutir a música emo, suas bandas favoritas, o estilo de se vestir, ou apenas conversar sobre qualquer coisa, como um grupo. São comunidades como estas que serão focalizadas neste capítulo, visto que o objetivo do presente trabalho não é discorrer sobre a discriminação

ao emo, mas sim constatar como o site de relacionamentos Orkut pode ajudar os emos a se firmarem enquanto tribo, unindo-os no ciberespaço, e até mesmo possibilitando encontros na vida real.

Um emo, em sua representação real, tem diversos elementos ao seu dispor para mostrar a que tribo pertence: as roupas, os acessórios, o penteado, etc – elementos estes que remetem ao conceito de *máscara*, abordado no capítulo anterior. No entanto, ao ingressar na rede de amizades do Orkut, essa *persona* vai ter que se adaptar, utilizando os recursos do perfil para fazer-se entender como um emo. Vejamos como fica a *máscara* de um emo nos domínios do estabelecimento virtual Orkut.

5.2.1 OS PERFIS DOS EMOS NO ORKUT

A pergunta 3 do questionário indagava sobre quais elementos do perfil indicam que o questionado é emo. As respostas mais repetidas foram: o álbum de fotos, as comunidades, e o campo “música” (onde se coloca as bandas ou canções favoritas).

Como visto no capítulo sobre o Orkut, o álbum de fotos representa uma extensão imagética do perfil, então é natural que ele seja utilizado pelos emos para se afirmarem como tal. O álbum dá a chance de eles aparecerem no ciberespaço como apareceriam nas ruas: vestindo as roupas emo, exibindo os acessórios, a maquiagem, o corte de cabelo e tudo mais. Como exemplo, observe no Anexo 16 (p. 123) o álbum⁹² da Garota D, que, na pesquisa, apontou suas fotos como uma maneira de mostrar que é emo. Encontram-se vários elementos: os tênis All Star (em três imagens), a estrela, o cinto de rebite, a mochila, a franja comprida e

⁹² Disponível em: <<http://www.orkut.com/AlbumView.aspx?uid=968692254825600858>>. Acesso em: 16 jun 2006.

escura, o sentimentalismo em duas das legendas, além da escrita em geral, aspecto ainda a ser esmiuçado.

Também no terceiro capítulo foi proposto que a parte “comunidades” do perfil de um usuário do Orkut serve como um punhado de dicas sobre a personalidade da pessoa. Várias comunidades batizadas de “oracionais” ganham este propósito, sendo usadas num perfil como bottons num casaco. Para a tribo emo, que literalmente abusa dos broches para manifestar preferências (como visto no capítulo anterior), não seria diferente. As comunidades ligadas ao gênero musical emo, ao estilo, ou a bandas relacionadas anunciam aos visitantes do perfil o gosto daquele membro pela cultura emo. A Garota A, que concordou com isto na pesquisa, tem em seu perfil algumas comunidades que servem este propósito, como se vê no Anexo 17 (p. 124; imagem capturada às 19h12min do dia 16 de junho de 2006). Uma se chama “EmoCore Is My Life⁹³”, outras duas fazem alusões a bandas emo (San Dimas e My Chemical Romance), uma tem em sua foto o popular piercing labial e outra transborda sentimento citando uma letra da banda emo CPM22 (“Não sei viver sem ter você...”). São fortes indícios de que esta pessoa é, no mínimo, simpatizante da tribo emo. Lembrando que as nove comunidades exibidas num perfil são escolhidas aleatoriamente pelo sistema, a cada acesso. Como o Anexo 17 (p. 124) mostra, esta usuária participa de nada menos do que 998 comunidades.

Na parte social do perfil, onde se expõem gostos e preferências, um dos campos é o da “música”. Nele os emos podem listar quantas bandas ou canções quiserem para mostrar que gostam do emocore. Para exemplificar isto, há entre os questionados um caso inusitado, de um rapaz que ouve bandas emo, mas não adota o visual ou o comportamento típico da tribo. É

⁹³ Tradução do autor: “Emocore é minha vida”.

o Garoto I, que respondeu a questão 3 da seguinte forma: *“Eu não concordo com isso, mas sou rotulado de emo por ouvir bandas emo. Não adotei o visual nem nada, mas as bandas que falam por mim nessa hora”*. Em seu perfil, no campo “música”, se lê: *“Cap'n'Jazz, The Moirai, Penfold, Mineral, Sunny Day Real Estate, Polara, Fresno, Promise Ring, Get Up Kids, Mae, Copeland, June, Jack's Broken Heart”*. São bandas consideradas emo, algumas mais atuais, outras da quarta fase da evolução do gênero (ver capítulo quatro). É muito comum encontrar neste campo uma extensa lista de bandas favoritas. A Garota J fez isso, como se vê no trecho⁹⁴ reproduzido a seguir:

- ★Simple Plan
- ★Aditive
- ★Dance of Days
- ★Delete
- ★Emo.
- ★Fresno
- ★NXzero
- ★Cueio Limão
- ★For Fun
- ★Carbona
- ★Sugar Kane
- ★Level Nine
- ★Mr.Gyn
- ★My Chemical Romance(linduuuu)
- ★Killi
- ★The used
- ★Finch
- ★MxPx
- ★entre outros...emo d preferencia..

Ainda em resposta à pergunta 3, Garoto F afirmou ser mais direto em seu perfil: *“falndo q eu sou emo e demonstrando meu sentimentos”*. No campo “quem sou eu”, este usuário⁹⁵ comenta um videoclipe da banda Green Day que lhe comoveu, avisa sobre sua política de novas amizades no Orkut (ele diz não adicionar qualquer um), e descreve como é e do que gosta:

⁹⁴ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=16838790069950213185>>. Acesso em: 16 jun 2006.

⁹⁵ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=7282788481624472508>>. Acesso em: 16 jun 2006.

Eu sou:
 *Emo
 *Excroto
 *Nojento
 *Anti-social
 *Emotivo
 *Choro por amor
 *Amo qm n me ama
 *Carente
 *Gosto de Emos c franjinha(fofo)
 *Gosto d meninas emo de cabelo chanel
 *Amo menino(a) c piercing na lingua ou no canto da boca
 #COMPLETAMENTE XONADO POR NX ZERO ETERNAMENTEEEEEEEEEEE
 *Sou apaixonado por:
 *Fresno
 *Emo.
 *My chemical romance
 *Simple Plan
 *The Used
 *Dance of days
 *Good Charlotte

Outro usuário, Garoto G, respondeu dizendo que seu perfil é emo por mostrar “*varias coisas como o sentimentalismo e mtas vezes declarações d anti preconceito*”. No extenso “quem sou eu” de seu perfil há, entre outras coisas, letras de músicas românticas, e declarações como “Gritando pa td mundo q t amo!!![x](vo faze ixo td dia da minha vida)” e “Cinthia t amo mto mto mto!!vuxe tah pa sempre no meo coração(LLLLL)³³³³³³³³³³”.

A Garota J respondeu à questão 3 (“Quais as características do seu perfil no Orkut que indicam que você é emo?”) da seguinte forma: “*ah essa eu nao saberia te dizer..achu q as minhas fatus...ou mesmu minhas comus...jah q elas dizem bastante coisas sobre mim...mais achu q eh mais o meu link nu orkut...jah q lah esta como 'Srt^a Ayank' e a maioria dos emo coloca o srt^a srt^o entre outros...*”. Isso leva à questão dos apelidos emos no Orkut.

5.2.2 OS NOMES DOS EMOS NO ORKUT

A maioria dos emos inscritos no Orkut não utiliza seu nome verdadeiro, e sim alguma espécie de apelido. Como o depoimento acima afirma, é mais do que freqüente a transferência

daqueles vocativos relatados no capítulo anterior para a rede virtual: “Dona”, “Srta.”, “Srto.”, e algumas variações. Além disso, o que mais marca os nomes dos emos é o uso de caracteres inusitados. Além de alguns acentos e sinais presentes no teclado padrão, como o til, o asterisco e o hífen, são inseridos corações, estrelas, círculos, naipes de baralho, entre outros desenhos. Os seguintes nomes apareciam simultaneamente na página inicial de uma das comunidades selecionadas, a “Emo girls e Emo boys”, representando os últimos membros a se conectarem ao Orkut, às 21h21min do dia 16 de junho de 2006:

Srtá Vick
 .. ★ AninhA ★..
 ==(Deivid)==TM
 ★ T*H*A*T*À ★ ♣
 Mr.LOS PUTOs
 .stró.NANzin.
 ♣Srto. Lucas
 Bon3kinha-madden
 .~Srtá.LuH_____

Já na EmoCore Brazil, havia os seguintes exemplos (às 21h41min do mesmo dia):

♥[Srt°Free One]
 Carolzinha *S2
 .-Đãñzão_
 • Monique I •
 Fiiiiiii *2*
 Ana Paula
 ★§@†á..*..©ã@öf★
 'kikA_____s2
 Srtª Bubukinhaah

Em *links*, o Orkut só exhibe o primeiro nome dos membros, o que quer dizer que os apelidos acima foram escritos no campo de primeiro nome. Apenas entrando em alguns destes perfis se descobre o nome, ou melhor, o apelido completo. Os três primeiros dessa segunda lista servem de amostra: se denominam “♥[Srt°Free One] °°°°Bobo^{1230°°°°}♥”, “Carolzinha *S2 Daidouji Kinomoto Sam” e “.-Đãñzão_ Vamos fazer besterinhas??(y)”. É uma estilização de

difícil leitura para quem está alheio à tribo, mas muito significativa na identificação entre seus membros. Isso torna este aspecto importante ao presente estudo.

5.2.3 A LINGUAGEM DOS EMOS NO ORKUT

Conforme comentado anteriormente, a popularização da Internet como meio de comunicação entre pessoas acarretou em variações na maneira de se escrever coloquialmente online. Algumas delas visam apenas agilizar a transmissão das mensagens, outras tentam dar um toque estilístico à escrita. É notável que estas distorções da língua culta são bem mais presentes na comunicação entre adolescentes, que são mais familiarizados com as tecnologias telemáticas e passam muito tempo online. A tribo emo, como uma tribo tipicamente adolescente, vai adotar esta forma de escrever, e é em virtude disso que parece importante observar essas características, ao passo em que elas ajudam a identificar um emo no Orkut – podendo ser enquadrados como *costumes* (MAFFESOLI, 1998) da tribo na rede –, mesmo que algumas delas possam ser encontradas também entre outras tribos de faixa etária semelhante.

Para acelerar a digitação, “qu” vira “k”, “ch” vira “x”, a pontuação perde importância, acentos são ignorados ou substituídos pelo “h”, etc. Abusa-se também dos *emoticons* para expressar estados de espírito com rapidez. Nos dias de hoje, estas são características comuns da escrita na Internet, mas que não chegam a apresentar problemas para um leitor desacostumado, pois a mensagem permanece decifrável. No entanto, na escrita entre a tribo emo há, adicionalmente, todo um estilo que pode ser de difícil compreensão para quem não conhece, e que muitas vezes acaba exigindo mais toques na digitação do que no caso da escrita correta.

Primeiramente, é digno de nota um processo de “exportação” que ocorre com certos *emoticons* do MSN Messenger. Explica-se: o *instant messenger* da Microsoft, tratado em outro capítulo, possui *emoticons* padrão que vêm com o programa, com um atalho também pré-determinado – atalho seria um comando via teclado que representa tal imagem, trazendo-a à conversa sem que seja necessário usar o mouse para selecioná-la. Por exemplo, digitar (L) numa janela do MSN faz com que apareça o desenho de um coração. Com a imensa popularização do MSN entre os internautas brasileiros, e sendo o coração um ícone muito usado na tribo emo – representando o amor e, por conseguinte, tudo aquilo de que se gosta –, este atalho acabou ultrapassando os limites de seu programa de origem, e hoje é utilizado em diversos meios de CMC, mesmo que em nenhum destes outros ele seja convertido em um desenho. Assim, em fotologs, blogs, chats e no Orkut se encontra muito o tal (L), visto assim mesmo, mas na verdade representando um coração, ou, indiretamente, o amor. Pode-se assim entender o “sobrenome” da Garota J: “Dias q o (L)³quase p/ d bate” significaria, em bom português, “dias em que o coração quase pára de bater”.

Eis outra exemplificação, através de um depoimento (*testimonial*) encontrado no perfil da Garota D: “A Nathi ?! Uma menina muito phodá \o/ Non importa o tempo em que nos conhecemos, o que importa foram as palavras ditas, o suficiente para sermos amigas =D Menina especial, inteligente, simpática e bem lokinha =] Amo-te (LLLL)³³³³”. Percebe-se que a repetição de caracteres (no caso, o “L”) tenta reforçar a intensidade do sentimento. Tem o mesmo propósito a adição do símbolo matemático de potência, que é muito comum, e que também se vê acima (“³³³³”). Também se nota, no trecho, os *emoticons* “\o/”, que imita braços erguidos, e “=D” e “=]”, que são sorrisos.

No fim do sub-item anterior, foi citado o exemplo de um emo que no Orkut se denomina “.-Đãñzão_ Vamos fazer besterinhas??(y)”. Este “(y)” é um atalho que, usado no MSN, é substituído por uma mão fazendo sinal de positivo com o polegar erguido. O atalho “(n)” evoca o sinal oposto, polegar para baixo, e indica reprovação. Trata-se de mais atalhos que vazaram deste *instant messenger* para vários outros suportes. Outros *emoticons* muito populares entre os emos são o “S2” e o “<3”, que com algum esforço podem ser vistos como corações (na vertical e na horizontal, respectivamente), e o “XD”, que representa um sorriso de olhos fechados. Todos estes símbolos devem ser encarados como ferramentas que expressam rapidamente variados sentimentos, e que por isso facilitam a comunicação entre emos por toda a Internet, incluindo o site de relacionamentos Orkut.

Ainda sobre vícios de escrita entre os emos, é possível notar uma certa infantilização das palavras. Ao vivo, os emos costumam conversar de maneira infantilizada, usando vocabulário e, muitas vezes, fonética típica de criança: trocam o som de /r/ por /l/, de /s/ por /x/, por exemplo. Então, ao se estabelecerem no Orkut, eles não apenas trazem as palavras, mas tentam também transmitir essa pronúncia infantil na escrita. Passaram a escrever “voxê” (que ainda pode ser reduzido a “vx”) em vez de “você”, “kelu” em vez de “quero”, “ixo” em vez de “isso”, “axim” em vez de “assim”, e assim por diante. Muitas vezes as letras “o” e “e” são trocadas por “u” e “i”, respectivamente, aproximando-as de sua pronúncia na língua falada. Também pode haver repetições de algumas letras, supressão de outras, e adições de “h” no fim das palavras sem motivo aparente. Segue, como ilustração, a reprodução de um trecho⁹⁶ do campo “quem sou eu” da usuária “Carolzinha *S2”, citada anteriormente no sub-item sobre os apelidos emo. O texto aparentemente foi redigido por uma amiga, como se fosse um *testemonial*:

⁹⁶ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=15129200601602192441>>. Acesso em: 16 jun 2006.

Ahh tah na horahh di atualizaah u perfil dessa pessoinhah,kii eh simplisment TDOO
 pa eoo ;*
 keinn serah kii tah escrevenuh?
 a anaah Ó/ huasisahas
 Kein seriaah pessoaaa ki mais amaah essaa mininah no mundo EOO
 neah?!,logicooh =D
 Num voo fikaaa aki flandohhh di mim neah?! hsauihsaus
 Vimm flaa dessa mininahh kii eh mais du ki ispecial pa eoo,
 Vamuss vehh...hun..praa começa.huasihasu
 Pqq amooh tantohh a Carolzinhaa:
 Ahh..primeruhh ki eu num sei u ki seriah di mim sein elaah,pq elaa eh TDOO na
 minha vidah, =D
 Nháah..elaah mi ajudahh im TDOO,
 Mii dah altoss conselhuss,
 Mii axa difícinha**hsiusau
 Euu contuhh tdoos pa elaah,e alah contah tdoos pa eoo yeahh =D
 Elaa eh sohh MINHAAH amigah,husaisaas
 Numm eh mais di ningueim,
 Mais euu imprestoh di vez im kuanduh sin,huasiashas =X
 Elaa eh minha pekenuxah,
 Elaa jah veioo aki im ksa um mtee di veiz,
 Nun durmiuu akee aindahh,mais vaii durmih..=D
 A gentee durmiuu na ksa da mariih =]
 A gent amaa a marih,
 Euu contuhh minhas idioticis pa elaa,
 Eu contuh simplisment tdoos da minha vid pa elaa,c kizerem sabe di mim,dah minha
 vidah,husisau,elaah sabehe,hehehe

Por fim, dois recursos estilísticos também encontráveis entre a tribo emo: o uso de muitos caracteres especiais, como aqueles encontrados nos nomes dos emos (corações, estrelas, naipes, etc); e a alternância desregrada entre maiúsculas e minúsculas. A descrição da comunidade “EmoCore Brazil” traz um exemplo desta alternância, agregando também elementos citados anteriormente: “qEm qUiSer mE adD p0dIh adD uMa aMiZaDeHh é sEmPrE bEm vInDa Xo mAnDa uM rEcAd0 fAlAnDuH QuE é dA c0mUh⁹⁷”.

Vale ressaltar que o jeito de escrever relatado neste item não é exclusividade da tribo emo, mas é muito usado entre seus membros, e por isso foi feita a observação. Também não se quer dizer que é obrigatório digitar com este estilo para ser considerado “emo” – assim

⁹⁷ A palavra “add” é gíria no Orkut (e também em outros meios como fotologs ou *instant messengers*) para o verbo “adicionar” e suas flexões, enquanto “comu” (ou “comuh”) é uma freqüente abreviação de “comunidade”.

como não é obrigatório adotar sempre todo o visual emo para ser da tribo. Tratando-se do estudo de uma tribo, é inevitável que se façam generalizações na identificação de padrões e características comuns à maioria, sendo que as exceções servem para confirmar a regra.

5.2.4 A INTERAÇÃO ENTRE OS EMOS NO ORKUT

A pergunta número 2 do questionário indagava sobre as ferramentas do Orkut mais usadas na troca de idéias entre emos. Quase todas respostas citaram as comunidades. Os *scraps* (recados) foram o segundo recurso mais apontado.

Quanto aos recados, eles já foram explicados no capítulo três. São um recurso muito utilizado por todos os usuários do Orkut, e não seria diferente entre os emos. Não há nada de especial no uso que a tribo faz dos *scraps*, então a atenção passa às comunidades.

A pergunta número 1 complementa a 2, perguntando quais comunidades eram usadas para a discussão de assuntos e artistas relacionados ao emo. Grande parte dos entrevistados não especificou nomes, apenas disse que discutia assuntos emo em comunidades sobre o estilo ou sobre bandas específicas. Entre as respostas que deram nomes às comunidades, as mais citadas foram a “Just emo” e a “Real Emo”, por isso será feita uma observação destas duas.

A “Just emo”, ilustrada no Anexo 18 (p. 125), tem a seguinte descrição:

"As pessoas emo geralmente são depressivas, melancólicas, assim como são alegres e meigas também.
Extremamente sentimentais, e mudam constantemente de humor.
O emo fica triste por motivos compreendidos apenas por ele mesmo.
É uma emoção que vai e volta de uma forma muito rápida e incontrolável."

Mas, isso tem várias contradições e não importa muito.
Se você é emo, não por modismo, seja bem-vindo.

Afinal, o que há de errado em ter sentimentos e não ter vergonha disso?

Obs. Eu disse NÃO por modismo. Obrigada!

Uma observação nos tópicos indica que esta comunidade tem a característica de agregar emos, porém não necessariamente ao redor de discussão sobre o emo. Ou seja, parece uma versão virtual de um ponto de encontro – como uma praça ou a calçada de uma escola – em que emos conversariam sobre os mais variados assuntos, praticando o “estar-junto à toa” (MAFFESOLI, 1998) na conversa jogada fora. Foi nesta comunidade que a publicação do questionário gerou mais respostas: no fim do mesmo dia, passavam de cinqüenta. No entanto, a imensa maioria foi fruto de uma digressão, desencadeada quando um dos membros comentou algo sobre a Copa do Mundo de 2006, assim mudando totalmente de assunto. Ou seja, isso reafirma a comunidade como um ponto de encontro desprezioso, no qual milhares de *personas* que têm em comum o gosto pelo emo podem se reunir pra conversar sobre qualquer coisa.

Já a comunidade “Real Emo” (Anexo 19, p. 126) parece reunir apreciadores do emo com outro propósito: o de discutir especificamente o gênero musical. A descrição prega que o emo atual (quinta fase) não é emo de verdade, e exalta bandas da quarta fase (fim dos anos 90) como autênticas representantes do gênero. Assim, nota-se o enfoque desta comunidade na música emo e seu histórico, com um viés de pretensão vindo de pessoas que julgam entender mais sobre o estilo do que a maioria. Segue a descrição na íntegra:

achou estranha as bandas que estao relacionadas nesse comunidade? nao deveria.
(my chemical romance, simple plan, good charlotte, nxzero, the used e outras

merdas NAO SAO EMO.)
 para voce nao boiar mais, voce deveria dar uma olhada nos links abaixo. gostaria tambem de te lembrar que emo eh musica, nao personalidade.

<http://www.allmusic.com/cg/amg.dll?p=amg&sql=77:4525>

<http://www.fourfa.com/>

<http://www.mp3.com//genre/316/subgenre.html>

<http://en.wikipedia.org/wiki/Emo>

emo na verdade surgiu em washington dc, com algumas bandas de hc cansadas apenas de letras politizadas, no fim da decada de 80 e morreu logo apos. o que restou foram bandas influenciadas, consequentes (de outra geracao) mas que, na maioria, nao exatamente deveriam ser classificadas como emo. agora que vc ja tem uma nocao da certa distancia entre pop-punk mela-cueca e bandas emo como still life, nao ha nada que impeca voce de ser ativo nesta comunidade.

Praticamente todos os tópicos do fórum tem relação com bandas emo – aquelas tidas como “realmente emo” pelos membros, o que gera boa parte da discussão. Não há uma valorização da interação entre os membros por si só, mas não por isso os assuntos abordados deixam de servir como *cimento* (MAFFESOLI, 1998) na relação entre os membros desta comunidade.

Nestas duas comunidades, é corriqueiro encontrar tópicos criados por pessoas interessadas em “virar emo”, perguntando aos membros da comunidade sobre dicas de como agir para ingressar no movimento. Geralmente, este tipo de manifestação é rechaçado pelo grupo, que entende que uma pessoa que deseja “virar emo” de uma hora pra outra é mera vítima do modismo. “Na verdade, esta atitude favorece a autoconservação; um ‘egoísmo de grupo’ que faz com que este possa desenvolver-se de maneira quase autônoma no seio de uma entidade mais ampla” (MAFFESOLI, 1998, p. 130). Mesmo assim, o interessante é notar que existem pessoas que são influenciadas pelo Orkut para se juntarem ao movimento, e que podem encontrar na rede de relacionamentos muita informação a respeito, o que permite concluir que esta rede de amigos contribui no crescimento numérico da tribo emo.

A Garota J respondeu à questão 1 (“Em quais comunidades você discute bandas ou assuntos relacionados com o emo?”) dizendo que interage com outros emos “*d preferencia em comu q falam sobre os emo..na qual nao existem [ou pelo menos nao er apra existir...] pessoas q nao gostam desse estilo d musik...como por exemplo a comu...'real emo','sim e dai eu sou emo...'..entre outras comu desse tipo...ou mesmu comu d bandas q eu curto...'the used', 'finch'...etc...*”. Garoto I também cita comunidades de bandas: “*Real Emo, e nas comunidades das bandas que eu gosto: Cursive, Mineral, Penfold, etc*”. De fato, existem aos milhares as comunidades dedicadas a bandas emo. Estas comunidades também reúnem inúmeros apreciadores do estilo para discussão de cada banda, suas letras, seus integrantes, etc, e portanto também devem ser consideradas como comunidades virtuais de emos. São comunidades que giram em torno dos sentimentos em comum (conceito maffesoliano de *estética*) desta tribo.

5.2.5 EMOS SE CONHECENDO PELO ORKUT

As perguntas 4 e 5 tinham como objetivo, respectivamente, descobrir se o Orkut também ajuda emos a estabelecerem novas amizades entre si, e se o site facilita o agendamento de encontros face-a-face entre usuários da tribo emo. Em resposta à questão 4, Garota J afirmou o seguinte:

sim sim...jah fiz mt amigos lah... nas comus emo...lah eu achu mt gente...ai c eu vejo alguma pessoa [garota ou garoto] q me chamou a atencao, eu começo a fuça todo o profile da pessoa...ai c eu realmente achar q ela eh uma pessoa interessante eu add... e ai começamos uma amizade.....mais a maioria sao amigos virtuais...pois moramos longe..o q dificulta o contato pessoalmente...

Em geral, parece muito comum fazer novas conexões adicionando pessoas encontradas a esmo em comunidades relacionadas de alguma forma ao emo. Outros depoimentos, em

resposta à questão 4, corroboram com isto. Garota A: “*sim, eles mi add, di comu e tal...*”. Garota D: “*Sim.alguns amigos.foi por meio de uma comunidade { que no momento não lembro o nome } e conheci alguns amigos emos \o/*”. Garoto F: “*sim mtas add os outros*”. Garoto G: “*ximmm nos add uns aops otros os tempo td a gente ke sempre c uni*”. Garota H: “*Sim. Por acaso*”. E Garoto I: “*Via orkut e também via fotolog. Normalmente ao acaso, uma foto atraente de uma guria, etc*”.

Estas respostas reafirmam as comunidades do Orkut como *ciber-lugares* (JONES, 1997) onde é possível estabelecer novos vínculos de amizade (virtual), aumentando assim os laços sociais entre milhares de integrantes da tribo emo, no Brasil e no mundo. Quando um indivíduo publica uma opinião num fórum de discussão, essa opinião e sua aparência (foto) são chamarizes que podem despertar o interesse de outros emos, similarmente ao que poderia ocorrer numa festa ou no show de uma banda. Havendo interesse, em um clique já surgem diversas outras informações sobre a pessoa, que podem consolidar ou inibir a vontade de estabelecer uma nova amizade. Como indica a pesquisa, muito freqüentemente a vontade se consolida e é levada a cabo.

A questão 5 da pesquisa – sobre usar o Orkut para marcar atividades ao vivo – não obteve respostas tão concordantes entre si. Alguns o fazem freqüentemente, outros temem encontros com amizades virtuais, outros apenas responderam “não”. Entre os primeiros, Garoto G afirmou: “*sim sim vcarias vezes usando comus e scraps tbm*”. Garoto F disse “*sim uso, falando e marcando orkontros*”, apresentando um neologismo que se refere a encontros grupais marcados entre membros do Orkut. Garoto I aproveitou para fazer uma reclamação, dizendo que marca atividades “*Normalmente nos tópicos das comunidades. Os recursos como EVENTOS, MENSAGENS e SCRAPS normalmente são tomados por spam e eu não gosto*

disso”. Por fim, Garota J entendeu que a pergunta referia-se unicamente a encontros com novos amigos, e respondeu da seguinte maneira: “*nunk marquei nenhum encontro com emo na net...aliais nunk marquei nenhum encontro com ninguem na qual eu nao conheço pessoalmente...mantenhu nossa amizade pela net...tenhu mt medo das coisas q pod acontecer.....*”.

Portanto, as respostas indicam ser duvidoso afirmar se o Orkut é ou não útil para que os emos marquem encontros face-a-face. Também é possível presumir que a atual popularidade dos telefones celulares e dos programas de conversação instantânea como o MSN pode contribuir para que o Orkut fique em segundo plano nessa função, pois ganham do site de relacionamentos no quesito sincronismo, que muitas vezes vem a calhar quando se quer combinar algum programa com outras pessoas.

5.2.6 O PRECONCEITO E A ÉTICA

Ao tratar-se um pouco mais sobre o preconceito aos emos transposto ao Orkut, podemos identificar a *ética* (MAFFESOLI, 1998), ou seja, o laço social que une estas pessoas na defesa de seu estilo, quando atacados. Todos os emos têm conhecimento do largo número de denegridores do estilo, mesmo aqueles que por um motivo ou outro não são insultados diretamente. A pergunta de número 6 da pesquisa era: “Você sofre preconceito via Orkut por ser emo? Se sim, através de que recursos?”. Uma das respostas denuncia o nível de “organização” que alguns atingem na tarefa de ridicularizar um emo. Garoto I afirma o seguinte:

Não [sofro] muito [preconceito], pois eu não adotei o visual. E é isso que irrita as pessoas. Mas normalmente o terrorismo é feito via scrap. Um rapaz vai numa

comunidade ANTI-EMO e divulga o profile⁹⁸ de um rapaz que ele quer que seja escurraçado. Ai todos vão lá e esculacham o profile do rapaz!

A Garota H respondeu em tom de indignação:

Sim, não diretamente, mas sim. Várias pessoas criam comunidades, tópicos ou até msm invadem os nossos orkuts isso tudo pq acham que nós somos todos homossexuais, que os emos são inuteis, que somos ridiculos, etc. E é claro que me sinto ofendida, pois não cheguei pra essas pessoas e falei mal de nada que elas gostam e acho que se algum emo fez isso foi por "defesa", pelas pessoas terem feito com a gente tb. Acho que isso é crime também como qualquer outro tipo de preconceito e todos os que sofreram diretamente podem muito bem chegar e fazer uma denuncia contra a outra pessoa, até mesmo pq isso tudo já tá passando dos limites.

No entanto, a maioria dos emos que sofrem as agressões morais diretamente encara com indiferença – o que de certa forma condiz com a postura emo de tolerância e não-violência –, como a Garota J, que respondeu: *“achu q todos sofremos d preconceito...jah recebi mt scraps me zuando como po exemplo...sai dessa vida d merda...vc deve ser lesbica...emo eh um lixo...entre mts outros 'elogios'...kopakopa [risada]...mais eu nem fl nd...apenas excludo o scrap e deixo quieto..afinal nao devemos dar atencao para esses idiotas...”*. O Garoto F recebe os maus-tratos com autoconfiança: *“sim sofro mtu preconceito por ser emo apenas pq nois somos lindos adorados e populares mas fazer oq inveja e fogo”*. Garoto G pediu mais compreensão: *“sim sim varias vezes jah sofri atravez d msg e scrap fora o assedio nas comus msm as pessoas deviam entende antes d ofende!!soh axo ixo”*. Garota D respondeu: *“Sim.às vezes.a maioria são ou por scraps.ou em tópicos de comunidade.basta vc postar algo e lá vem o povo te criticando.”*

O que se vê é que o preconceito vai além da simples criação de incontáveis comunidades de ódio, como vimos no começo do capítulo. Os opositores se esforçam para

⁹⁸ “Profile” é o mesmo que “perfil”, e é uma palavra que continua sendo bastante usada, vinda da época em que todo o Orkut era em inglês.

atingir os emos, principalmente, via recados e dentro das comunidades pró-emo, que, exceto quando são ativamente moderadas, sofrem constantes “invasões” de pessoas que iniciam tópicos de ódio. O fato de que a tribo resiste a toda essa forte oposição – e, ainda por cima, atrai cada vez mais simpatizantes – revela a força do laço social que existe unindo esta tribo no mundo virtual da mesma forma que no mundo real.

5.3 O TRIBALISMO NO ORKUT

Como se revela, afinal, o tribalismo maffesoliano aplicado aos emos no Orkut? O sentimento compartilhado (*estética*), requisito essencial, se encontra no gosto musical que é ostentado nos perfis, e discutido em incontáveis comunidades sobre o gênero e sobre as bandas. Viu-se os exemplos da comunidade “Real Emo” que funciona como um canal de discussão específica sobre a música, e da “Just emo”, que reúne emos pra interagirem ao redor de qualquer tema, o que também é válido para o firmamento desta tribo, visto que proporcionam “Trocas de sentimentos, discussões de botequim, crenças populares, visões de mundo e outras tagarelices sem consistência que constituem a solidez da comunidade” (MAFFESOLI, 1998, p. 19). É neste âmbito que o “estar-junto à toa” se desloca dos bares, calçadas e shopping centers para o ciberespaço, constituindo um “estar-junto” virtual, um “estar-junto” à distância – paradoxo somente possível graças às tecnologias telemáticas atuais. “É neste quadro que se exprime a paixão, que as crenças comuns são elaboradas, ou, simplesmente, que se procura a companhia ‘daqueles que pensam e que sentem como nós’” (MAFFESOLI, 1998, p. 19).

Maffesoli resumirá que “a sensibilidade coletiva, originária da forma estética acaba por constituir uma relação ética” (1998, p. 27). O preconceito contra os emos, que, como a

própria tribo, se estende da vida real à virtual, faz aflorar esta *ética* que existe entre os emos. “O termo ‘grupismo’, ainda que não seja especialmente eufônico, tem o mérito de sublinhar a força desse processo de identificação, que possibilita o devotamento graças ao qual se reforça aquilo que é comum a todos” (MAFFESOLI, 1998, p. 23). Essa identificação une os emos também no plano virtual do Orkut, contra o preconceito e em outras situações – alguém poderia até mesmo inferir que o quase criptográfico estilo de escrita usado no Orkut tem a função tácita de dificultar a compreensão das mensagens àqueles que são “de fora”, o que poderia, em certo nível, ser proposital.

A linguagem dos emos no Orkut se enquadra como um dos *costumes* da tribo – conforme definidos por Maffesoli: “o conjunto dos usos comuns que permitem a um conjunto social reconhecer-se como aquilo que é” (1998, p. 31) – que se manifestam na rede virtual. A escrita tenta transpor e estilizar a forma (infantilizada) como eles conversam ao vivo, o que acentua o Orkut como um suporte para a extensão virtual desta tribo.

Também foi abordado o perfil de usuário como a *máscara* dos emos no Orkut. É a forma que eles têm de se expressarem visualmente como integrantes do movimento emo. O estudo indica que as comunidades, o campo “música” e o álbum de fotos são as partes do perfil mais usadas pelos emos para mostrar sua relação com a tribo, além dos pseudônimos adotados. Como resultado, é visível certa padronização dos perfis emo, assim como o visual emo é padronizado na vida real. Assim, a manifestação virtual da tribo também reflete “esse fenômeno espantoso que é a moda, que nasce da necessidade de se singularizar, mas que não pode existir a não ser secretando a imitação mais banal” (MAFFESOLI, 1998, prefácio). Maffesoli parece estar falando especificamente dos emos ao afirmar:

Tanto no que diz respeito ao conformismo das gerações mais jovens, à paixão pela semelhança, nos grupos ou “tribos”, aos fenômenos da moda, à cultura padronizada, até e inclusive isto que se pode chamar de *unissexualização* da aparência, tudo nos leva a dizer que assistimos ao desgaste da idéia de indivíduo dentro de uma massa bem mais indistinta (1998, p. 92).

Ainda se notam no Orkut as características tribais marcadas por Maffesoli, como o presenteísmo vitalista e hedonista, o conformismo e sobretudo a efemeridade. Afinal, estas características partem do comportamento de cada *persona* da tribo, e se transpõem junto dela em sua manifestação virtual. Percebe-se o hedonismo em perfis como o do Garoto F⁹⁹, que não se acanha em anunciar que se interessa por meninos e meninas. Diz isso nos campos “interesses no Orkut”, “quem sou eu”, e deixa ainda mais evidente em seu álbum de fotos. O conformismo se reflete na ausência de qualquer engajamento político, transposta do mundo real ao Orkut, e também se manifesta na resignação com que os emos costumam receber as intensas críticas. A efemeridade da tribo se acentua no Orkut, na medida em que as comunidades podem se desfazer a qualquer momento, ou serem tomadas por *hackers* anti-emo que invertem subitamente o propósito da comunidade. A fragmentação da identidade, conceito atrelado ao da efemeridade, também é exacerbado ao passo em que cada usuário se afilia a centenas de comunidades diferentes, abusando da “a multiplicidade do eu” (MAFFESOLI, 1998, p. 15), podendo se desassociar a qualquer momento, sem maiores transtornos ou esforços. Até mesmo o desligamento da rede Orkut como um todo (“orkuticídio”) é uma opção fácil. Ou seja, assim como as próprias tribos, o Orkut como um todo tem um aspecto efêmero.

Impermanências à parte, o Orkut permanece firme como um fenômeno comunicacional sólido no Brasil. Febre especialmente entre adolescentes, não poderia deixar de englobar esta tribo que se alastra sobretudo em tal faixa etária. Ao procurar conectar as

⁹⁹ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=7282788481624472508>>. Acesso em: 20 jun 2006.

peessoas, o “estabelecimento virtual” (JONES, 1997) Orkut endossa, através de seus tantos recursos, a noção de que “o indivíduo não pode existir isolado, [...] ele está ligado, pela cultura, pela comunicação, pelo lazer, e pela moda, a uma comunidade” (MAFFESOLI, 1998, p. 114). Trata-se de um reflexo da vida social contemporânea. Tanto o site de relacionamentos quanto a tribo emo são frutos da pós-modernidade, estruturas orgânicas e mutáveis em que “não são os indivíduos que têm a primazia, mas as suas relações” (MAFFESOLI, 1998, p. 125): idéia de interconexão. E assim, esta rede virtual e esta tribo servem de afirmação uma à outra: quando a segunda espalha-se na primeira, ambas se expandem e se consolidam.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou estimular uma reflexão acerca do site de relacionamentos Orkut enquanto ferramenta de agregação social, da tribo emo como fruto da socialidade pós-moderna, e da relação que emerge entre ambos.

Os pensamentos de Michel Maffesoli balizaram a compreensão de que os emos constituem uma legítima tribo pós-moderna, com suas características hedonistas, conformistas e efêmeras. Na caracterização da tribo foram identificados seus sentimentos em comum, seus trejeitos, suas aparências e suas atitudes, todas inseridas no contexto da vida social contemporânea, associada, sobretudo, ao declínio do individualismo.

O Orkut, enquanto meio de Comunicação Mediada por Computador, revelou-se como solo fértil para a manifestação virtual do tribalismo maffesoliano. Foram abordados todos os recursos que fazem deste site uma poderosa ferramenta comunicacional, que não por acaso virou febre no Brasil: recados, mensagens, comunidades, cada detalhe projetado no site permite que as *personas* mantenham contato e estabeleçam laços sociais. Classificou-se o Orkut como um *estabelecimento virtual*, aonde as comunidades virtuais de membros podem se assentar e proliferar.

Tomando proveito disto, a tribo emo toma seu lugar na rede de amizades, estendendo a ela suas características grupais. Os perfis tornam-se a *máscara*, a *estética* se manifesta dentro das comunidades, que também promovem a simples interação entre emos, juntamente dos recados. A linguagem e os pseudônimos adotados denotam *costumes* e *rituais* que também identificam a tribo e ajudam a transpô-la ao mundo virtual com fidelidade. O preconceito

contra os emos também invade o ciberespaço, e faz aflorar neles o sentimento de *ética*, que os une enquanto grupo frente às ofensas externas.

Assim conclui-se este estudo, de caráter preliminar, na esperança de que suas conclusões possam ser úteis ao desenvolvimento futuro de discussões sociológicas e comunicacionais relacionadas.

REFERÊNCIAS

- BALANCIERI, Renato. **Análise de redes de pesquisa em uma plataforma de gestão em ciência e tecnologia**. Florianópolis: UFSC, 2004. Dissertação de mestrado. Disponível em: <<http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/10749.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2006.
- COTES, Paloma. Punks no jardim-de-infância. **Época**, São Paulo, n. 403, p. 96-99, 6 fev. 2006.
- DECEMBER, John. **Characteristics of oral culture in discourse on the net**. In: Penn State Conference on Rhetoric and Composition, 12., 1993, Park (EUA). Disponível em: <<http://www.december.com/john/papers/psrc93.txt>>. Acesso em: 19 jun 2006.
- HEMPELL, Anthony. **Orkut at eleven weeks: An exploration of a new online social network community**. [S.l.: s.n.], 2004. Disponível em: <<http://www.anthonyhempell.com/papers/orkut>>. Acesso em: 19 jun 2006.
- JONES, Quentin. **Virtual-Communities, Virtual Settlements & Cyber-Archaeology: A Theoretical Outline**. [S.l.: s.n.], 1997. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue3/jones.html>>. Acesso em: 19 jun 2006.
- KOBAYASHI, Erika. Menino beija menino. **Capricho**, São Paulo, n. 989, p. 84-87, 2 abr. 2006.
- KURTZMAN, Cliff. The Acquisition of MySpace. **Adastro**. 25 jul 2005. Disponível em: <<http://www.adaastro.com/apogee/myspace.html>>. Acesso em: 5 jun 2006.
- LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MINIWATTS Marketing Group. **Internet World Stats**. [S.l.: s.n.], 2006. Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>>. Acesso em: 16 maio 2006.
- OLSEN, Stefanie. Google's Orkut gets back online. **C|NET News**. 28 jan. 2004. Disponível em: <http://news.com.com/2100-1026_3-5148713.html>. Acesso em: 19 jun 2006.
- ORKUT.COM**. [S.l.: s.n.], 2006. Disponível em: <<http://www.orkut.com>>. Acesso em: 19 jun 2006.
- PITHAN, Flávia. **Comportamentos e valores da pós-modernidade nas comunidades do Orkut**. Porto Alegre: PUCRS, 2006. Dissertação de mestrado.
- PRIMO, Alex; SMANIOTTO, Ana Maria. **Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus**. In: INTERCOM, 28., 2005, Rio de Janeiro.

RADIN, Andy. **What the heck is emo anyway?** [S.l.: s.n.], 2006. Disponível em: <<http://www.fourfa.com/index.html>>. Acesso em: 7 jun 2006.

RECUERO, Raquel. **Comunidades virtuais - uma abordagem teórica**. In: Seminário Internacional de Comunicação, 5., 2001, Porto Alegre.

_____. **Redes sociais na internet: considerações iniciais**. In: INTERCOM, 27., 2004, Porto Alegre.

_____. Um estudo do capital social gerado a partir de Redes Sociais no Orkut e nos Weblogs. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 28, p. 88-106, dez. 2005.

RHEINGOLD, Howard. **The Virtual Community: Homesteading at the Electronic Frontier**. [S.l.: s.n.], 1993. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/book/>>. Acesso em: 19 jun 2006.

SALGADO, Diego. **Estudo de caso da rede social mediada por computador Orkut**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Monografia.

WIKIPEDIA.ORG. [S.l.: s.n.], 2006. Disponível em: <<http://wikipedia.org>>. Acesso em: 19 jun 2006.


YOSHIDA, Adriana. Esse jeito rock de ser. **Capricho**, São Paulo, n. 966, p. 44-53, 15 maio 2005.

ANEXOS


Album de - 「Bee」. I


- 「Bee」. I
/luxocore xD
masculino, 18,
relacionamento
aberto
Porto Alegre, Rio
Grande do Sul
Brasil

[ver perfil](#)
[ver rede](#)
[ver amigos](#)


"Hey you, what do you see? Something beautiful, something free? Hey you, are you trying to be mean? You live with apes man, it's hard to be clean..."
[ver foto inteira](#)



"Do you know that everytime you're near, everybody else seems far away? So can you come and make them disappear? Make them disappear and we can stay..."
[ver foto inteira](#)



"I don't want to waste my time, become another casualty of society. I'll never fall in line become another victim of your conformity, And back down..."
[ver foto inteira](#)


(I IGNORE YOU), as i close my eyes, i feel it all slipping away, (I COME TOWARDS YOU), we all got left behind, we let it all slip away..."
[ver foto inteira](#)


"Every memory of looking out the back door, i had the photo album spread out on my bedroom floor, It's hard to say it, time to say it. Goodbye, goodbye..."
[ver foto inteira](#)


Something i give myself the creeps, something my mind plays tricks on me. It all keeps adding up, i think i'm cracking up, am i just paranoid? Or am i just stoned..."
[ver foto inteira](#)


"Because of you, i never stray too far from the sidewalk. Because of you, i learned to play on the safe side. So i don't get hurt. Because of you, i find it hard to trust. Not only me, but everyone around me. Because pf you, i'm afraid..."
[ver foto inteira](#)


"Y soy Rebelde, cuando no sigo los demás. Y soy Rebelde, cuando te quiero hasta arabiar. Y soy Rebelde, cuando no pienso igual a ayer. Y sou Rebelde, cuando me juego hasta la piel..."
[ver foto inteira](#)


"Cause we lost it all, nothing lasts forever, i'm sorry, i can't be perfect. Now it's just too late, and we can't go back, i'm sorry, i can't be perfect..."
[ver foto inteira](#)

Anexo 1 – Álbum de fotografias



Lucassesar Lima Silveira

Leandro > [Lucassesar](#)

323 fãs
3976 recados
2 fotos

social
profissional
pe pessoal

amigos (951)

ver rede << >> ver amigos

quem sou eu: Eu não acredito nas palavras. Eu acredito nas COISAS, nas PESSOAS e nas AÇÕES.

*** Demoro MESES pra responder scraps.**

relacionamento: namorando
 aniversário: Dezembro 1
 idade: 22
 idiomas: Português, Inglês (EUA)
 cidade natal: Porto Alegre
 página web: <http://www.fresnorock.com.br>

paixões: Sossego, Playstation 2, Guitarras, Comida.
música: The Fold
 Acceptance
 Cartel

programas de tv: LOST.
 cozinhas: Sanduiches sofisticados.
 Sushi.

cidade: Porto Alegre
 estado: RS
 país: Brasil

Depoimentos (o que os amigos dizem sobre Lucassesar)



Junior: Continuação.. 19/06/2006

a Fresno hj eh o maior fenomeno da musica independente no Brasil ..
 Nao sei pq descrever isso , pois tu sabes disso mto melhor que eu..
 Mas enfim cara..
 Te desejo toda sorte , sucesso , fama , vitorias e progressos , tanto na sua vida pessoal , como profissional..
 Tu nem sabes q eu existo , o que eu penso , o que eu faço , mas suas composicoes sao fantaticas e maravilhosas..Ainda mais acompanhadas , por musicos e pessoas tao competentes que formam a sua banda..
 Enfim , parabens..

Francisco Lacerda Junior..

comunidades (71)

>> ver todos

Anexo 2 – Perfil de usuário (parte social)



Lucassesar Lima Silveira

Leandro > [Lucassesar](#)

323 fãs
3976 recados
2 fotos

social
profissional
peçoal


amigos (951)

ver rede << >> ver amigos

- enviar mensagem
- + preferidos
- ver recados
- criar depoimento
- ignorar usuário
- falso! denunciar
- enviar cantada
- + gatos & gatas
- + paqueras

escolaridade: Superior Incompleto escola (ensino médio): pastor dohms faculdade: fabico/ufrgs ano: setor: Mídia título: free-lancer	profissional
--	---------------------

Depoimentos (o que os amigos dizem sobre Lucassesar)




Junior: Continuação.. 19/06/2006

a Fresno hj eh o maior fenomeno da musica independente no Brasil ..
 Nao sei pq descrever isso , pois tu sabes disso mto melhor que eu..
 Mas enfim cara..
 Te desejo toda sorte , sucesso , fama , vitorias e progressos , tanto na sua vida pessoal , como profissional..
 Tu nem sabes q eu existo , o que eu penso , o que eu faço , mas suas composicoes sao fantaticas e maravilhosas..Ainda mais acompanhadas , por musicos e pessoas tao competentes que formam a sua banda..
 Enfim , parabens..

Francisco Lacerda Junior..

Santarem - Para / 19 de Junho de 2006 ..



Luiza: Eooo amuu tuu mtooo^{3 3 2} pq??
 tu eh u melhor escreve como ngm canta como ngm sem noção

17/06/2006

comunidades (71)

>> ver todos

Anexo 3 – Perfil de usuário (parte profissional)

mostrar
 todos os amigos (282)
[abrir convites de amigos \(0\)](#)
[abrir convites do orkut \(1\)](#)

níveis de amizade:
 melhores amigos(as) (0)
 bons(as) amigos(as) (0)
 amigos (282)
 conhecidos(as) (0)
 não conheço (0)

grupos de amigos: [novo grupo](#)

convide um amigo para o orkut

nome:
 sobrenome:
 e-mail:

[convite em massa](#)

fazer download dos contatos
 Você pode fazer [download](#) de todos os seus contatos em formato CSV.

legenda

★ sou fã
 😊 confiável
 😄 muito confiável
 😁 super confiável
 📦 legal
 📦 muito legal
 📦 super legal
 ❤️ sexy
 ❤️ muito sexy
 ❤️ super sexy

meus amigos > todos os amigos

Mostrando 1-20 de 282 primeira | < anterior | próxima > | última

selecionar: todos | nenhum ações...

procurar meus amigos:

<input type="checkbox"/>		.chihiro. :-: Porto Alegre Japão beatinheartsbaby@gmail.com	★ 😊😊😊 📦📦📦 ♥️♥️♥️	editar
<input type="checkbox"/>		: livia :) Brasil liviarec@hotmail.com	★ 😊😊😊 📦📦📦 ♥️♥️♥️	editar
<input type="checkbox"/>		.beef. Brasil beef102@hotmail.com	★ 😊😊😊 📦📦📦 ♥️♥️♥️	editar
<input type="checkbox"/>		bia S Ilhas Virgens (Reino Unido) bia.melzinha@hotmail.com	★ 😊😊😊 📦📦📦 ♥️♥️♥️	editar
<input type="checkbox"/>		Adriana Escobar Brasil adrianawe@terra.com.br	★ 😊😊😊 📦📦📦 ♥️♥️♥️	editar
<input type="checkbox"/>		Ale Pretto Brasil spretto@terra.com.br	★ 😊😊😊 📦📦📦 ♥️♥️♥️	editar
<input type="checkbox"/>		Alex Primo Brasil aprimo_forms@terra.com.br	★ 😊😊😊 📦📦📦 ♥️♥️♥️	editar

Anexo 6 – “Amigos”

Página inicial | Amigos | Mensagens | Comunidades | Pesquisar | Mídia | O que há de novo

leandrix@terra.com.br | Configurações | Ajuda | Sair **orkut**



Bem-vindo(a), Leandro

[Convide seus amigos e aumente a sua rede agora mesmo!](#)

Você está conectado a **21.104.971** pessoas através de **281** amigos.

★ Você tem **81 fãs**, 📧 **418 recados**


Visualizações de seu perfil:
Desde fev. 2006: **4.532**, Semana passada: **422**, Ontem: **53**

Próximas etapas:
Preencha seu [perfil](#) completo.

Sorte de hoje:
Se seus desejos não forem extravagantes, eles serão realizados

- perfil
- álbum
- configurações
- listas
- recados
- ver depoimentos

meus amigos (281)

 Patricia (419)	 Mirella (671)	 ****Dayane (213)	 Dani (226)
 Si (605)	 Luis Filipe (201)	 Felipe Boito (334)	 Júnior (677)

ver rede << >> ver amigos

minhas comunidades (17)


 ADORO MULHER GOSTOSA (119.988)	 Emo e Emocore (12.243)	 Real Emo (5.114)
 FABICO - the twilight zone! (1.083)	 Beco 203 (1.812)	 Emo girls e Emo boys (2.301)
 cosdia oshd (26)	 Um orquho chamado EMOCORE! (7.181)	 Formandos Dohms 2000 (75)

>> ver todos

próximos aniversários

	Priscila Hugo Junho 19
	Thaize Ribeiro Junho 20
	Fabiana Mostardeiro Junho 20
	Cuper (L) Karen MONTIDIGANDI Junho 21
	Alice Moreno Junho 22

Anexo 7 – Página inicial



Leandro Pereira
masculino, 23
Porto Alegre
Brasil

- home
- ver perfil
- ver rede
- ver amigos

[visualizar](#)
[dicas de formataçã](#)
[submeter](#)

Página de recados de Leandro
primeira | < anterior | próxima > | últim.

Aviso: Tenha cuidado ao clicar em links desconhecidos em recados ou em outras páginas desse site que o direcionem para sites diferentes do orkut.com.

	<p>Antonia: 1,2,3, take my hand and come with me because you look so fine and i really wanna make you mine.</p> <p>nossa foto definiu: ALTA periculosidade</p>	<p>14:55 29/05/2006</p> <p>apac</p>
	<p>Titi: e dêle pau de puta! urrú!</p>	<p>12:55 29/05/2006</p> <p>apac</p>
	<p>Débora: Oi Lê! Tô bem devagar. E para variar não consegui botar as fotos no álbum. Mas um dia chego lá. (obrigada pela dica de ir na ajuda. Usarei) Bjs!</p>	<p>13:20 27/05/2006</p> <p>apac</p>
	<p>mulherqostosa: amo voce</p>	<p>15:12 26/05/2006</p> <p>apac</p>
	<p>Mariana: Desculpa a minha ignorancia, mas o que e' a tribo "emo"?? Eu quero escrever sobre o poder politico da globo, ou algo relacionado com a midia e politica. Tu nao vem pra essas bandas? Beijos</p>	<p>21:13 24/05/2006</p> <p>apac</p>
	<p>Mariana: Monografia? tenho pesadelos com ela desde os meus 9 anos. O ano que vem sou eu tbm. sobre o que tu ta escrevendo? Eu to de ferias... ha! x</p>	<p>10:50 24/05/2006</p> <p>apac</p>
	<p>Camila: hei! quase te atropelai na lima e sila na sexta... parei o carro e te chamei mas tu nem viu... :(pelo menos tu tá inteiro! e meu carro tb! hehe beijos!</p>	<p>20:53 22/05/2006</p> <p>apac</p>

Anexo 8 – Página de recados

Leandro Pereira

mais ações...

Mostrando 1-5 de 6 primeira | < anterior | próxima > | última

<input type="checkbox"/>	→ rodrigo_	orkut - bem-vindo à comunidade Real Emo - Olá, Leandro...	16/06/2006 15:13
<input type="checkbox"/>	AL3x_0ne8two III .e.c.s [LOTADO!!]	orkut - bem-vindo à comunidade Amo estilo HxCx,Emo,Punk...	13/06/2006 03:01
<input type="checkbox"/>	.fernandO [PL]	orkut - bem-vindo à comunidade .Um orgulho chamado EMOC...	12/06/2006 21:10
<input type="checkbox"/>	Diego Refundini	orkut - bem-vindo à comunidade ideologia emo - Olá, Lea...	11/06/2006 21:50
<input type="checkbox"/>	Isu é D CoraÇÃO T EmO == :)	orkut - bem-vindo à comunidade EMO??? SIM E COM ORGULHO...	11/06/2006 16:45

(des)marcar todas

Mostrando 1-5 de 6 primeira | < anterior | próxima > | última

16 de Junho de 2006 15:13

para: Leandro Pereira
de: [rodrigo_ \[ignorar\]](#)
assunto: orkut - bem-vindo à comunidade Real Emo
mensagem: Olá, ``EL POETA`` ,
rodrigo_ aceitou você como membro da comunidade 'Real Emo'.
Agora você é um de nós.
Para ver o perfil de rodrigo, clique em: <http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=6856849466472150307>
* * *
Para controlar os e-mails de notificação, acesse suas Configurações de conta: <http://www.orkut.com/Settings.aspx>
Se você não for usuário do orkut e quiser impedir que usuários do orkut lhe enviem e-mails, visite: <http://www.orkut.com/Block.aspx>

[deletar](#) [encaminhar](#) [responder](#) [salvar](#)

Clique [aqui](#) para alterar as configurações de e-mail.

serviço filiado ao Google

[orkut in english](#) | [Sobre o orkut](#) | [Privacidade](#) | [Termos de uso](#)

Anexo 9 – “Mensagens”



::: Fresno :::



participar

ver fórum

ver eventos

convidar amigos

falso! denunciar

descrição: Comunidade dedicada aos fãs da banda gaúcha Fresno, (Porto Alegre)

ATENÇÃO POVÃO:

"CIANO" NOVO CD JÁ NAS LOJAS

24.JUNHO - SHOW DE LANÇAMENTO OFICIAL
Hangar 110 - Rua Rodolfo Miranda, 110 - Bom Retiro (Metró Armênia) São paulo/SP

GARANTA SEU INGRESSO NA ESTRONDO (GALERIA DO ROCK)

LANÇAMENTO OFICIAL!

CORRAM JÁ!

e isso é temporario ;)

categoria: Música

dono: [FresnieX](#)

tipo: pública

fórum: não-anônimo

idioma: **Português**

local: Brasil

criado em: 7 de Abril de 2004

membros: 57.851

membros (57.851)

» ver membros

comunidades relacionadas

fórum [ver todos os tópicos](#)

tópico	autor	postagens	última postagem
Johnny	849	19/06/2006 - 14:41	
Filipe	12	19/06/2006 - 14:34	
	yuri	19	19/06/2006 - 12:33
	Derly	16	19/06/2006 - 12:22
	Bruno	1	19/06/2006 - 12:21

» novo tópico

eventos [ver todos os eventos](#)

título	dono(a)	cidade	data
viih. Luuh.	Sorocaba!	25/06/2006	
	Gabriel Menezes	Belo Horizonte	30/06/2006

Anexo 10 – Página principal de uma comunidade

tópico	autor	primeira postagem	< anterior	próxima >	última postagem
Fresno na Globo (Estranho!)	Filipe	13			19/06/2006 - 15:11
RUMAL É KISSA!	Johnny	849			19/06/2006 - 14:41
tavares e paraiba (acoustic anberlin cover)	yuri	19			19/06/2006 - 12:33
Fresno Forum	Dorly	16			19/06/2006 - 12:22
23/07 - CURITIBA...	Bruno	1			19/06/2006 - 12:21
Soneto Para Petr Cech	beto	27			19/06/2006 - 10:47
ranzo na camisa do fresno????	DeNÃO	47			19/06/2006 - 10:42
Mapa de Fans da Banda	Hamilton	15			19/06/2006 - 08:42
OS MAIS PRESENTES 2 - Time to reborn	FresnieX	6414			18/06/2006 - 18:41
"CIANO" Lançamento Oficial 24 Junho Hangar110	Thiago	125			18/06/2006 - 18:06
Quando vai ter show em Brasília!??	Felipe	2			18/06/2006 - 16:37
Perguntas Mais Frequentes	FresnieX	6			18/06/2006 - 16:06
perguntas e respostas para o VAVO...	Tito	433			18/06/2006 - 13:43
Show dia 02/07 FRESNO E DARVIN !!! Em SP!!!	*MALSiN*	29			18/06/2006 - 07:25
Onde posso ouvir Musicas Do novo disco dos kras???	Kamus(True)*Hero	15			17/06/2006 - 23:14
Fresno no Hangar	*o*Deh*o*	3			17/06/2006 - 22:14
CIANO...opiniões!!!!!!	Vinicius/Zeus...	403			17/06/2006 - 20:01
FRESNO NO RIO	ReNaN ¹²³	1			17/06/2006 - 18:53
quem vai??	*Sweet*children	1			17/06/2006 - 14:53
show em carazinho	tiolo LOTADO	0			
OFF--Bussunda morreu	!Rafael !	5			17/06/2006 - 11:05
seu nome em Árabe	!Rafael !	34			17/06/2006 - 11:03
qual sua músik preferida do FRESNO?	a noiva cadaver	25			17/06/2006 - 10:34
show em carazinho	tiolo LOTADO	2			17/06/2006 - 10:15
Video do show em Campo bom 10.06.. youtube	☆ JardeL	10			17/06/2006 - 09:51
Soneto Para Petr Cech	Filipi	3			17/06/2006 - 07:04
CD	~>Srt? RezinhááH	4			17/06/2006 - 00:29
eu amu fresno	anônimo	18			16/06/2006 - 22:37
FRESNO no RIO ??? QUANDO???	NvMoHeTaMiNe	2			16/06/2006 - 21:41
Vamos sortear 1 ingresso p o show do FRESNO em BH	DHELIVERY	1			16/06/2006 - 21:33
Site Oficial com visual novo	Kelvin	33			16/06/2006 - 20:03
Fresno no VMB?	Nando ♥ Lê	20			16/06/2006 - 17:15
Show no RJ claro hall dia 16/07	Godofredo	5			16/06/2006 - 09:46
ZS RACING FESTIVAL!!! Segunda edição!!! Julho 2006	Luciano Leies -	1			16/06/2006 - 08:54
Estrela de "Onda Está" em poses sensuais!	Marcos Augusto	36			16/06/2006 - 00:46
nova comu...	Srtoº	1			15/06/2006 - 22:17
Curiosidade ...	Junior	20			15/06/2006 - 18:56
Show no Volkana = \$20=ingresso mais busão (sampa)	:: Ale	4			15/06/2006 - 17:30
Qual sena o set list perfeito?????????	Arthur	4			15/06/2006 - 16:17
OL FRASE DU Fresno KI RETRATA SUA VIDA NU MOMENTO	Gaby	17			15/06/2006 - 15:29
SHOW DO FRESNO EM BH!	DHELIVERY	14			15/06/2006 - 15:00
DIVULGUE AQUI A SUA BANDA!!!	Kelvin	139			15/06/2006 - 12:37
Show No Rio!!!	Rômulo	1			15/06/2006 - 11:03
Comunidade "O Que Hoje Você Vê - Fresno (CIANO)"	Jessica	3			15/06/2006 - 10:52

Anexo 11 – Tópicos em uma comunidade



FRESNO
(57848 membros)

-  ver perfil
-  ver fórum
-  ver eventos

tópico: Fresno na Globo (Estranho!)

Mostrando 1-10 de 13 primeira | < anterior | próxima > | última

Fresno na Globo (Estranho!) 19/06/2006 11:16
<http://globoesporte.globo.com/ESP/Copa2006/0,,5187,00.html>
 aparece a capa do 2o cd (foto da comunidade) na parte de curiosidades sobre a copa! viagem... hehehehe

 **Filipe**
 19/06/2006 13:20
 era uma piada q eu nao entendi?

 **Luiz Augusto**
 19/06/2006 13:27
 se era uma piada, eu também não entendi.

 **Luis**
 19/06/2006 13:51
 ou é uma PEGADINHA DO MALANDROOO

 HÁÁ

 **Kelvin**
 19/06/2006 13:54
 es louko ???

 **Eder**
 19/06/2006 13:57
 eu intendi
 o.o

 **Fernando -=[&h&l]**
 19/06/2006 13:58
 argumente sobre o ocorrido entao , fernando...

 **Fernando**
 19/06/2006 14:07
 na verdade nao intendi ...

 **Fernando -=[&h&l]**
 19/06/2006 14:10
 huumm

 **- bah**
 não entendi tb

Anexo 12 – Mensagens dentro de um tópico




Anexo 13 – Estilo fotográfico emo (mão na boca)



Anexo 14 – Estilo fotográfico emo (expressão pensativa/melancólica)




Anexo 15 – Estilo fotográfico emo (ângulo de cima pra baixo)




~Murder Doll
♀ / NaThl
feminino, 17
Brasil

[ver perfil](#)
[ver rede](#)
[ver amigos](#)


Álbum de ~Murder




SiiiM.nossu pé na skólish /o/
[ver foto inteira](#)




strela di mauns deformeds :)
[ver foto inteira](#)




>.<^
[ver foto inteira](#)




Meu companheiro de aventuraS ^.^
[ver foto inteira](#)




SiiiM.eu ki fiz.!
[ver foto inteira](#)




Só por poder te abraçar.suspiros e sussurros de carinho e paixão.passei a noite inteiro,imerso na escuridão.pensando em você.Você se quer olhou pra mim.quando pensava em si.e me disse que era o fim.eu mal sabia o que fazer.noites inteiras sem dormir e agora você vem me dizer.que só quer voltar pra mim.diz pra eu esquecer de tudo aquilo que passou.mas agora já é tarde pra tentar se preocupar.você vai ter que aprender.se você quer perdão.que tudo aquilo vai mudar.sete a uma eu não sou seu.Não adianta nem ligar pedindo pra eu voltar.quando estiver com os amigos você vai ter que entender.agora sou só meu.se você quer me namorar.vamos ter que combinar.sete a uma eu não sou seu. **Offline - Sete a Uma.**
[ver foto inteira](#)




Tarde demais pra pensar.nas marcas que vão ficar.nos olhos que custam a secar.tarde demais pra entender.o que é não ter você.acordar e nem se quer saber.quem vai roubar os seus beijos meus ? desde o último adeus.eu me esforço para não pensar.que outros irão ver você dormir.por favor se sorrir só não use aquele seu olhar.Tarde demais pra rmar.palavras que vão mudar o seu modo de me imaginar.tarde demais pra saber.que o meu mundo sem você.é um vazio.que busca esquecer.quem vai roubar seus beijos meus ? desde o último adeus.eu me esforço para não pensar.que outros irão ver você dormir.por favor se sorrir só não use aquele seu olhar.lembra das noites que eu ti vi dormir ? ainda lembro bem.seu sorriso ia muito além.do que um simples momento a curtir.quantas noites mais.vou me culpar por ter sido capaz.de te deixar partir.te deixar partir - **EmoPonto - Deixar Partir**
[ver foto inteira](#)




<3^ amO pra todo o sempre :X
[ver foto inteira](#)




Mochil664 s2
[ver foto inteira](#)



Ui the SéksY ? x]~ . kara di duent[] - -
[ver foto inteira](#)



All Star delaaaE?
[ver foto inteira](#)



:O . My elepHanT eMo . :O
[ver foto inteira](#)

Anexo 16 – Perfil emo (álbum)

comunidades (998)

 Skate nas ruas (679)	 EmoCore Is My Life (712)	 Eu amo a Toda Teen (1.578)
 Different Styles School. (322)	 San Dimas (1.843)	 Adote a Samara (1.153)
 Não sei viver sem ter você... (157.569)	 Lip Lovers (11.567)	 My Chemical Romance não é EMO! (2.176)

[» ver todos](#)

Anexo 17 – Perfil emo (comunidades)







descrição: "As pessoas emo geralmente são depressivas, melancólicas, assim como são alegres e meigas também. Extremamente sentimentais, e mudam constantemente de humor. O emo fica triste por motivos compreendidos apenas por ele mesmo. É uma emoção que vai e volta de uma forma muito rápida e incontrolável."

Mas, isso tem várias contradições e não importa muito. Se você é emo, não por modismo, seja bem-vindo.

Afinal, o que há de errado em ter sentimentos e não ter vergonha disso?

Obs. Eu disse NÃO por modismo. Obrigada!

categoria: Pessoas
 dono: [Cheila Aninha](#)
 tipo: pública
 fórum: não-anônimo
 idioma: **Português**
 local: Brasil
 criado em: 18 de Março de 2005
 membros: 6.860

fórum [ver todos os tópicos](#)

tópico	autor	postagens	última postagem
Descanse em paz Bussunda =(Ross	36	17/06/2006 - 12:05
Porque a alienação, seria a Midia???	Xião -	108	17/06/2006 - 12:03
Descanse em paz Bussunda!	Tonhão	0	
בב	Samara	14	17/06/2006 - 11:52
Homem só pensa em sexo? Oo	Ross	7	17/06/2006 - 11:37

[novo tópico](#)

eventos [ver todos os eventos](#)

título	dono(a)	cidade	data
comu: "curto emcore e sou heteroi!"	בב	emolandia	10/09/2006
Comu: Dênis...	Couto	Três de Maio	08/10/2006

membros (6.860)


[\[*\] milinhãH.](#)
(471)


[JC \(182\)](#)


[♥♥♥Dxi LuXo♥♥♥](#)
(274)


[Nicole](#)
(994)


[Andressa](#)
(215)


[Jéssica\(Peta\)](#)
(444)


[J. Kutocher](#)
(574)


[Laet \(148\)](#)


[Om fla?xMr.Kékox](#)
(467)


[.deh.bavares](#)
(780)


[Cârdolzinã](#)
(189)



[Donna](#)
(282)


[ver membros](#)

comunidades relacionadas


[Não sou um completo inútil \(3.401\)](#)

Anexo 18 – Comunidade “Just emo”





Real Emo


descrição: achou estranha as bandas que estao relacionadas nesse comunidade? nao deveria. (my chemical romance, simple plan, good charlotte, nxzero, the used e outras merdas NAO SAO EMO.) para voce nao boiar mais, voce deveria dar uma olhada nos links abaixo. gostaria tambem de te lembrar que emo eh musica, nao personalidade.


<http://www.allmusic.com/cg/amq.dll?p=amq&sql=77:4525>
<http://www.fourfa.com/>
<http://www.mp3.com/genre/316/subgenre.html>
<http://en.wikipedia.org/wiki/Emo>


emo na verdade surgiu em washington dc, com algumas bandas de hc cansadas apenas de letras politizadas, no fim da decada de 80 e morreu logo apos. o que restou foram bandas influenciadas, consequentes (de outra geracao) mas que, na maioria, nao exatamente deveriam ser classificadas como emo. agora que vc ja tem uma nocao da certa distancia entre pop-punk mela-cueca e bandas emo como still life, nao ha nada que impeca voce de ser ativo nesta comunidade.


categoria: Música
 dono: [rodrigo](#)
 tipo: moderada
 fórum: não-anônimo
 idioma: **Português**
 local: Brasil
 criado em: 23 de Janeiro de 2004
 membros: 5.145


membros (5.145)


[Caroline](#)
(535)



[Pedro](#)
(281)



[A F I](#)
(209)


[Prazer, Amato!](#)
(455)


[~Aline](#)
(671)



[Amanda \[Temari\]](#)
(372)



[Lucassesar](#)
(936)



[psycho.emo\[off\]](#)
(447)


[ver membros](#)


comunidades relacionadas



[Bad Diary Days](#)
(426)



[Revolution Summer](#)
(278)



[Penfold](#) (128)



[Small Brown Bike](#)
(206)


[Cursive](#) (1.120)





[Hot Water Music](#)
(3.403)


[Cap'n Jazz](#)
(548)


[Sunny Day Real Estate](#)
(1.116)


[Mineral](#) (1.288)

fórum [ver todos os tópicos](#)

tópico	autor	postagens	última postagem
 Metallica estimula assassinatos	f	12	17/06/2006 - 11:14
 Nipshot - Sugar (video)	f	10	16/06/2006 - 10:30
Bruno	100	15/06/2006 - 15:27	
 Igor Cavalera	Murilo	1	15/06/2006 - 10:55
	f	67	15/06/2006 - 00:01

[novo tópico](#)

eventos [ver todos os eventos](#)

título	dono(a)	cidade	data
--------	---------	--------	------

Anexo 19 – Comunidade “Real Emo”